

# BAHIA do Rio de Janeiro





A Bibliotheca do Senado  
Offerencia

na 6 de maio de 1912.

Luiz de Andrade  
Bibliotecario da mesma Casa do Con-  
gresso

A BAHIA  
DO  
RIO DE JANEIRO

32

SUA HISTORIA E DESCRIPÇÃO DE SUAS RIQUEZAS

POR

AUGUSTO FAUSTO de SOUZA

Bacharel em Sciencias Mathematicas e Physicas, Major do Corpo de Estado maior  
de Artilharia e Membro do Instituto Historico e Geographico do Brazil.

A BAHIA DO RIO DE JANEIRO

I

Guanabara gentil, formosa e bella,  
Remanso còr de anil, de alvas espumas,  
Lago de fadas, leite perfumado,  
Onde o meu patrio Rio se espreguiça.  
Os fidos lhe abençôa ; abre-lhe a entrada  
A sciencia, ao commercio, á industria, ás artes ;  
Seja o meu Rio o emporio do Universo.

(DR. J. M. VELHO DA SILVA, *Dirção*, canto 3º)

Ha um ponto no Universo, onde a mão do Creator  
parece haver-se esmerado em reunir o maior numero  
de bellezas, accumulando n'elle tudo o que póde encantar  
os olhos e arrebatrar o espirito.

É a bahia do Rio de Janeiro, a magniífica, a portentosa, a  
esplendida, a sem rival (na phrase de milhares de viajantes),  
em cujas margens fronteiras se reclinam as cidades de  
S. Sebastião, còrte do Imperio, e de Nitherohy, capital  
da provincia do Rio de Janeiro.

Tercero telmestre

2

A 418.1541  
5729  
1882

Sua posição geographica felicissima aponta-a como forçosa escala e obrigada paragem de descanso e refrigerio a toda navegação e commercio, entre a Europa e o Pacifico, entre o Norte e o Sul do continente americano. E essa mesma posição afortunada ; a vastidão, segurança e fundo de seu ancoradouro ; a formidavel defensiva de que é susceptivel ; o enorme movimento que n'ella se opera, quer por navios de alto porte e longo curso (entre os quaes paquetes para todas as cidades importantes), quer por vasos menores de navegação costeira, quer ainda por pequenos vapores e barcos que circulam a todo o momento para o littoral ; a immensa riqueza dos artigos transportados por esses milhares de navios nacionaes e estrangeiros ; a variedade e belleza dos panoramas que apresentam suas ilhas, enseadas e montanhas que a orlam ; a opulenta vegetação que matiza essas montanhas e varzeas adjacentes ; a inesgotavel abundancia de peixes das especies as mais variadas e saborosas ; são outros tantos motivos para a encherem de orgulho e lhe firmarem a supremacia sobre todas as bahias e portos conhecidos do globo terrestre.

São decorridos quasi quatro seculos, que a bahia do Rio de Janeiro foi desvendada aos olhos do mundo civilizado ; desde então tem sido ella visitada por um numero incalculavel de viajantes, exploradores, negociantes, naturalistas e curiosos ; têm sido sulcadas suas aguas pelas caravelas e bergantins dos descobridores, pelos comboios e galeões dos tributos e do commercio, pelas esquadras de todas as nações guerreiras, pelas expedições scientificas dos Solis, Magalhães, Roggewein, Cook, Byron, Bougainville, Roussin, Freycinet, Dumont d'Urville e Mouchez, pelos sabios Saint-Hilaire, Darwin, d'Orbigny, Denis, Neuwied, e Agassiz ; pois bem ! todos



têm prestado a sua homenagem de admiração e entoado hymnos de louvores a tal maravilha.

Entretanto, forçoso é dizel-o, poucos brasileiros conhecem bem o verdadeiro valor d'esse mimo com que a natureza dotou a sua terra! A não serem os pescadores e caieiros das margens e das ilhas, que apenas se importam de explorar com as redes a perenne riqueza de seu fundo; ou os catraieiros que conduzem para o mercado a lenha, os viveres e as frutas do littoral, bem poucos entre nossos patricios podem avaliar o preço da bahia, que todo o mundo admira; pois que, uns têm limitado o seu trajecto á carreira do vapor entre a côrte e Nitherohy; outros, mais amantes de excursões, têm avançado até á estação de Mauá ou á festa de S. Roque de Paquetá; mas a maior parte apenas conhece o panorama, que se desfructa do terraço do Passeio Publico, ou das praias de Santa Luzia e de Botafogo.

Um escriptor portúguez, em um interessante artigo publicado no *Diario do Rio de Janeiro* n. 7536, e transcripto na *Revista Universal Brasileira*, de Julho de 1847, alludindo a esta nossa indiferença, diz: « Tenho notado que n'este paiz (que é o filho morgado da natureza), a abastança de tantos quadros sublimes e de tantas riquezas naturaes, não inspiram aos nacionaes aquella admiração, que sente todo o viajante, todo o estrangeiro; porque aqui ha reunidas todas as galas, que a natureza espalhou com mão profusa por todo o universo e por toda a extensão dos céos e da terra.

Tal indiferença é indesculpavel; e além de revelar atrás, falta de gosto e insensibilidade pelos formosos quadros e opulencias da natureza, constitue um crime de lesopatriotismo.

Muitos de nossos patricios ha que, ao regressar de dispendiosa viagem, narram entusiasmados as bellas paizagens, que admiraram nas montanhas da Suissa, nas praias

do Mediterraneo ou nas margens do Rheno, inscientes de que em sua mesma patria, bem perto de sua habitação, existe um magico panorama, que, analysado, reúne, excedendo, todas aquellas bellezas, que elles com sacrificio foram procurar em terras estranhas.

É a esses, que desprezam o sublime que é nosso, pelo bom e mesmo pelo mediocre alheio; é a esses, que acham incommodo o passeio de um dia, quando se trata de vêr o que nunca puderão encontrar em mezes de fastidiosas jornadas; é a esses, que eu dedico o presente trabalho, desprovido de geito, mas escripto com amor, no intuito de combater tão feia indiferença.

É tão facil libertar-vos da pecha de máos patriotas, que vos lanço ! Procurai sacudir a inercia, que vos domina; tomai a resolução de fazer justiça a aquillo que tambem vos pertence; e se, julgando que exagero, quizerdes appellar para o testemunho insuspeito de vossos olhos, destinai um dia para realizar um dos dois itinerarios, que vos vou traçar (se os não aceitardes ambos), e asseguro-vos, que no fim me sereis reconhecidos por vos ter promovido o gozo de uma excursão deliciosa, da qual sem duvida guardareis por muito tempo fagueiras recordações.

#### 1.º *Itinerario.*

Suppondo que não vos agrade uma viagem sobre as ondas, ou que prefirais de um só golpe de vista abraçar o conjuncto das diversas bellezas: Escolhei uma d'essas manhãs serenas e frescas, communs na nossa terra em os mezes de Abril, Maio, Outubro e Novembro; preveni-vos com um bom oculo de alcance e um modesto farnel de viagem, e tomae, como vos fôr mais favoravel, o caminho do Cosme-Velho ou a rua do Aqueducto, em Santa Thereza, com a intenção de subir o Corcovado,

excursão muito conhecida dos viajantes estrangeiros assim que aportam ao Rio de Janeiro; mas que, para os brasileiros, diz o Dr. Macedo no seu *Passeio*, é mais difficil do que fazer uma viagem á Lisbôa.

Depois que tiverdes passado a parte mais povoada, entrareis em uma estrada pittoresca, em que as habitações vão-se tornando mais raras, até se acabarem de todo, ao passo que a vegetação se torna mais interessante por sua desordem e espontaneidade. No fim de algum tempo chegareis á Caixa d'Agua, construcção vasta e solida, já por si um excellente pretexto para uma jornada matutina; e, ao cabo de pequena demora, continuareis a marcha, sempre debaixo de agradavel sombra, não vos descuidando de ir prestando attenção aos lindos paineis, que, sem interrupção, se vão desdobrando á vossa direita ou esquerda, conforme as differentes voltas, em zig-zag, pelo flanco da montanha; e assim chegareis á chapada das Paineiras. N'este sitio encantador, sob o caramanchão situado no centro de pequena praça ajardinada, encontyareis larga mesa, onde fareis o vosso *pick-nick*, satisfazendo o appetite desafiado pelo trajecto, ao mesmo tempo que extasiareis os olhos com a admiravel paisagem, que d'esse elevado ponto já se desfructa; os ouvidos, com o alegre canto dos passarinhos e o doce murmurio do *crystallino Carioca*, que corre proximo, no aqueducto; o olfacto, aspirando a perfumada emanação de mil flôres silvestres; e sentireis um bem-estar indefinivel, banhado pela pura e suavissima aragem, que, mesmo com o sol a pino, faz desconhecido o calor em tão aprazivel paragem.

Até então a subida setem realizado por fraco declive, e pôde ser feita a cavallo; das Paineiras em diante ha mais alguma difficuldade; e, por mais commodista que sejais,



tendes de continual-a a pé, e, sem esquecerdes de conduzir algum supprimento de agua, visto que, d'esse ponto em diante, não mais a encontrareis. Console-vos, porém, a idéa de que, além de estar proximo o vosso objectivo, tereis a meia distancia uma optima estação de parada, sob gigantesco guarda-sol de madeira, mobiliado com uma mesa e rusticas poltronas, que, apesar de duras, vos parecerão confortaveis.

Tendo repousado ahi um pouco, continuai a ascensão durante uns dez minutos, findos os quaes, avistareis um recinto murado, cuja entrada assenta sobre degráos abertos na rocha. Subi esses degráos, penetrai no recinto; e, asseguro-vos, subitamente esqueceréis a fadiga, o calor, a sêde e qualquer outra contrariedade da jornada.

Estais no cume do Corcovado! Perante vós desvenda-se agora o mais grandioso espectaculo, que é dado gozar a olhos mortaes!

A um lado, a esplendida bahia, a grande cidade Imperial com seus risonhos contornos; em frente a esta, a formosa Nitherohy, meio occulta entre as montanhas; no centro, a multidão de graciosas ilhas, a floresta de mastros dos navios surtos no porto, os vapores sulcando as ondas em todas as direcções; no fundo, a linha de serras circumdando a colossal bacia; do outro lado, as ilhas situadas fóra da barra e um horizonte immenso, limitado ao longe pela abóbada celeste; e tudo isto coroado pelo céo do mais sereno azul, que fez exclamar o nobre indio Aimbiré da *Confederação dos Tamoyos*:

Terras em que eu nasci, como sois bellas!  
Como és formoso, ó céo do Guanabara!  
Mais azul do que as pennas da araruna!

Por mais prevenido que esteja o vosso espirito de que ides vêr um quadro arrebatador, por mais entusiasta que

sejais de qualquer outra paizagem vossa conhecida, ou ainda, por mais indifferente que vos mostreis perante as manifestações do bello, aqui não podereis reter um grito de admiração e por algum tempo ficareis extatico e pasmado, sem saber para que lado vos volteis, porque o phantastico scenario para qualquer d'elles estende novas maravilhas !

Quando, em 1817, esteve entre nós a corveta franceza *L'Uranie*, a commissão scientifica de que faziam parte os sabios Freycinet, Gaudichaud, Guimard e o desenhista Jacques Arago, fez uma excursão ao alto do Corcovado ; e quando, no fim de seus tres annos de circumnavegação, durante os quaes foram visitados os pontos mais notaveis do globo, o chefe Freycinet teve de relatar os factos mais importantes d'ella, assim se expressou em relação ao panorama visto do Corcovado : *Non, jamais, je l'avoue, un spectacle aussi imposant n'avait frappé mes regards, n'avais rempli mon âme de sensations plus délicieuses.* E o mesmo Arago, quando já cego fez, em 1854, uma terceira visita ao Rio de Janeiro, era movido de saudosas recordações, que escreveu no seu livro *Les deux Oceans* : « Quando se chega a esta cidade, não se póde resistir ao desejo de subir ao alto do Corcovado, d'onde se desenha a mais admiravel paizagem, que existe em todo o universo. »

De La Salle, relator da viagem de circumnavegação da corveta *La Bonite* (1836—1837), conta ter ido ao Corcovado, o passeio favorito do Imperador D. Pedro I, e confessa ser-lhe impossivel exprimir a sensação que d'elle se apossou. « Foi mais que admiração ; foi uma exaltação religiosa, um santo respeito para com o Creator, um profundo sentimento de sua infinita grandeza e do nada da creatura humana. »

Carlos Darwin, o notavel autor da obra *Viagem de um*

*naturalista a bordo do Beagle* (1831—1836), diz sobre o mesmo objecto : « N'essa elevação a paisagem decora-se com tintas tão brilhantes, as fórmas e as côres excedem tanto, em magnificencia, tudo o que o Europeu viu em seu paiz, que lhe faltam expressões para descrever o que sente. »

O escriptor argentino D. José Maria Cantillo, delineando na *Revista Litteraria de Buenos-Ayres*, de Agosto de 1874, um passeio que ahi fizera quando esteve no Rio de Janeiro, assim se exprime : « Que maravilhoso espectáculo ! Que esplendido panorama ! Que paizagem indescriptivel ! A immensa bahia parecia um prato de agua, sobre o qual passava uma camada de nuvens, que interceptavam o sol. As casas eram series de pontos brancos ; as ruas linhas quasi imperceptiveis ; os trens e carros tinham fórmas microscopicas. Tomei os rumos : ao oriente o sol começava a sua carreira ; procurei Botafogo, o Pão de Assucar, a Gávea, e depois o Jardim-Botanico com a sua rua de palmeiras gigantes, que então me pareciam anãs, em uma extensão que semelhava poucos passos humanos. Flócos de nuvens, desdobrando-se pelas fraldas do Corcovado, cobriam pouco a pouco a cidade, a bahia e os contornos. Por cima d'elles o sol, e sobre nossas cabeças o purissimo azul do céu. Examinámos com oculo e vimos, que chovia sobre a cidade. Que delicioso espectáculo !... Se um viajante de nosso paiz passar pelo Rio de Janeiro, detenha-se um dia e visite aquelles sorprendentes monumentos da natureza. Ha alli muito que vêr, muito que admirar, muito que aprender. »

Dos escriptores nacionaes poucos se têm occupado com tal assumpto ; em compensação dois poetas illustres tentaram esboçar o primoroso quadro, embora se declarem desanimados perante a magnitude d'elle. Um, o pranteado

Porto-Alegre, poeta e pintor; querendo, em uma das *Brasilianas*, esboçar a scena, que teve um dia inteiro diante dos olhos, exclamou :

Por onde começar ? Minha alma inteira  
Assaltam de improviso mil bellezas,  
Qual assaltam de tarde nuvens d'aves  
No oceano um penhasco solitario.  
Faltam-me os olhos, a linguagem falta ;  
Quizera ter, qual Briareu, cem braços,  
Pulsar cem lyras, alinhar cem vozes,  
E um só hymno exalçar, pasmando o mundo.

Outro, o inspirado Magalhães, no 6º canto da *Confederação dos Tamoyos*, sem duvida um dos mais bellos d'esse poema, faz apparecer em sonhos o mancebo S. Sebastião ao indio Jagoanháro, e, conduzindo-o ao cimo do Corcovado, d'ahi lhe aponta a magnifica bahia, e esta vista lhe abala mais profundamente o animo, do que o conseguira antes o valente Tebyreçá com seu energico discurso :

Que grandeza ! Que immensa magestade !  
Que espantoso prodigio se levanta !  
Que quadro sem igual em todo o mundo !  
Onde o sublime e o bello em harmonia  
O pensamento e a vista attrahe, enleva,  
E faz que o coração extasiado  
Se dilate, se expanda, e bata e impilla  
O sangue em borbotões pelas arterias !  
Os olhos encantados exorbitam,  
E lagrimas de amor n'elle borbulham,  
Como as vibradas cordas de uma lyra,  
De almo prazer os nervos estremecem ;  
E o espirito pairando no infinito,  
Do bello nos arcanos engolfado,  
Parece alar-se das prisões do corpo,

## 2º Itinerario :

Admittamos, porém, que não vos assusta um passeio

sobre as aguas, ou que, não satisfeito de sómente avistar de longe a bahia, prefirais examinal-a de perto, não dispensando nenhuma de suas particularidades. N'este caso, a digressão melhor se fará em agradável companhia; e para isso elegereis alguns amigos experimentados como bons companheiros para excursões d'este genero; preparareis o indispensavel fornecimento de boca, fretareis uma lancha a vapor ou *bond maritime*; e, aproveitando uma fresca madrugada, mandai seguir a embarcação no rumo da barra, descrevendo uma curva á direita, afim de bem perceberdes as enseadas da Gloria, Flamengo, Botafogo e praia da Saudade, embora sejam esses sitios muito vossos conhecidos.

Chegando perto da fortaleza de Santa Cruz, e, depois de saudar suas formidaveis casa-matas, fazei prôa para o norte, isto é, para o lado do fundo da bahia; e approximando-vos da margem oriental, ou á vossa direita, tanto quanto o permittir o calado da náó exploradora, ide percorrendo o contorno, que, qual variegada renda, vai orlando caprichosamente o circuito; e, se sois apreciador das bellezas naturaes, certamente encontrareis fartos objectos para vos occupar com prazer os olhos e o espirito durante algumas horas.

Aqui, admirareis uma enseada, cujas aguas placidas figuram um poetico lago; alli, uma alva e singela capelinha sobre empinado monte; acolá, uma risonha habitação isolada entre robusta vegetação, mirando-se no espelho liquido; mais além, um archipelago de verdejantes ilhas semelhando um punhado de esmeraldas engastadas em um chão de saphira; adiante, uma praia de nivea arêa, provocando um delicioso banho; a serra, que vai se estendendo ao longe até confundir-se com o azul do céu; um bando de alvissimas gaivotas, ora balançando-se sobre

as ondas, ora agitando suas azas no espaço ; uma fabrica ou engenho com o seu pennacho de fumo, denunciando um centro de industria e de trabalho ; a embocadura de um sinuoso rio ou modesto regato, que vem de longe trazer o tributo de suas aguas á vasta bacia ; um campo a perder de vista, matisado de medio gado, fazendo, por suas diversas côres, o effeito de um jardim ambulante ; um morro coberto de verde-claro cannavial, no qual se destaca a escura floresta, que o corôa ; um grupo de penedos, cujos cabeços esbranquiçados e lisos surgem á tona da agua ; e assim mil accidentes e quadros variadissimos, que, sem cessar, vos passarão diante dos olhos.

Como n'um panorama, invenção rara  
De engenhoso francez, mudam-se as scenas  
Pelo effeito da luz, varia disposta ;

segundo a feliz comparação do cantor dos *Tamoyos*, no canto 6º, já citado.

Quando o calor do sol vos aconselhar um refrigerio, ou quando o estomago, qual vigilante machinista, vos reclamar um supprimento de combustivel, escolhei uma d'essas formosas ilhas cingidas de frondoso arvoredos, ou de altos coqueiros, que, agitando brandamente seus leques, parece vos convidar que a visiteis ; mandai atracar a vossa lancha, saltai em terra, e ahi, sobre um viçoso e fresco taboleiro de verdura, fareis encantadora estação, restaurando as forças, no meio das galas de luxuriante natureza, realçadas ainda pela espirituosa conversação da selecta sociedade.

Mas, por mais que até então tenhais apreciado da formosa bahia, bastante vos faltará ainda, pois que não é possível observar devidamente tudo em um só dia ; e por

isso, ou vos decidis a passar o resto do dia n'esse aprazível lugar, adiando a continuação para nova excursão complementar ; ou então vos resolveis a proseguir logo depois da refeição. N'este caso, levantando acampamento e voltando para bordo, fareis agora seguir o baixel por proximo da margem occidental, onde se desenvolverá nova successão de variadas paizagens, e tendo occasião de gozar o extraordinario effeito do pôr do sol, quando o jogo de luz, combinando nas nuvens bellissimas côres, reflectindo-as nas aguas e mudando de nuanças de instante a instante, formam um quadro tão estranho e grandioso, que John Mawe no Cap. IX da *Viagem ao interior do Brazil*, e A. de Pascual na 9ª leitura do seu *Ensaio Critico*, declaram, em relação a esse phenomeno, nada terem visto até então, que se lhe compare.

D'esta fôrma tereis completado o vosso passeio, recolhendo-vos á casa com o coração repleto de recordações fagueiras, e dizendo como Porto-Alegre no final de sua *Brasiliána* :

Cansada está minha alma, estão meus olhos  
De tanta magestade ! Eu te agradeço  
Oh ! destino feliz, que me guiaste  
A este panorama !

Uma excursão como esta foi realizada pelos officiaes da expedição scientifica, que aqui veiu em 1857 na fragata austriaca *Novara*, excursão em que reinou constantemente a alegria, o arrebatamento e o enthusiasmo, segundo relatou o mesmo Porto-Alegre no discurso da sessão solemne do Instituto Historico, em 15 de Dezembro d'esse anno.

Effectuando o passeio conforme aqui fica delineado, sentireis impressões semelhantes ás que experimentam os navegantes quando entram na nossa bahia, e caminhareis da

parte mais conhecida para a menos devassada ; se, porém, resolverdes inverter a ordem do projecto, isto é, a partir do cáes segair para o fundo da bahia, percorrendo as margens a começar pela que agora vos fica á esquerda, obtereis a vantagem de ir chegar á barra ao cahir da tarde ; e então estareis em excellentes condições de apreciar, olhando para o quadrante de sudoeste, o assombroso painel do *Gigante que dorme*, digno termo de vossa excursão.

Talvez me digais, que a pintura, que ora vos apresento, merece suspeição por ter sido traçada por mão de quem tudo vê através do prisma do patriotismo. A prova, de que assim não é, encontra-se no facto muito concludente de não haver um só escriptor estrangeiro ou nacional, que, tratando de proposito ou accidentalmente da bahia do Guanabara, não se possua de admiração perante a magnificencia do seu panorama. Adiante transcreveremos muitas de suas phrases repassadas de entusiasmo, nas quaes parece haver-se esgotado toda a serie de interjeições e de adjectivos lisongeiros sendo notavel que não discordem n'essa harmonia, nem mesmo aquelles, que, como os Biard, Expilly, Mansfeldt, Suzannet, Dabadie e outros, portaram-se com ingratição, pagando a generosa hospitalidade, que receberam, com calumnias e ridiculos, escurecendo o que acharam de bom e exagerando com verdadeira maldade aquillo, que (como muita cousa em seus paizes) póde atrahir reparo e censura.

## II

### SUA HISTORIA

Infere-se de muitas obras antigas a opinião, adoptada por Cazal e outros autores, que a nossa bahia foi avistada



pela primeira vez por João Dias Solis, que, seguindo do cabo de Santo Agostinho para o sul, aqui aportou, indo depois pagar com a vida a gloria de haver dado por algum tempo o seu nome e ao actual Rio da Prata.

Está, porém, hoje admittido, que, um anno depois da casual descoberta do venturoso Cabral, uma expedição de tres velas, tendo por piloto Americo Vespuccio (mas discordando os autores quanto ao nome do chefe, que a commandava), foi incumbida de explorar as novas terras; e por esta occasião foram recebendo denominações tiradas do calendario romano, os diversos pontos a que ia chegando, cabendo a esta bahia a de *Rio de Janeiro*, porque, suppondo-a foz de um rio, ali aportaram em 1 de Janeiro de 1502 (1).

Em 1515 realizou-se a citada viagem de Solis; e, quatro annos mais tarde, Fernando de Magalhães entrava na soberba bahia, a 13 de Dezembro de 1519, e, quer ignorasse o nome improprio que a ella haviam dado, quer porque reconhecesse que não era foz de um rio, chamou-a *Bahia de Santa Luzia*; e no fim de duas semanas proseguiu sua derrota em busca do estreito, que devia levar o seu nome ás gerações futuras.

---

(1) O visconde do Rio-Grande, na obra *O Fim da Creação*, pag. 319 diz, que o primeiro nome, que teve a nossa bahia foi *Lago* ou *Rio de Genebra*, que depois se tornou em *Rio de Janeiro*. Isso não é exacto. Lery foi quem escreveu *Rivière de Geneure*, que é antes corrupção de Rio de Janeiro, nome conhecido em época anterior a Lery. Assim tambem Varnhagem no *Panorama de Lisboa*, de 5 de Outubro de 1844, disse, que, baseado em documentos, podia affirmar ter sido o primeiro nome de nossa bahia o de *Bahia de Cabo-Frio*, que suppunha datar de 1502. Mas, na sua *Historia Geral do Brasil*, dada á luz em 1854, nada mais tendo dito a respeito, faz isso crêr, que perdeu a fé, que tinha nos alludidos documentos. Sobre este assumpto lêa-se a nota do mesmo Varnhagen ao *Diario de Pero Lopes de Souza*, *Revista Trimensal do Instituto*, 1861, 1.º trimestre, pag. 84.

Sete annos mais tarde, Christovão Jacques, em outra viagem de exploração, tendo de assentar padrões em varios pontos das novas possessões portuguezas, escolheu para o 1º a enseada dos Marcos, na latitude de seis grãos; para o 2º a enseada da Bahia de Todos-os-Santos, a 13 grãos; e para 3º a barra de Cananéa, a 25 grãos. Ora, constituindo a barra do Rio de Janeiro uma notavel e excellente posição para ser n'ella assentado o 3º marco, que assim ficaria distando do antecedente pouco mais de nove grãos em lugar de 12, é razoavel suppôr, que o demarcador tivesse passado avante sem ter visto esta bahia, facto esse que terá explicação em haver-se elle afastado muito da costa, ainda pouco conhecida, ou porque houvessem espessos nevoeiros encoberto a estreita embocadura, justificando d'esta fórma a denominação *Nicterohy* (agua escondida), pela qual era appellidada pelos indigenas (2).

Em 1531, resolvendo D. João III conhecer melhor os seus dominios do novo mundo, enviou a armada de Martim Affonso de Souza, a qual, reconhecendo a costa, de norte a sul, entrou n'esta bahia a 30 de Abril, confirmando o

---

(2) Outros davam-lhe o nome de *Guanabára*, *Ganabára* ou *Guaná-pará* (seio de mar), como suppõe Varnhagen. Ha razões para acreditar, que as duas denominações *Nitherohy* e *Guanabára* se applicavam, aquella á margem oriental e esta á occidental; outras considerações fazem suppôr, que aquella designação se referia mais particularmente á parte da bahia, onde se acham as duas cidades, e esta ao seio mais largo e interior, onde existem quasi todas as ilhas e desaguan os rios mais consideraveis.

De varios modos se tem escripto a primeira d'essas denominações: Simão de Vasconcellos escreveu *Nhiteró*; Durão e Brito Freire, *Nitheroy*; Fr. Gaspar da Madre de Deus, Macedo, Abreu Lima e J. Norberto, *Nitheroy*; Ayres do Casal, *Nitherohy*; Pizarro, *Nhitherohy*; Varnhagen, Januario e Cayrú, *Nitheroy*, Fr. Francisco de S. Carlos, *Netherohy*; Magalhães, *Nitherohy*; Fr. Diniz, *Nitheroy*; Duarte Nunes, *Niteroy*; e, finalmente, Hans Staden, *Iterone*, que talvez seja o exacto.

chronista Pero Lopes, no seu *Diario*, a primitiva denominação de *Rio de Janeiro*, a qual ficou conservando até hoje (3). Ahi demorou-se Martim Affonso tres mezes, estabelecendo em terra uma ferraria para concertar varias peças dos seus navios (4), seguindo para o sul em 1 de Agosto; e encantado pela belleza do sitio, bem como pela feliz posição e fertilidade de toda a região, que lhe fica proxima, sendo encarregado da demarcação dos lotes, que iam ser distribuidos pelos primeiros donatarios, elle teve o cuidado de incluil-a no seu quinhão, de preferencia aos territorios do norte, os quaes, por serem mais conhecidos e por ficarem a menor distancia da metropole, parece, que deveriam merecer-lhe a primazia.

Infelizmente, de posse do almejado lote, Martim Affonso commetteu o erro de não tratar logo de fundar ahi um nucleo de população, e deixou tão bella paragem entregue á natureza, de modo que, quando 20 annos mais tarde n'ella aportou o primeiro governador-geral Thomé de Souza, ao dar a El-Rei noticia d'essa bahia, e como se se referisse a um sitio inteiramente desconhecido, *parece não ter cõpressões com que encarecesse sua importancia*, conforme se

---

(3) Fr. Francisco de Santa Maria, Fr. Gaspar da Madre de Deus, Silva Lisbõa, Casal, Pizarro, Mello Moraes e outros, julgam, que foi Martim Affonso quem deu o nome de *Rio de Janeiro*, por haver ahi chegado a 1 de Janeiro de 1532; mas essa proposição não pôde mais ser sustentada depois que foi divulgado o *Diario* de Pero Lopes na *Revista Trimensal do Instituto*, tom. 24, 1861.

(4) « Não é fóra de proposito suppór, que esse estabelecimento fõsse situado na boca do riacho (hoje Cattete), e que d'ahi se originasse o nome *Cary oca*, casa de branco » diz Varnhagen no 1º tom. da *Historia Geral*, pag. 439. Entretanto, a opinião mais seguida é, que Martim Affonso desembarcou e occupou o sitio, onde está hoje o Hospicio de Pedro II, que por muito tempo conservou a denominação de *Porto de Martim Affonso*.

expressa Varnhagen á pag. 210 do 1º tomo da sua *Historia Geral do Brazil*.

Ao genio francez não passou desaperecebido o abandono de tão rica região, muito conhecida já dos navios d'essa nação, os quaes livremente a frequentavam, realizando opulentos carregamentos de madeiras de lei e especiarias; e por isso, tres annos depois da vinda de Thomé de Souza, isto é, em 1555, Villegaignon, auxiliado por Henrique II, emprehendendo fundar uma colonia na America, escolheu este ponto, e investindo a barra, que encontrou sem defensores, occupou a ilha de Sery-gipe, hoje de Villegaignon; e construindo n'ella o forte de *Coligny*, projectou fundar a cidade de *Henriville* na praia fronteira (talvez a actual de Santa Luzia) (5), tratando, entretanto, de angariar a affeição dos *Tamoyos*, que habitavam nas circumvizinhanças.

Sabedor d'isto, no fim de quatro annos (!) o governo portuguez mandou ordem expressa e reforços ao terceiro governador-geral Mem de Sá, para que restaurasse o territorio occupado; o que este executou, sahindo da Bahia em 16 de Janeiro de 1560 e chegando ao Rio de Janeiro em 21 de Fevereiro, intimou ao inimigo a que se rendesse; em virtude da recusa d'este, atacou-o no dia 16 de Março, venceu-o, não obstante a vigorosa resistencia de 150 francezes e mais de 1,000 *Tamoyos*; e, contentando-se em

---

(5) O escriptor Thevet deu como fundada a cidade franceza de *Henriville*, e alguns autores têm seguido sua opinião. Acreditamos, porém, que nunca tal fundação passou de projecto, e além de outras razões que temos para assim pensar, merece-nos todo o credito o seguinte trecho do 7º capitulo da obra de Lery, que melhor do que ninguem devia saber d'isto:

« . . . . *quãd nous parlâmes de ceste terre du Bresil qui fut plvs d'un an apres Thevet, ie mentien qu'il n'y avait aucune forme de bastiments, moine uillage ni uille à l'endroit ou il nous en a marqué et forgé une vraiment fantastique.* »

arrazar o forte, abandonou o territorio, conduzindo a artilharia e um navio inimigo (6).

Deixando ainda de fundar ali uma colonia, repetiu Mem de Sá o erro de Martim Affonso, erro agora menos justificavel, pois que não devia ignorar a opinião, que déra e a ordem, que recebêra seu antecessor Thomé de Souza, como se depreheende das seguintes linhas, que em 1552 dirigira ao Rei :

« Parece-me, que V. A. deve mandar fazer ali uma povoação honrada e bôa, porque já n'esta costa não ha rio, em que entrem francezes senão esta. . . E escusar-se-hia com esta povoação, armada n'esta costa. . . E se não fiz fortaleza este anno no dito rio, como V. A. me escrevia, foi porque o não pude fazer, por ter pouca gente e não parecer sizo derramar-me por tantas partes. »

Os francezes, ao verem o abandono de Mem de Sá, não se afastaram do littoral, e, *porque como aos lyrios que se não arrancaram de todo as raizes, lhes foi facil tornar a florescer* (como diz Rocha Pitta ao citar este facto), elles voltaram ás antigas posições, entrincheiraram a aldêa indigena de Uruçumirim (7), no sitio em que é hoje a praia

---

(6) A data d'esse combate é a que consta da carta de Mem de Sá á rainha D. Catharina, transcripta na *Memoria* de Duarte Nunes e no 1º tom. da *Revista Trimensal do Instituto*. Alguns autores, e entre elles Fr. Francisco de Santa Maria (*Anno Historico*) e Joaquim Norberto (*Memoria sobre os aldeamentos*), dizem, que o combate tivera lugar a 20 de Janeiro, confundindo este com o outro combate, que foi ferido d'ahi a sete annos.

(7) Não concordam os escriptores no modo de designarem esta aldêa. Casal escreve *Urusumiri*; Fr. Agostinho de Santa Maria, *Vrassumiri*; Vasconcellos e Abreu Lima, *Uraçumiri*; Varnhagen, *Uricumerim*; Balthazar Lisbôa, *Phucumeri*; Pisarro, *Uruçumiri*; o conego Januario, *Vrussumiri*; Duarte Nunes, *Urasû-mery*; Magalhães, *Uruçumerim*; Moreira de Azevedo, Pinheiro, Macedo e Joaquim Norberto, *Urucumirim*.

do Flamengo, assim como mais para dentro da bahia a ilha de Paranápum (8), e n'ellas se mantiveram, estreitando suas relações com os *Tamoyos*, e sem terem quem os incommodasse, durante outros seis annos (!).

Por esse tempo, os missionarios Nobrega e Anchieta faziam prodigios no Brasil com a sua palavra inspirada; e, tendo conseguido negociar a paz com os chefes indigenas da capitania de S. Vicente, entendeu o governo que era a occasião mais azada para se tratar da completa expulsão dos francezes do Rio de Janeiro e de fundar a cidade como o aconselhára Thomé de Souza; e, n'esse intuito, enviando Estacio de Sá com alguns re'orços a seu tio Men de Sá, ordenou a este que auxiliasse efficazmente tal empreza.

Chegando Estacio ao Rio de Janeiro, em Março de 1565, e verificando não ter forças sufficientes para desalojar o inimigo, forte como se achava, desembarcou a sua gente logo á entrada da barra, no porto de Martim Affonso, estabelecendo perto a *Villa Velha* (9), cobriu sua posição com trincheiras, e ali se manteve perto de dois annos, combatendo sem cessar, ora com navios francezes que demandavam a entrada, ora com numerosas canôas tripuladas por indios; até que Mem de Sá, conhecendo os

---

(8) Alguns escrevem *Paranápuqui*; outros, como Magalhães, *Parnapicuhy*; Joaquim Norberto, *Paranápuçuhy*; Januario, *Paranamápucui*; mas parece ter razão Varnhagen escrevendo *Paranápuam* (ilha do mar) que designa bem essa ilha (hoje do Governador), situada no lugar em que a bahia tem maior largura; e era muito facil com a má letra antiga tomar a terminação *am por cui*.

(9) A maior parte dos autores opinam que a *Villa-Velha* fundada por Estacio era situada na praia entre o Pão de Assucar e a ponta de S. João; outros, que era no local em que está hoje a escola militar; Varnhagen, na nota 78 do 1º tom. da *Historia Geral do Brasil*, apresenta as razões que tem para suppôr que foi na praia, hoje da Saudade, conhecida outr'ora por *Porto de Martim Affonso*,

apertados transes, em que se achava seu sobrinho, reuniu toda a força que lhe foi possível, e em 18 de Janeiro de 1567 chegava á barra com 5 galeões e 6 caravellas, resolvendo-se desde logo um ataque geral para o dia 20, afim de alcançarem o soccorro de S. Sebastião, padroeiro da cidade.

Com effeito, no dia 20, depois da missa e orações do costume (porque então, mais ainda do que hoje, se acreditava que o Deus da paz e da concordia favorece os odios e as guerras humanas) foi accommettido o entrincheiramento de Uruçumirim, travando-se meñonho combate, que só terminou depois de prodigiosos feitos de bravura, não escapando com vida um só francez ou tamoyo; pugna horrorosa, de que tentaram dar idéa os nossos poetas Durão e Magalhães nas seguintes e bellas linhas de seus poemas :

Parte do vasto monte envolta em chamma  
A cinza cobre o céu caliginosa,  
Muge o chão, treme a terra, o pégo brama :  
E o mortal espantado e tremebundo  
Crê que o céu caia e que se funda o mundo.  
(*Caramurú*, canto 8º, est. 52).

Trava-se horrenda e se encarnaça a luta,  
Roncam bombardas, arcabuzes troam,  
Balas e flechas pelos ares zunem,  
Ninguem cede em valor ao seu contrario.  
E no ardor de matar, ninguem se guarda.  
(*Confederação dos Tamoyos*, canto 10º.)

e talvez com maior energia ainda, é ella descripta pelas seguintes palavras do nosso historiador Rocha Pitta :

« Exitado do valor, pelejaram tambem os elementos : o fumo e as settas tinham occupado o *ar* ; as balas e o estrôndo levantavam as *ondas* ; tremia a *terra* na contingencia de quem a havia de possuir ; o *fogo* achava varias materias em que arder : tudo era horror. »

Sem tomar repouso, e seguindo logo após contra as trincheiras da ilha de Paranapuam, assestaram a artilharia, e depois de a baterem por algum tempo, é ordenado o assalto; Estacio dá o exemplo da coragem, combatendo á frente dos seus, até que mortalmente ferido por uma flecha no rosto,

Caíndo o heroe, na espada, que conserva,  
Adora humilde a cruz e perde a falla ;  
Banha-se em sangue o chão e em tanta gloria  
Regada a terra produziu victoria.

(*Caramurá*, canto 8º, est. 57).

e d'esta sorte as flechas, que ornam o escudo da cidade, tornaram-se mais expressivas, pois que a um tempo comemoram os soffrimentos do seu padroeiro e do seu primeiro fundador.

« Nunca houve guerra, diz o historiador Southey, em que, se empregando tão poucas forças de parte a parte, se obtivesse tão importantes consequencias. Menos energico fôsse Mem de Sá, ou Nobrega menos habil, e esta cidade, hoje capital do Brasil, seria franceza e não portugueza. »

A derrota dos guerreiros *Tamoyos* trouxe a triste necessidade de abandonarem, com suas familias, as margens da sua querida Guanabara. « Tudo fugiu (diz o illustre autor da *Memoria sobre os aldeamentos*), ou tudo caminhou errante pelas brenhas ; as mãis com os filhinhos ao cólo, os homens carregados de suas armas e utensilios ao susurro mysterioso do maracá, e proseguiram de sul para norte, procurando, como os *Tupinambás*, as mesmas veredas que haviam trilhado seus antepassados. Esses restos de tão valente tribu, que defenderam até o ultimo esforço a sua bella Guanabara, com a sua bahia escondida, a terra invejada do Carioca com a sua fonte poetica, repleta de tradições e de reminiscencias de seus bardos, ou fugiram, ou tiveram de



aceitar a paz com a unica condição da conservação da vida! »

Varrido de inimigos todo o territorio, Mem de Sá, reconhecendo a impropriedade do local para assento da cidade, resolveu transferil-a mais para o interior, encostada ao monte de S. Januario, onde o ancoradouro era abrigado pelo pontal, que depois se chamou do Calabouço; para defendel-a começou os fortes de Nossa Senhora da Guia e de S. Theodosio, na entrada da barra, os de S. Thiago e de Santa Cruz, nos flancos da nova cidade, onde hoje estão o arsenal de guerra e a igreja da Cruz; e tendo de acudir ao seu governo geral na Bahia, deixou como 2º governador do Rio de Janeiro a outro seu sobrinho, Salvador Corrêa de Sá, que já era vantajosamente conhecido por sua capacidade e serviços (10).

Empenhado em dar todo o impulso á nascente cidade, promovendo as construcções, estabelecendo os jesuitas (preciosos na cathequese) no primeiro templo christão, edificado no Castello, e animando a lavoura com o assentamento do primeiro engenho na ilha, que, por ser de sua propriedade, ficou se chamando do *Governador*, teve ainda Salvador Corrêa de sustentar por algum tempo rudes combates, com navios francezes e com canôas de indios ferozes (11);

---

(10) No primeiro numero do *Ostensor Brasileiro*, o distincto escriptor José Albano Cordeiro tentou demonstrar, que fôra Estacio e não Mem de Sá, quem transferiu a cidade para o novo local. Além de ser essa proposição contraria ao que affirmaram Laet, Pizarro, Duarte Nunes, etc., é razoavel acreditar, que essa transferencia se effectuasse, quando já não haviam inimigos de permeio, na praia do Flamengo e immedições; e, portanto, depois do ferimento e morte de Estacio de Sá.

(11) Nas pags. 58 e 172 da *Memoria sobre aldeamentos*, por Joaquim Norberto, trata-se de dous d'esses combates navaes; e para solemnisar uma d'essas victorias foi instituida uma festa a S. Sebastião,

sendo em seus trabalhos lealmente coadjuvado pelo heroico Martim Affonso Ararigboia, chefe dos *Temiminós*, o qual, fixando o seu aldêamento na praia fronteirã, junto ao morro de S. Lourenço, d'ahi, qual aguia vigilante, estava prompto, dia ou noite, a cahir sobre os inimigos da cidade; prestando serviços tão notaveis, que mereceu do Rei um vestido de seu uso e o habito de Christo, distincções então da maior valia (12).

Em consequencia dos successos referidos, melhor informada a metropole ácerca da posição do Rio de Janeiro, reconheceu, que o ponto era optimo para séde de um governo mais importante; e como fallecesse Mem de Sá pouco depois, em 1573, ficou o governo geral do Brasil dividido em dois, tendo o do sul por assento a nova cidade; divisão ephemera, pois que, no fim de quatro annos, considerações politicas fizeram voltar tudo ao antigo estado.

---

com a denominação de *feira das canoas*, a qual, diz Fr. Agostinho de Santa Maria (*Sanctuario Mariano*), ainda se realizou no anno de 1713. V. *Corogr. Hist. de Mello Moraes*, 1<sup>o</sup>—2<sup>a</sup> parte, pag. 230.

(12) Varnhagen *Hist. Ger. do Brasil* (1<sup>o</sup>—256), afirma, que no Aterrado, antiga Bica dos Marinheiros, esteve a tribu de Martim Affonso Ararigboia. O conego Pinheiro (*França Antarctica*) contesta, visto concordarem todos os escriptores, que a aldeia indigena existio sempre em S. Lourenço, e ficar isso exuberantemente provado na *Memoria sobre os aldeamentos*. Convém, porém, lembrar, que Gabriel Soares, tendo escripto seu *Roteiro Geral* em 1587 com alguma minuciosidade, é quem dá o nome de *Martim Affonso* ao esteiro, que vai ao Aterrado, não o confundindo com o *porto de Martim Affonso*, em que fundeou Martim Affonso de Souza em 1531. Ora, pelos documentos transcriptos na citada *Memoria sobre aldeamentos*, vê-se, que, embora Antonio de Marins houvesse doado os terrenos de S. Lourenço ao Ararigboia e seus indios em 1568, elles só tomárão posse em 1573, e como não sabemos ao certo, onde assistirão elles durante os cinco annos de intervallo, é razoavel suppôr e concilia as differentes asserções, que a aldeia dos *Temiminós* antes de ser definitivamente assentada em S. Lourenço, occupára o local proximo do Aterrado, á beira da bahia e oeste da nova cidade.

D'ahi em diante foi progressivamente augmentando a população e importancia das duas margens fronteiras da bahia de Nitherohy; mas até o fim d'esse seculo os chronistas apenas podem destacar os seguintes factos:

1º.—O estabelecimento da Armação para a pesca das baleias, que infestavam a bahia, na ponta perto de S. Lourenço, a qual se ficou chamando da *Armação*. Não se sabe ao certo a data do seu principio; mas, uma provisão de 18 de Novembro de 1581, citada na *Memoria da fundação da cidade*, por Duarte Nunes, faz allusão a esse contrato.

2º.—A instituição da Santa Casa da Misericordia, a qual, teve modesto começo por esforços do veneravel Anchieta, em 1582, por occasião da chegada da frota de 16 náos de D. Diogo Baldez, batida das tormentas desde o cabo de Horn, e que trazia com escorbuto a maior parte da gente. Essa santa instituição, que começou por um abarracamento na praia de Santa Luzia, foi adquirindo tão notavel incremento, que actualmente pôde ser, pela sua opulencia, ordem e caridade, apontada como modelo de estabelecimentos d'essa natureza.

3º.—A desastrada morte do grande Ararigboia, que afogou-se casualmente nas aguas da bahia. Esse facto teve lugar, segundo a opinião geral, junto á ilha do Mocanguê-mirim, não longe de sua aldêa; entretanto o general Abreu Lima (*Historia do Brazil*) e o Dr. De-Simoni (*Gemidos poeticos*) indicam a ilha do Fundão, no lado opposto da bahia, perto da costa de Inhaúma. É desconhecida tambem a data d'esse triste successo, affirmando apenas Varnhagen (nota á pag. 256 do 1º tomo da *Historia Geral do Brasil*) que o valente chefe vivia ainda em 1587 (13).

---

(13) No *Anno Biographico* 1º 338, cita Macedo o facto de haver Ararigboia salvado das ondas o governador Salvador Corrêa, que cahira ao mar durante furiosa peleja travada em canoas. Não sabemos onde o

4º.—A edificação da ermida de Nossa Senhora do O', onde hoje está a capella imperial, em 1580; e das duas igrejas: de S. Bento, em 1589, no morro que limitava a cidade ao norte, e de Santa Luzia, em 1592, na fralda do morro de S. Januario; as quaes, com a de Santo Ignacio dos Jesuitas e a Sé Velha (hoje dos Barbadinhos), elevadas no mesmo morro com a fundação da cidade, começaram a série de templos catholicos, que, d'ahi em diante, foram levantados em muitos montes e enseadas da bahia.

5º.—A chegada da esquadilha de circumnavegação do almirante hollandez Van Noort, a qual, demandando em 1599 a barra, foi obrigada a retroceder, por ter soffrido vivo fogo dos fortes de Nossa Senhora da Guia e de S. Theodosio; procedimento este que se justificava com a desconfiança, que causava então a bandeira hollandeza, e com o receio, que havia em todo o Brasil, de expedições de piratas, como as de Cavendish, em Santos, em 1591, e Lancaster, no Recife, em 1594.

O seculo xvii nenhum acontecimento trouxe, que perturbasse o gradual augmento do Rio de Janeiro, o que permittiu aos pacificos habitantes das margens da bahia irem dando livre curso aos sentimentos religiosos, que os animavam, bem como provendo a seus meios de defesa; e por isso, ao passo que faziam prosperar sua lavoura e nascente commercio (14), não se descuidavam de

---

illustre escriptor colheu esse facto; mas se assim foi, o valente indigena, menos feliz do que o seu amigo, não encontrou em igual transe quem lhe prestasse igual soccorro.

(14) Infelizmente essa lavoura e esse commercio tiverão para os auxiliares o trafico dos Africanos, concedido pelo governador Rui Vaz Pinto, no periodo de 1611 a 1620, a seu parente Duarte Vaz; chaga horrivel que tão tristes consequencias devia produzir no desenvolvimento futuro do paiz, e influir poderosamente até na indole e costumes de uma longa serie de gerações.

levantar nos diversos montes, encadas e ilhas, templos em honra de seus padroeiros particulares. Foram assim surgindo: o de S. Christovão, na praia do seu nome, e o de S. Lourenço, no aldêamento dos indios em 1627; o da Santa-Cruz dos Militares, nas ruínas do antigo forte, em 1628; o de S. Gonçalo, acima de S. Lourenço, em 1645; o de Nossa Senhora do Carmo, hoje Ordem Terceira, em 1648; o de Nossa Senhora da Piedade, no fundo da Bahia, em 1650; o de S. Domingos da Praia-Grande, em 1652; o de Nossa Senhora da Conceição, hoje Palacio Episcopal, em 1655; o de S. João Baptista na praia de Icarahy, em 1660; os de Nossa Senhora da Bôa-Viagem e Nossa Senhora da Conceição de Nitherohy, em 1663; o de Nossa Senhora do Livramento, entre o Vallongo e Saude, em 1670; o de Nossa Senhora da Gloria do Outeiro, em 1671; o de Nossa Senhora da Ajuda, entre o precedente e Santa Luzia, em 1674; o de Nossa Senhora da Guia e Santa Margarida de Pacobahyba, em 1690; o de S. Francisco Xavier da Jurujuba, em 1696; o de S. Roque, na ilha de Paquetá, em 1697; e os de Nossa Senhora de Nazareth e Nossa Senhora da Conceição da Ilha do Governador, bem como o de Nossa Senhora da Luz de Itaoca, cujas datas não são bem conhecidas.

Mas, embora confiassem esses habitantes na poderosa protecção de seus santos, iam tambem, como lhes aconselhava a bôa prudencia, fortificando a barra e preparando-a para uma defensiva energica contra qualquer invasor; pois que, além da constante ameaça dos hollandezes, que, desde 1616, procuravam occupar parte do Brasil, chegando a ser senhores das capitánias do Norte durante 30 annos, nunca tinham de todo adormecido nos ambiciosos francezes, os antigos sonhos de Villegaignon e de La-Ravardière, bem como de aventureiros inglezes; e tudo isso indicava

aos fluminenses a necessidade de se acautelarem, o que elles fizeram construindo baterias em Santa-Cruz, S. Theodosio, Villegaignon, Gragoatá, S. Sebastião, S. Januario do Castello e S. Thiago (actualmente arsenal de guerra); mas, como os recursos eram limitados, essas obras ora ficavam interrompidas, ora avançavam um pouco, precisando para isso que a população concorresse com dinheiro e escravos para o trabalho, em cujo serviço muito se distinguuiu sempre a Ordem benedictina, que quasi no fim d'esse seculo, em 1696, cedeu parte do terreno do seu mosteiro, para o estabelecimento de um arsenal de marinha (15).

Bem cedo mostraram os factos quão acertadas eram essas medidas de segurança.

Em 1710 o governador Castro Moraes teve aviso de que uma expedição franceza seguira com destino ao nosso porto, e em consequencia foram tomadas as medidas para bem receber a frota inimiga, que com effeito a 17 de Agosto apresentou-se em frente á barra com bandeira ingleza. Não conseguindo entrar, pelo vivo fogo que lhe dirigiu o forte de Santa-Cruz, fureleou ao largo e na manhan seguinte fez-se de vela para o sul, depois de aprisionar uma sumaca, que vinha da Bahia. Chegando á Ilha Grande a 20, simulou por alguns dias o desembarque em varios pontos da costa, até que a 11 de Setembro effectuou-o na Guaratiba e começou a marcha por terra contra a cidade.

---

(15) V. *Annaes do Rio de Janeiro*, tom 5º, -- *Tombo da Camara Municipal*, pag. 28 — *Memorias Historicas*, de monsenhor Pizarro, tomo III.

Esses serviços dos habitantes derão origem á Lei de 6 de Junho de 1647, que conferio o titulo de *Leal* á cidade do Rio de Janeiro, documento que se acha transcripto no tomo 7º da citada obra de Pizarro e no qual se enumerão oturos serviços prestados pelos fluminenses até ás necessidades da propria metropole.

Não entra em nosso plano a narração do combate travado em 19 nas ruas da cidade, d'onde resultou a capitulação e prisão do general francez Duclerc e 600 companheiros, ficando mortos cerca de 400, que, com aquelles, compunham o total da expedição; diremos apenas, que, dois dias depois, a 21 (16), appareceu á barra a esquadrilla, suppondo talvez encontrar a cidade em poder de Duclerc; mas reconhecendo o seu engano quiz tentar algumas represalias, sendo dissuadido pelo proprio general prisioneiro, que escreveu ao chefe fazendo-lhe vêr o máo successo da empreza e rogando-lhe que seguisse para a França, a dar conta da situação em que se achavam elle e seus companheiros.

Grande sensação causou em França a noticia d'esse desastre, aggravado seis mezes depois com a do assassinato do general francez, em 18 de Março, quando, embora prisioneiro, se lhe concedêra a cidade por menagem (17);

---

(16) Não são uniformes os diversos escriptores na designação do dia, em que se deu esse facto. Balthazar Lisbóa (*Annaes*, tomo 5º), refere que a esquadrilla chegou á barra no mesmo dia do combate a 19. Rocha Pitta (*Historia da Amer. Portuguesa*, livro 9º), diz que fôra no 5º dia depois do combate, isto é, a 24; versão esta que foi seguida por Duarte Nunes e Southey; acreditamos, porém, que foi a 21 conforme asseverão Pizarro e Varnhagen nas suas obras.

(17) Ferdinand Denis e Beauchamp, nas suas *Historias do Brasil*, dizem, que Duclerc morrêra no combate de 19 de Setembro, *assassinado no momento em que se rendia*. Na 1ª traducção da obra de Denis, por Henrique Bellegarde, em 1831, lê-se que o chefe francez fôra assassinado *poucos dias antes do combate*; mas na obra do mesmo Denis *Le Brésil*, impressa em 1837, assim como na 4ª edição daquella pelo mesmo Bellegarde, em 1855, refere-se que o assassinato tivera lugar *alguns mezes depois*, o que concorda com documentos, que existem, demonstrando ter sido a 18 de Março de 1711.

Quanto ao motivo do crime, ainda hoje não é conhecido, attribuindo-o alguns á uma conspiração em que elle se envolvera, outros a um desforço pessoal originado por assumptos de honra de familia.

e associando-se então ás idéas de vingança a esperança do lucro, o almirante Duguay Trouin, auxiliado pelo governo, preparou em differentes pontos uma poderosa esquadra de 17 navios de alto bordo, bem armada e equipada, e fez-se de vela para o Brasil.

Debalde fez o governo portuguez sahir um navio com a noticia ao governador do Rio de Janeiro, ao qual com antecedencia enviára o chefe Gaspar da Costa com quatro náos de reforço e ordem para fechar com cadêas de ferro a entrada da barra (18); debalde um outro aviso o prevenira de Cabo-Frio, que se avistava uma esquadra ao norte; o governador Castro Moraes, confiado na bôa fortuna que tivêra o anno anterior, e considerando anti-economico manter guarnição nas fortalezas, conservou estas de tal sorte desaperecidas, que, em 12 de Setembro, Duguay Trouin, ajudado pela maré, pelo vento, pela cerração, e, mais que tudo, pelo abandono dos fortes e inercia da esquadra de Gaspar da Costa, entrou a barra a seu salvo e foi fundear entre a ilha das Cobras e o morro da Armação (19).

---

(18) V. A *França Antarctica*, pelo conego Pinheiro, publicada na *Revista Trimensal*, tomo 22, 1859. O marquez de Lavradio tambem lembrou-se d'esse meio de defeza em 1776, quando recebeu o ataque de D. Pedro Cevallos (*Os Ultimos Vice-Reis*, pelo conego Pinheiro *Revista Trimensal*, 1865.)

(19) Nas *Memorias de Duguay Trouin* á pag. 167, affirma-se, para dar lustre á façanha, que as fortalezas em grande numero, rompêrão *vivissimo fogo* contra os invasores, mas a verdade historica é a seguinte:

Quando Duguay Trouin entrou no Rio de Janeiro, a fortaleza de Santa-Cruz, a mais importante da barra, estava guarnecida por *tres artilheiros* (!) e assim as outras, com excepção da de Villegaignon, que, mal armada e sem um paiol conveniente, depois de alguns tiros ficou inutilisada por uma explosão, que soffreu. V. *Annaes do Rio de Janeiro*, tomo 5º; *Memorias Historicas*, de Pizarro, tomo 1.º



Corramos um véo sobre a triste catastrophe testemunhada por nossa soberba bahia, e que cobriu de luto a bella cidade de S. Sebastião e as paginas de sua historia, devida á cobardia ou traição do governador, que, sem resistencia e sem esperar reforços que lhe dariam a victoria, entregou o posto honroso, que se lhe confiára. Fiquem-nos como lição, que nos sirva para o futuro, as enormes consequencias, que podem provir para o credito de um povo e de uma nação, das irreflectidas economias feitas por um administrador sem criterio; e recordemos, como tenue consolação, o heroismo do valoroso Bento do Amaral, que, certo de não ser sustentado, preferiu perder gloriosamente a vida com seus 20 estudantes, batendo-se contra 300 francezes, a assistir á ignominiosa capitulação e resgate do berço de seu nascimento. Como contraste entre a fama do benemerito e a ignominia do traidor ou pusillanime, recordemos ainda a prisão perpetua em uma fortaleza na India, que soffreu Castro Moraes, além da nodoa eterna em sua memoria, o ataque de loucura que desde esse dia inutilisou o almirante Gaspar da Costa (20), bem como a condemnação de outros officiaes de elevada patente que subscreveram á deshonorosa capitulação.

Depois da proeza que a França tanto exaltou como gloriosa para suas armas (mas que, como o confessou o proprio Duguay-Trouin, cara lhe sahiria a empreza, se encontrasse um general e não um cobarde), demorou-se a esquadra franceza na nossa bahia durante dois mezes, e, seguindo para a Europa, experimentou perto dos Açores um furioso temporal, no qual perdeu parte da sua

---

(20) Encontramos esse facto, de haver enlouquecido o almirante portuguez, que aliás gozava da reputação de valente, na já citada *Memoria* de Duarte Nunes, transcripta no 1º tomo da *Revista do Instituto*.

preza (21). O almirante francez e seus officiaes souberam captar as sympathias dos fluminenses, e ao despedirem-se saudosos, affirmaram, que voltariam brevemente, dito este salutar, pois, com o receio, mais attenção prestou a metropole ao Rio de Janeiro, mandando guarnecer melhor as fortalezas, reforçar a do Castello e começar as da Lage e ilha das Cobras.

« A partir d'esta época (diz Ferdinand Denis), e como « compensação a tantos desastres, uma serie de circum-  
« stancias contribuiu para o accrescimento de prosperidade  
« do Rio de Janeiro; como a abertura de uma nova es-  
« trada de Minas a S. Paulo, que attraheu para o seu  
« porto as ricas mercadorias, que iam para Santos, a des-  
« coberta das minas do Tijuco, a construcção do magnifico  
« aqueducto, a activa influencia do Marquez de Pom-  
« bal, etc. »

Que o progresso do Rio de Janeiro não foi alterado com os successos de 1710 e 1711, attesta-o ainda o seguinte trecho de uma obra classica, *Os portuguezes na Africa, Asia, America e Oceania*, tomo 7º :

« Em 8 de Outubro de 1712, entrou á barra de Lisbôa  
« uma fróta do Brasil, composta de 70 navios comboiados  
« por alguns de guerra, trazendo 60 milhões de cruzados. Foi  
« uma das frótas mais ricas, que chegaram ao Tejo, e, além  
« da riqueza que trouxe, confirmou a noticia de que no  
« Rio de Janeiro se tinham reparado os damnos soffridos  
« pela invasão franceza. »

---

(21) O historiador Southey refere, que Duguay Trouin projectava tambem ir assaltar a Bahia, sendo impedido por ventos contrarios; não podendo demorar-se por mais tempo, seguiu para o norte, mas foi assaltado por medonha tempestade, que lhe arrebatou tres navios ricamente carregados e o seu amigo e immediato Courserau, que servira de piloto e muito se distinguiu para o bom exito da empreza.

17

E, para corroborar esta asserção, consulte-se outras paginas da mesma obra, na qual se mencionam os opulentos carregamentos, que eram constantemente enviados do Brasil, e especialmente do Rio de Janeiro, inundando de ouro e productos preciosos o territorio da metropole; e esta, insaciavel sempre, poucos annos depois ainda lhe lançou o tributo annual de 28 contos, durante 20 annos, para donativo das bodas dos principes; e, logo que findaram estes, outro tributo de mais 4 por cento sobre os direitos e dizimos durante 30 annos (mas que foi muito além) para a reconstrucção da cidade de Lisbôa, arruinada pelo terremoto de 1755 (22).

Gradualmente foi o Rio de Janeiro adquirindo superioridade sobre os outros pontos do Brasil e attrahindo as vistas dos navegantes e exploradores, que tanto illustraram o seculo XVIII; e as relações d'estes, a começar pela do proprio Duguay-Trouin, o foram tornando mais conhecido e indicando-o como o centro entre a Europa e o Novo-Mundo, até que a famosa questão da colonia do Sacramento, fazendo sobresahir a vantagem da sua posição, aconselhou a que o governo de Lisbôa, em 1763, transferisse a séde do vice-reinado para a cidade situada á margem da esplendida bahia, firmando d'esta sorte a sua supremacia sobre qualquer outra localidade da vastissima região da America Portuguesa.

Em o periodo decorrido desde esse anno de 1763 ao fim do seculo, alguma cousa se fez na nossa bahia em relação á defesa de sua entrada, como fôsem o augmento de quasi todas as fortalezas, a construcção da do Pico e varios

---

(22) Varnhagen calculou, que o Brasil concorreu para a reconstrucção de Lisbôa com a importancia de tres milhões de cruzados. V. *Historia Geral do Brasil*, 2º, 165 e 475.

fortins de fachinas na Prainha, Moura e Gloria, dos quaes nenhum vestigio resta; edificou-se além d'isso a casa do trem (origem do arsenal de guerra), o deposito de polvora na ilha das Pombas, e a casa dos governadores, hoje paço imperial; quanto, porém, ao que se refere ao embellezamento e commodidade do povo, apenas se póde mencionar o antigo caes do largo do Paço, destruido em 1841; o terraço do Passeio Publico e o chafariz do mesmo largo do Paço, do Moura e do caes da Gloria.

É que n'esses tempos, o commercio, as artes, a industria, a sciencia e mesmo as idéas, não se podiam expandir livremente, por se acharem peadas por leis compressoras, dictadas pelo medo e pela cobiça da metropole, estando a ellas sujeitos até os viajantes, que por amor ás sciencias emprehendiam longas excursões (23). Só o que tinha plena licença de crescer e estender-se sem limites, era o que dizia respeito ao culto catholico romano, cujo espirito de obediencia passiva, auxiliado poderosamente pelos horrores da inquisição, muito coadjuvava o governo da metropole; e isso explica a razão

---

(23) Netscher, no fim da obra *Os Holandezes no Brasil*, diz, que ao almirante Roggewein, em 1721, foram até negados os refrescos de que carecia a sua esquadra de exploração.

Lêa-se o que na relação de sua 1ª viagem de circumnavegação conta o celebre capitão Cook, que lhe succedera no Rio de Janeiro em 1768, e dos vexames que lhe fizera soffrer o vice rei Conde de Azambuja; e bem assim a carta ao conde da Cunha, que se acha na *Revista Trimenal* de 1810, 2º trim., pag. 244.

Lêa-se tambem um officio de D. Diogo de Souza, capitão-general do Maranhão, em 12 de Outubro de 1800, ordenando que *fossem interceptados os meios de transporte e que se incomodasse a um tal barão de Humboldt que tentava fazer excursões pelos sertões do Estado*. officio que se encontra no 1º tomo 2ª parte pag. 74 da *Corographia Historica* de Mello Moraes.

18

porque, raro era o anno em que não viesse mais uma igreja ou capella augmentar o numero das que já semejavam os morros, ilhas, e angras da bahia.

Foi assim que em 1704 edificou-se a igreja do Bom-Jesus dos Frades, na ilha da Caqueirada; em 1710 a de Nossa Senhora da Ajuda, na ilha do Governador; em 1711 a de Nossa Senhora da Conceição, na ilha do mesmo nome; em 1714 a reconstrucção da actual da Gloria do Outeiro; em 1734 a de Nossa Senhora da Penha de Irajá; em 1736 a de Santo Ignacio na ponta da Armação; em 1740 as de S. Francisco da Prainha e de Nossa Senhora dos Remedios de Mauá; em 1742 a de Nossa Senhora da Saude na Gambôa; em 1745 a de S. Francisco de Cruarà; em 1751 as de S. Pedro de Maruhy e de Nossa Senhora da Lapa, hoje convento dos Carmelistas; em 1752 a actual de Santa Luzia na praia do seu nome; em 1758 a do Senhor Bom-Jesus do Monte na ilha de Paquetá; em 1759 a de Nossa Senhora do Carmo da Ribeira, na ilha do Governador; em 1760 a de S. Lourenço do Cruará; em 1765 a capella e hospital dos Lazaros, em S. Christovão; bem como a de Santa Barbara no deposito de polvora da ilha das Pombas.

Além do que fica mencionado, os successos que podem interessar ao nosso assumpto, occorridos no seculo passado, limitam-se aos seguintes:

1.º A edificação da casa da alfandega, que teve lugar durante o governo de D. Alvaro da Silveira—1702 a 1705.(24).

---

(24) Assim o diz Duarte Nunes na *Memoria sobre a fundação da Cidade*, impressa na *Revista Trimensal do Instituto* tomo 21 pag. 59. É preciso, porém, observar que a pag. 114 diz o mesmo autor, que já em 1625 existia alfandega no Rio de Janeiro, segundo se deduz de uma provisão de Felippe IV, mandando isentar de direitos tudo o que fôr pertencente aos jesuitas.

2.º O incendio, dentro da bahia, de uma náó, que trouxera de Macáo monsenhor Mezzabarba, patriarcha de Alexandria; facto que causou o prejuizo de muitos milhões aos negociantes portuguezes, por ser riquissimo o carregamento da mesma náó, segundo assevéra Rocha Pitta (*Historia da America Portuguesa*, liv. 9, cap. 74).

3.º A visita de viajantes illustres, que, aqui aportando, concorreram com suas informações para se tornar mais conhecida a nossa bahia. Entre esses visitantes merecem especial menção: Roggwein em 1721, Byron em 1764, Bougainville em 1767, Cook em 1768, Parny em 1773, e o Dr. Staunton em 1797 (25).

4.º O embarque dos 199 Jesuitas nas náos *Senhora do Livramento* e *S. José*, no dia 20 de Março de 1760, por ordem do conde de Bobadella em execução da carta régia de 21 de Julho do anno anterior.

5.º A fundação do Arsenal de Marinha nas terras doadas pelos religiosos de S. Bento, começada pelo conde da Cunha em 1764, o qual mandou logo construir ali a famosa náó *S. Sebastião*, embutida de ricas madeiras de

---

(25) *Jacob Roggwein*, hollandez, descobridor do archipelago do seu nome na Polynesia.

*John Byron*, navegador inglez, descobrio muitas ilhas nos mares da Oceania, uma das quaes tem o seu nome.

*L. Antonio de Bougainville*, celebre maritimo francez, illustrou seu nome na guerra da independencia americana e em uma viagem ao redor do mundo.

*James Cook*, intrepido navegante inglez, que immortalizou-se por suas tres viagens de circumnavegação, descobrindo o archipelago e canal do seu nome, que separa ao meio a Nova-Zelandia.

*Evaristo Parny*, official francez e poeta conhecido por *Tibullo* francez.

*Jorge Staunton*, medico e viajante irlandez, que percorreu toda a China e Tartaria como secretario do embaixador lord Macartney.

varias côres, obra rara e admiravel no seu genero (26). O Conde de Rezende tambem ordenou a fabricação da fragata *Princeza do Brasil* em 1794, e quatro annos depois creou a Intendencia Geral da Marinha.

Chegamos ao seculo XIX.

Em os primeiros annos o Brasil continuava a arrastar o pesado grilhão colonial, quando nas suas costas se fez sentir o refluxo causado pela quèda de varios thronos do velho mundo, impellidos pela mão omnipotente do primeiro Napoleão. Com o systema adoptado pela metropole portugueza, de falta de publicidade dos acontecimentos, eram quasi inteiramente desconhecidos entre nós os factos extraordinarios acontecidos na Europa, em o fim do seculo passado e principio d'este, quando, no dia 14 de Janeiro de 1808, entrou a barra do Rio de Janeiro o brigue de guerra *Voador*, trazendo a mais inesperada e auspiciosa das noticias: *a Familia Real embarcára no Tejo, com destino ao nosso porto!* o que em outras palavras queria dizer: aproxima-se a terminação do captivo; a libertação do commercio, das artes, da instrucção; a emancipação das idéas; o arrebol precursor da independencia; a fundação do Imperio Americano!

---

(26) Esta não, de 74 canhões, teve a principio o nome de *Serpente* e é aquella de que faz menção José Bazilio da Gama no canto 3º do seu *Uruguay*, e a que no acto de ser lançada ao mar mereceu do mesmo poeta o bello soneto, que se encontra no 1º tomo do *Parnazio Brasileiro*. Essa mesma não é a que foi a *Leone* em 1817 buscar a primeira Imperatriz do Brasil, sendo nesse anno vista por Freycinet. (V. *Voyage de l'Uranie*, tomo 1º) que afirma ser ella ainda nova apezar de seus 50 annos.

« Successo admiravel, que veiu inverter completamente  
« a antiga ordem entre Portugal e Brasil ! (diz o Abbade  
« de Pradt em uma de suas obras) Duas novas combina-  
« ções se formaram logo entre Portugal tornado colonia e  
« o Brasil tornado metropole ; entre o Brasil aspirando a  
« conservar o rei e Portugal esforçando-se em recuperal-o ;  
« entre o Brasil vivificado e enriquecido pela presença do  
« soberano e Portugal humilhado e empobrecido por sua au-  
« sencia. »

Foi justificado pois, o verdadeiro jubilo de que se possuiu toda a população com tal acontecimento ; e, se não originou no Rio de Janeiro uma festa estrondosa e brilhante, como as que se realizam agora, houve uma de modestas proporções, mas onde, em compensação, expandiu-se a mais legitima e apreciada ventura ; podendo-se afirmar que foi esta a primeira festa do povo das margens do Guanabara, visto que as anteriores, por occasião da expulsão dos francezes em 1710 e a transferencia da séde do vice-reinado, muito tiveram de officiaes e officiosas, ao passo que na de 14 de Janeiro de 1808, irradiava a verdadeira abundancia de coração pelo sentimento dos dias felizes que iam raiar, como eloquentemente o disse o grande Monte-Alverne nas seguintes phrases de um de seus monumentaes sermões :

« A chegada do Principe Regente ao Brasil foi sau-  
« dada como presagio de sua grandeza e da sua futura  
« independencia. Os grilhões coloniaes estalaram, um a um,  
« entre as mãos do Principe, que a posteridade reconhecerá  
« por o verdadeiro Fundador do Imperio. As artes, a in-  
« dustria e o commercio floresceram á sombra do genio  
« creador d'este monarcha generoso, para quem o Brasil era  
« o sonho mais agradavel de sua vida. Tudo que o Brasil  
« possui em estabelecimentos de publica utilidade, teve



« n'elle origem. A sua acção protectora devia exercer nos « espiritos uma poderosa influencia. » (27).

E o povo, accrescentamos nós, de tal fórma parecia adivinhar tudo isso, que, no memoravel dia 8 de Março de 1808, ao avistar o Principe D. João, não pensou em victoriar a Rainha nem o Regente ; seu grito espontaneo e prophetico foi, como é sabido : *Viva o Imperador !*

Como não era difficil prever, a entrada do brigue *Voador* devia começar uma serie de acontecimentos notaveis para a nossa bahia ; e, com effeito, elles desde essa época tem sido tantos e tão variados, uns tendentes a augmentar a sua primazia, outros de simples interesse historico, alguns alegres, outros de triste recordação, que, se fóramos dedicar embora poucas linhas de commemoração a cada um, muito além iriamos do plano, que nos impuzemos ; e por isso limitar-nos-hemos á singela enumeração d'esses successos, na ordem em que se deram :

1808.— 17 DE JANEIRO.

Entram a barra 4 náos e 2 fragatas portuguezas e 3 náos inglezas conduzindo parte da familia real portugueza e grande numero de fidalgos emigrantes.

1808.— 30 DE JANEIRO.

Morre afogado no ancoradouro dos navios de guerra o Capitão de mar e guerra D. Manoel de Menezes, commandante da náo *Martim de Freitas* (28).

---

(27) V. *Obras Oratorias* de Fr. Francisco do Monte-Alverne ; tomo 1º.

(28) O commandante D. Manoel de Menezes cahio ao mar na occasião, em que descia da náo *Rainha*, onde fôra em visita, para o seu escaler. Seu corpo, que appareceu no dia seguinte, sepultou-se com todas as honras na igreja da Misericordia.

Seu irmão D. Gregorio, Conde de Cavalleiros, teve quasi igual

1808.— 7 DE MARÇO.

Chegada do resto da esquadra portugueza conduzindo a rainha D. Maria I e o principe regente D. João.

1808.— 22 DE SETEMBRO.

Um cahique embandeirado trás as noticias do levantamento dos povos em Portugal, das victimas da Roliça e Vimieiro, da capitulação de Cintra e retirada do general Junot.

1810.

Uma commissão de officiaes de marinha levanta a planta hydrographica do porto do Rio de Janeiro, tomando por base das operações: uma extensa linha no campo de S. Bento, na ilha do Governador.

1814.

É recebida com muito regosijo a noticia da quéda do 1º Napoleão; restabelecimento dos Bourbons, e projecto de um congresso para a paz geral.

1815.

Chegam ao Rio de Janeiro o principe Maximiliano de Newieed e os sabios Freyriess e Sellow, que muito concorreram com seus trabalhos para tornar mais conhecido o nosso paiz.

1816.— 26 DE MARÇO.

No brigue *Calph* entram do Havre os artistas Lebreton, Grandjean, Debret, Augusto e Nicolau Taunay, Pradier e outros, contratados pelo Marquez de Marialva para fundarem a nossa Academia de Bellas-Artes.

---

sorte pouco tempo depois. Acompanhando a familia real á cascata grande da Tijuca, approximou se do logar da queda, e escorregando, foi seu corpo despedaçar-se no abysmo, levado pelo enorme impulso das aguas.

1816.— 30 DE MARÇO.

Chegada de 14 transportes conduzindo de Portugal a divisão de voluntarios reaes, commandada pelo general Carlos Frederico Lecor. Esta divisão seguiu para o Sul no dia 12 de Junho seguinte.

1816.— 30 DE MAIO.

Entram da Europa o Duque de Luxembourg, embaixador do novo rei de França, e o celebre musico Newkomm, que ficou no Rio de Janeiro como director da orchestra da capella real.

1817.— 25 DE MARÇO.

Chega de Pernambuco o governador Caetano Pinto de M. Montenegro; com a noticia de haver arrebetado a revolução, e é logo recolhido preso incommunicavel á fortaleza da ilha das Cobras. Veio em uma escuna republicana com bandeira azul e branca.

1817.— 5 DE NOVEMBRO.

No meio de grandes festas entram a barra as náos *S. Sebastião* e *D. João VI* e fragata *Augusta* conduzindo de Liorne a princeza d'Austria D. Leopoldina, que cinco annos depois devia ser a nossa primeira Imperatriz. N'este mesmo anno de 1817 vieram os illustres Van Schreibers, Natterer, Pohl, Roque Schuch, Spix, Martius e Saint Hilaire, e Freycinet, pleiade de sabios, aos quaes muito deve o nosso paiz pelos seus estudos em todos os ramos da sciencia.

1820.

O Capitão Roussin, commandante da corveta *Bayadere*, procede a estudos e levanta a planta da bahia do Rio de Janeiro.

1820.— 12 DE NOVEMBRO.

Entra o brigue *Providencia* com a noticia da revolução constitucional em Portugal.

1821.— 26 DE ABRIL.

D. João VI, depois de uma tranquilla assistencia de 13 annos no Brazil, embarca com destino a Lisbôa, em 1 náó, 2 fragatas, 6 charruas e muitos transportes, nos quaes segue tambem grande numero de nobres, conduzindo em dinheiro uma quantia computada em 50 milhões de cruzados.

1822.— 15 DE FEVEREIRO.

A divisão portugueza do general Jorge de Avilez, que anteriormente fôra obrigada a passar da cidade para a Armação, onde esteve bloqueada pela fragata *Bahiana*, segue n'este dia para Portugal.

1822.— 9 DE MARÇO.

Chegada da expedição do Chefe de esquadra Francisco Maximiano (o outr'ora commandante do brigue *Voador*) trazendo o decreto ordenando que seguisse para Lisbôa o principe D. Pedro: decreto que veio apressar muito os acontecimentos relativos á Independencia do Brazil. Compunha-se de 1 náó, 1 fragata, 3 charruas e 2 transportes com 1,190 soldados sob o commando do coronel Antonio Joaquim Rosado.

1822.— 23 DE MARÇO.

Por ordem do mesmo principe regressa para Portugal a dita esquadra, á excepção da fragata *Real Carolina*, e 600 praças, que preferem ficar ao serviço do nascente Imperio.

1823.— 13 DE MARÇO.

Aporta ao Rio de Janeiro Lord Cochrane, 1º almirante

da armada brasileira, com outros officiaes inglezes, contractados no Chile para servirem na guerra da nossa independencia.

1823.— 7 DE ABRIL.

Acompanhada de geral entusiasmo sahe a barra, com destino á Bahia, a esquadra do almirante Cochrane, composta da náó *Pedro I*, fragata *Piranga*, corvetas *Maria da Gloria* e *Liberal*, brigues *Real* e *Guarany*; seguindo poucos dias depois a fragata *Nitherohy* e corveta *Carolina*.

1823.— 23 DE JULHO.

É recebida com o maior jubilo a noticia de terem evacuado a cidade da Bahia o general Madeira com as tropas portuguezas.

1823.— 7 E 17 DE SETEMBRO.

Entrada e sahida do Marechal Luiz Paulino e do Conde do Rio-Maior, incumbidos de missões politicas que se mallogram.

1823.— 6 DE NOVEMBRO.

Entra do Maranhão a náó *Pedro I* commandada por Lord Cochrane, depois de ter causado enormes prejuizos á esquadra portugueza e auxiliado efficazmente a independencia no Maranhão.— O Imperador vai a bordo felicitá-lo, e tres dias depois assigna o decreto elevando-o a Marquez do Maranhão.

1825.— 18 DE JULHO.

Desembarca entre nós o plenipotenciario inglez Sir Charles Stuart, encarregado de reconhecer o novo Imperio por parte do seu governo, e medianoiro entre os de Portugal e Brasil.

1826.—24 DE NOVEMBRO.

D. Pedro I embarca para o Rio-Grande do Sul no intuito de activar a guerra contra a Republica Argentina, e volta a 15 de Janeiro por causa do prematuro fallecimento da virtuosa Imperatriz.—O Tenente Barral, por ordem do almirante Rosamel proc ede a estudos na nossa bahia e levanta a sua planta hydrographica durante o anno de 1826.

1827.—10 DE FEVEREIRO.

E creado o logar de commandante do porto do Rio de Janeiro; sendo supprimido um anno depois.

1828.—6 DE JULHO.

Reclamação e *ultimatum* apresentado pelo almirante Barão Roussin com referencia a navios francezes apresados durante a campanha do Rio da Prata.

1829.—17 DE JANEIRO.

Decreto estabelecendo a inspecção e visita de saude em todos os navios que aportarem ao Rio de Janeiro.

1829.—16 DE OUTUBRO.

Chegada da princeza D. Amelia de Leuchtemberg, 2<sup>a</sup> Imperatriz do Brazil.

N'este mesmo anno é construido e começa a funcionar o pharol da ilha Rasa, para facilitar á noite, sem perigo, a entrada na nossa bahia.

1831.—7 DE ABRIL.

D. Pedro I, tendo assignado a sua abdicção ao throno, recolhe-se á não ingleza *Warspite*; e no dia 13 segue para a Europa nas fragatas ingleza *Volage* e franceza *La Seine*.

1831.—7 DE OUTUBRO.

Sublevação do corpo de artilharia de marinha na ilha

das Cobras e outras fortalezas do nosso porto: vencida pelo corpo de officiaes voluntarios e corpo de municipaes permanentes, auxiliados por uma bateria no morro de S. Bento e alguns navios de guerra que rodearam a ilha.

1831.— 13 DE DEZEMBRO.

Regulamento do porto do Rio de Janeiro, marcando 3 ancoradouros: para os navios arribados ou em franquia, para os que esperão descarga, e os de embarcação á carga, o 1º entre Villegaignon, Bôa-Viagem, Trem e Gragoatá; o 2º entre as ilhas das Cobras e Enchadas; o 3º entre o trapiche do Sal na Prainha e a Saude.

1831.— 24 DE DEZEMBRO.

Aviso mandando desarmar umas e reduzir o armamento de outras fortalezas do mesmo porto.

1832.— 3 DE ABRIL.

Revolta de presos nas fortalezas de Santa Cruz e Villegaignon, que com 1 peça de artilharia desembarcam em Botafogo e marcham para a cidade, commandados pelo Major Miguel de Frias Vasconcellos.

1835.— 28 DE MARÇO.

A villa da Praia-Grande, na margem oriental da bahia, é elevada á categoria de capital da provincia do Rio de Janeiro com o nome de cidade de Nitherohy.

N'este anno inaugura-se a navegação a vapor entre as duas cidades fronteiras: 1º ensaio de navegação a vapor no Brazil.

1837.— 28 DE JULHO.

Perece afogado junto á ilha do Vianna o Conde de Gestas,

consul de França, estimado geralmente pelas suas virtudes e nobreza de character (29).

1839.— 9 DE JANEIRO.

Neste anno o Tenente Jehenne, por ordem do almirante Dupotet, levanta a carta da bahia.— Entra no nosso porto a barca de vapor *S. Sebastião*, 1<sup>a</sup> da companhia brasileira formada por J. T. Thomas para communicar entre si as provincias do Imperio.

1839.— 20 DE JANEIRO.

Chegada da esquadilha de circumnavegação do commodore Wilkes, composta de 6 navios de guerra americanos, e uma numerosa commissão scientifica.

1840.— MAIO.

Começa a funcionar a carreira diaria entre a côrte e o rio Inhomerim, 1<sup>o</sup> ensaio de navegação fluvial a vapor entre nós.

1843.— 27 DE MARÇO.

Entra a fragata franceza *Belle Poule*, commandada pelo Principe de Joinville, que sahe novamente a 13 de Maio conduzindo a princeza brasileira D. Francisca, agora Princeza de Joinville.

---

(29) O Conde de Gestas, acompanhado por um creoulinho, voltava de uma das ilhas da bahia, onde fóra prestar soccorros a uma familia indigente; por um subito movimento da canôa, cahindo ao mar o pequeno, Gestas lança-se tambem á agua para salvá-o, e é victima de sua generosa dedicacão.

Justamente venerado por suas bellas qualidades, a elle deve o Rio de Janeiro, segundo affirma Freycinet (*Voyage de l'Uranie*, tomo 1<sup>o</sup> pag. 125) a introducção de varias frutas europeas, como o morango, a ameixa, a maçã e o abricot.



1843.— 3 DE SETEMBRO.

Chegam ao nosso porto as divisões navaes brazileira e napolitana, conduzindo a 3ª e actual Imperatriz do Brazil ; tendo logar o desembarque no dia seguinte. Como official da esquadra vinha o Conde d'Aquila, que pouco depois casou com a princeza brazileira D. Januaria, então Princeza Imperial ; e seguiu para a Europa em 22 de Outubro do anno seguinte.

1843.— 2 DE OUTUBRO.

O porto do Rio de Janeiro é designado como centro da 1ª das tres estações navaes, em que é dividida a costa do Brazil.

1844.— 25 DE MAIO.

Horrivel catastrophe causada pela explosão da barca a vapor *Especuladora*, da carreira de Nitherohy, morrendo 70 passageiros e ficando outros tantos queimados e feridos.

1844.— 6 DE OUTUBRO.

Sahida de SS. MM. II. para visitarem as provincias do Sul.

1846.— 26 DE ABRIL.

Regresso de SS. MM. depois da mencionada visita.

1846.— 19 DE MAIO.

Data do regulamento das capitancias dos portos, que alterou algumas disposições particulares do Decr. de 17 de Janeiro de 1829 e Regulamento de 13 de Dezembro de 1831.

1847.

Por ordem do ministerio da marinha, o Capitão-tenente J. R. Delamare revê e corrige a planta hydrographica levantada em 1810.

1849.— 6 DE MAIO.

A náó portugueza *Vasco da Gama* entra no porto, des-arvorada e rebocada pelo vapor de guerra *D. Affonso*, tendo soffrido dous dias de temporal junto das ilhas de fóra de barra.

1851.— 14 DE JANEIRO.

Estabelece-se na praia da Jurujuba o hospital maritimo de Santa Izabel, para tratamento da maruja dos navios mercantes fundeados no nosso porto.

1851.— 7 DE FEVEREIRO.

Chegada do paquete *Teviot*, o 1º da companhia de Southampton que inaugura a linha mensal com uma viagem de 29 dias.

1851.— 8 DE FEVEREIRO.

Explosão e submersão da galera franceza *Elise*, junto a Villegaignon, morrendo 10 passageiros e salvando-se cerca de 120, que estavam a bordo, com destino á California.

1852.— 29 DE AGOSTO.

Inaugura-se a estrada de ferro de Mauá, que facilita muito a communicacão entre a côrte e a serra dos Orgãos, e é a 1ª estrada de ferro, que funciona na America do Sul.

1852.— 20 DE SETEMBRO.

O vapor á helice *Brazileira* inaugura com uma viagem de 26 dias a 2ª linha transatlantica de paquetes entre Liverpool e o Rio de Janeiro.

1853.— JULHO.

A bella praia de Santa Luzia fica livre do matadouro, que a infeccionava e que é removido para o aterrado de S. Christovam.

1855.— DEZEMBRO.

É lançado na ponta da Saude o cabo submarino para communicar com o porto de Mauá ; sendo esse o primeiro cabo telegraphico submarino empregado no Brazil e talvez na America do Sul.

1859.— 13 DE ABRIL.

Faz-se sentir na bahia o horroroso tufão, que começou ás 10 horas da noite, estendendo-se por toda a costa do sul até perto de Santos, onde se perde a charrua *Carioca* e outros navios do commercio.

1859.— 22 DE JUNHO.

Explosão nas obras do dique da ilha das Cobras, ficando 2 mortos e 38 feridos.

1859.— 1 DE OUTUBRO.

Sahida de SS. MM. II. para visitarem as provincias do Norte.

1860.— 11 DE FEVEREIRO.

Regresso de SS. MM. II. sendo recebidas com grandes festas.

1861.— 2 DE DEZEMBRO.

É inaugurado solememente o dique Imperial da ilha das Cobras, com a entrada da corveta *Imperial Marinheiro*.

1862.— JUNHO.

Começa o serviço da carreira de barcas Ferry para Nitherohy, com maior velocidade e commodo.

1862.— DEZEMBRO.

Conflictio *Christie*, que tem origem na intemperança de um aspirante da fragata ingleza *Forte*, e do qual resultão

represalias fór a da barra contra navios mercantes brazileiros e interrupção de relações diplomaticas entre o Brazil e a Inglaterra.

1863.— 22 DE JANEIRO.

Decreto extinguindo as estações navaes e creando tres districtos navaes, ficando o porto do Rio de Janeiro pertencendo ao primeiro, que se estende do rio *Chuy* ao *Itabapoana*.

1863.— 20 DE FEVEREIRO.

Desaba parte das obras hydraulicas da alfandega, executadas sob a direcção do engenheiro inglez C. Neate.

1863.— 11 DE MARÇO.

O Ministro Inglez Christie retira-se para Europa, depois de longa correspondencia diplomatica.

1863.

Em consequencia do referido conflicto durante este anno trabalha-se activamente para augmentar os meios de defeza das fortalezas da barra, que achavão-se em completo abandono.

1863.— 7 DE AGOSTO.

Desastre na fortaleza de S. João, pelo arrebentamento de um canhão, perante S. M. o Imperador, fazendo algumas victimas.

1864.— JANEIRO.

Collocação do cabo telegraphico para communicar a *Praça do Commercio* com a fortaleza de *Santa Cruz*.

1864.

Chegam da Europa os dous principes Conde d'Eu e

Duque de Saxe, que n'este mesmo anno são admittidos a fazer parte da Familia Imperial do Brazil.

1864.— 10 DE OUTUBRO.

Violento temporal, acompanhado de chuva de pedra, que faz sossobrar dentro da nossa bahia, nove navios mercantes e tres falúas.

1865.— 10 DE JULHO.

S. M. o Imperador, recebendo a noticia da invasão do Rio-Grande do Sul pelos Paraguayos, parte como Voluntario da Patria, acompanhado do Duque de Saxe. O Conde d'Eu, que se achava n'essa occasião na Europa, chega a 19 do mesmo mez e segue para o Sul em 1 de Agosto.

1865.— AGOSTO.

Chega de Toulon o encouraçado *Brazil*, construido á custa da subscrição nacional promovida por occasião do conflicto Christie. Essa construcção foi um excellente serviço do ministro Delamare, pois que muito nos veio servir na campanha do Paraguay, depois de vencer-se a má vontade do governo francez, que só o deixou sahir de Toulon, mediante o reconhecimento do Imperio do Mexico, e grandes diligencias do Barão do Penedo.

1865.— 23 DE OUTUBRO.

Chegada do ministro inglez Thornton, que em 23 de Setembro na Uruguayana, reatou, por ordem do seu governo, as relações com o Brazil.

1865.— 9 DE NOVEMBRO.

O Imperador, de volta do Rio-Grande do Sul, depois da rendição da Uruguayana e aniquilamento dos invasores, é recebido no meio do maior delirio e gratidão dos Brasileiros.

1866.— 1 DE MAIO.

Entra embandeirado o vapor de guerra *Recife* com a noticia de haver o exercito alliado, com a maior felicidade, passado o Paraná e occupado a margem paraguaya.

1868.— 29 DE JULHO.

Inaugura-se na ilha do Bom-Jesus o Asylo de Invalidos da Patria, commandado pelo Tenente-coronel Manoel da Cunha Barbosa.

1869.— 15 DE FEVEREIRO.

Chega do Paraguay o Marquez de Caxias, vencedor do famoso quadrilatero de Itororó, de Avañy e de Lomas Valentinas, e tão modesto como heroico, desembarca á noite, para occultar-se a justas ovações.

1869.— 18 DE FEVEREIRO.

Chega do Paraguay o almirante Visconde de Inhaúma, o vencedor de Curupaity e Humaitá; é recebido quasi moribundo e fallece poucos dias depois.

1870.— 18 DE MARÇO.

Entra o vapor *Tycho-Brahe* com a noticia da victoria de Aquidaban, morte de Lopes e a tão almejada terminação da guerra do Paraguay.

Durante os mezes de Abril a Julho, chegarão (em 30 de Abril, no vapor *Galgo*) o principe Conde d'Eu, o vencedor do Paraguay na ultima e difficil phase da campanha; bem como os batalhões de voluntarios e de linha, sendo todos recebidos com entusiasmo, tornando-se notavel a grande illuminação e fogo de artificio na linda enseada de Botafogo.

1871.— 25 DE MARÇO.

O Imperador e a Imperatriz partem para a Europa ; primeira vez que Sua Magestade sahe do Imperio.

1872.— 30 DE MAIO.

Regresso de Suas Magestades Imperiaes.

1873.— 27 DE MARÇO.

Desmoronamento das officinas de carapinas e correeiros do arsenal de marinha por causa de grandes chuvas, ficando 16 mortos e 70 feridos.

1873.— 12 DE JULHO.

Do arsenal de marinha é lançada ao mar a corveta *Tra-jano*, 1<sup>a</sup> do systema novo do constructor Brasileiro d'esse nome.

1874.— 10 DE OUTUBRO.

Inauguração do dique Santa Cruz na ilha das Cobras.

1876.— 26 DE MARÇO.

Sahida de SS. MM. II. para os Estados-Unidos afim de assistirem á grande Exposição Internacional.

1877.— 28 DE ABRIL A 1 DE MAIO.

O general Osorio, Marquez do Herval, vindo ao Rio de Janeiro tomar assento no senado, é recebido entusiasticamente : havendo grande festa em Botafogo, logar de sua morada.

1877.— 26 DE SETEMBRO.

No vapor *Orenoque* entrão SS. MM. II., depois de haverem realizado nos Estados-Unidos, Europa e parte da Asia uma viagem extraordinaria pela extensão e numero de sitios visitados.

1879.— 30 DE JULHO.

Chega da Europa o Visconde do Rio-Branco, e é recebido com fervoroso entusiasmo.

1879.— 16 DE NOVEMBRO.

Imponente prestito funebre trasladando, com assistencia do Imperador, o cadaver do General Osorio, da capella do arsenal de guerra para o Asylo de Invalidos.

1880.— 7 DE FEVEREIRO.

Pavoroso incendio na praia de Santa Luzia, no qual morrem 21 pessoas, e ficão destruidas 16 casas. É o mais desastroso do Rio de Janeiro.

1880.— 13 DE JUNHO.

Esplendida festa maritima com regatas, fogos de artificio e illuminações *á giorno* na praia de Botafogo, para solemnisar o 3º. Centenario de Camões.

1880.— 18 DE JULHO.

Recepção festiva do maestro brasileiro Carlos Gomes, o laureado compositor do *Guarany*, *Salvator Rosa*, *Fosca* e *Maria Tudor*.

1880.— 29 DE SETEMBRO.

Na camara do vapor de guerra *Amazonas* é inaugurado solememente o retrato do almirante Barroso, vencedor do Riachuelo : estando presente o bravo heroe da festa, alquebrado pela fatal cegueira, mas commovido pela homenagem, que lhe prestavão seus irmãos d'armas.

1880.— 6 DE NOVEMBRO.

O vapor italiano *Pampa* carregado de couros, lan e café, incendeia-se no ancoradouro da Gambôa.



1881.— MARÇO.

Dous nadadores de Nitherohy, o Allemão Theodoro John e o Brasileiro Joaquim de Souza, atravessão a nado a nossa bahia : da primeira vez, da ponte de S. Domingos ao cáes Pharoux, chegando Souza em primeiro lugar ; dahi a dias este só, vai de S. Domingos ao morro da Viuva, fazendo o trajecto em 4 horas ; posteriormente o primeiro vai da ponta da Armação á praia da Saudade.

1881.— 15 DE OUTUBRO.

Regulamento sanitario para o porto do Rio de Janeiro.

### III

## SUAS SINGULARIDADES

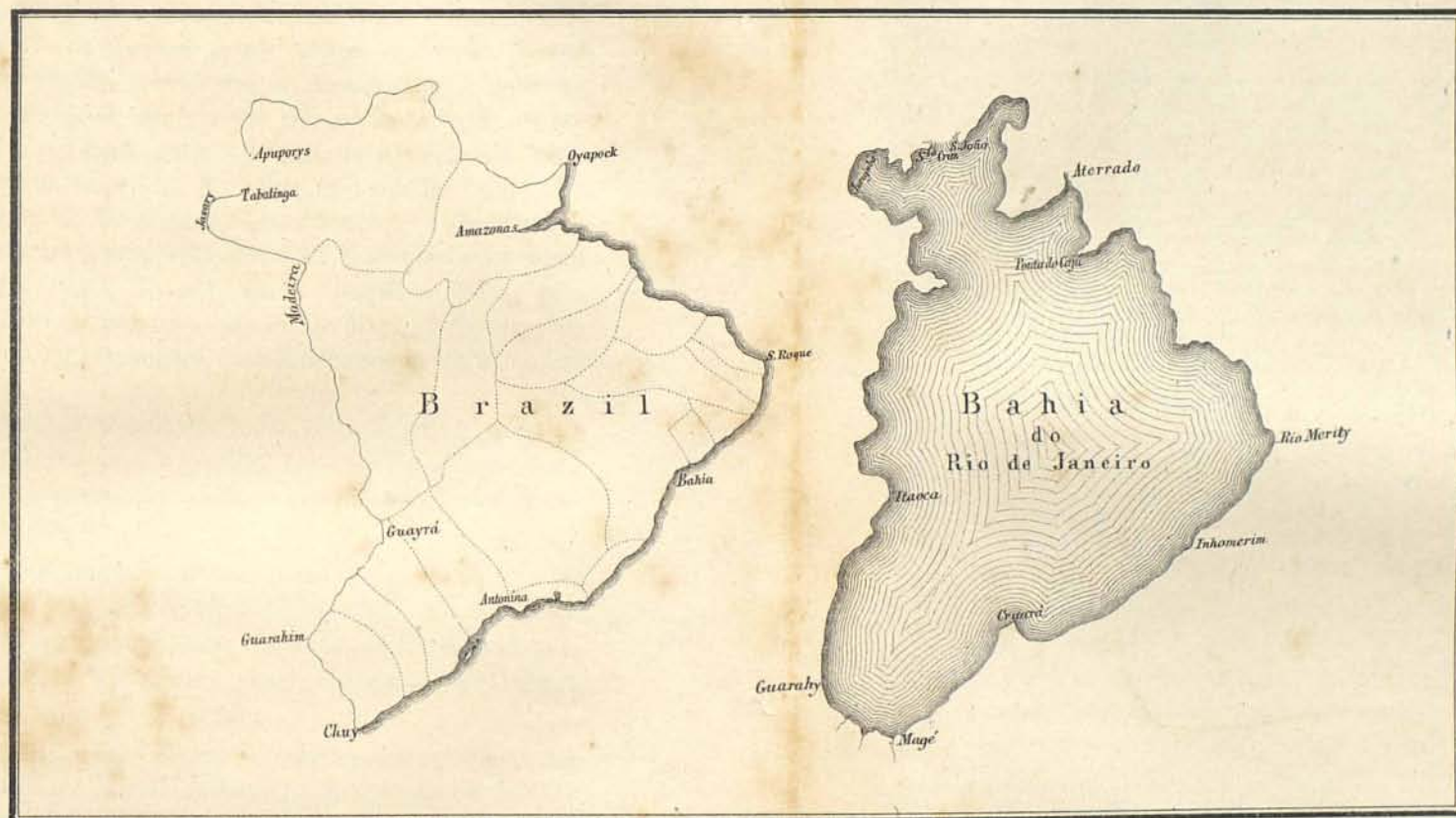
Antes de fazer uma descripção da bahia, seja-nos permitido apontar aqui seis singularidades, as quaes, além das propriedades muito conhecidas de sua vastidão, segurança, belleza, afortunada posição geographica, etc., como que fazem acreditar, que, na occasião de ser formada com o resto do mundo, a bahia do Rio de Janeiro mereceu especial benevolencia do seu Omnipotente Creador.

Essas singularidades, das quaes quatro se podem verificar pela inspecção de uma planta hydrographica, e as outras duas são observadas por todos os navegantes, que demandam a barra, são as seguintes :

#### 1ª singularidade :

A sua fôrma geral, que é a de um triangulo de lados irregulares, representa tambem em menor escala a configuração de todo o Imperio. Esta estranha particularidade

Confrontação entre o mappa do Brazil e a carta da bahia do Rio de Janeiro





já foi reconhecida pelo illustrado Varnhagen, que, apontando-a na pagina 249, 1º tomo de sua *Historiageral*, acrescenta :

« . . . e não faltarão fatalistas que em tal fórma vejam alguma mystificação. »

Com effeito, quem quizer certificar-se de tão curiosa circumstancia, não tem mais do que tomar uma carta da bahia do Rio de Janeiro e um mappa geral do Brasil e applicar aquella sobre este, de maneira que a linha da margem occidental, isto é, a que vai do Pão de Assucar á foz do rio Merity, fique sobre o mappa na direcção da fronteira norte do Imperio. A linha que n'aquella vai do Merity á boca do Magé, tomará a direcção, ou será parallela (conforme a proporção entre as duas cartas) á costa brailseira de leste, do cabo de S. Roque ao Chuy; e o terceiro lado do triangulo, que vai de Magé á fortaleza de Santa-Cruz, corresponderá ás fronteira sul e oeste do Imperio.

Finalmente, a entrada da barra, ou a abertura entre as pontas de Santa-Cruz e S. João, terá por simile no mappa a linha imaginaria, que marca o nosso limite entre Tabatinga e a foz do Apaporis.

Essa confrontação será facil, examinando os dois ligeiros esboços que juntamos a este trabalho, nos quaes indicamos os pontos correspondentes, notando aqui de passagem que dois d'elles têm nomes quasi identicos: *Guarahy* e *Quarahim*.

Assim pois, a configuração é, muito proximamente, uma miniatura da do Brasil inteiro, na proporção de 1:130; e ella está collocada no globo de modo que os seus tres lados são respectivamente perpendiculares aos seus homologos do Imperio.

*2ª singularidade:*

A sua mesma posição geographica é tal, que o seu eixo maior, isto é, a linha tirada do canal da barra ao fundo da bahia, segue o rumo do meridiano; circumstancia tambem digna de nota, pois que d'ella resulta, que a sua collocação sobre o globo terrestre está orientada da mesma fórma que em uma carta topographica, a saber: tendo o norte para a parte superior ou fundo da bahia e o sul para a inferior que corresponde á sua barra, de modo que o navegante ao entrar a barra avista a bahia como veria um gigantesco mappa que a representasse, rebatido sobre o plano horizontal.

D'esta disposição resulta ainda, que o observador verá sempre o sol em seu giro diurno descrever arcos em planos perpendiculares ao eixo maior da bahia, circumstancia que, reunida á habitual diaphaneidade e pureza da atmosphaera, influe para a formosa combinação de luz que se manifesta nas horas do nascimento, e mórmente do occaso do sol, quando se admira o grandioso espectaculo, que apresenta uma immensa gradação de côres, desde o dourado offuscante até o azul ferrete, passando pelo mais vivo carmim, e reflectindo-se tudo isto nas aguas, de uma á outra margem dá bahia, no sentido de sua largura.

*3ª singularidade :*

Acha-se esta bahia situada na latitude 22º, 54', 24'', e o Pão de Assucar, que lhe fica no extremo sul, está collocado á pequena distancia do tropico-austral, d'onde se segue, que o Pão de Assucar, sentinella avançada da barra, marca o limite que é dado ao sol afastar-se, em sua marcha para o sul; particularidade a que alludiu o illustre Por'º-Alegre, quando o designou como

Balisa tropical, nota luzente,  
Throno de Capricornio, a cujo aceno  
O ellyptico galope dos Ethontes  
Pára e recúa no celeste circo.

e antes d'elle, o conego João Pereira da Silva no poema heroi-comico, *A Estolaida*, dizendo:

Esta penha redonda, alta e pontuda,  
Suster parece a capricornia zona.

Em consequencia d'essa latitude especial, da configuração e da posição em relação á barra, alguns astrónomos têm pensado na conveniencia que haveria em ser o meridiano, que passa pelo Pão de Assucar, o escolhido para determinar as longitudes brasileiras, em lugar da do Observatorio do Castello, que parece estar destinado, talvez em um futuro proximo, a ser mudado de sua localidade actual para uma das ilhas do interior da bahia. A idéa da adopção d'esse novo meridiano (que dista do do Castello cerca de quatro segundos de tempo) ouvimos-a pela primeira vez do illustrado senador Candido Baptista, e julgamos mesmo, que já houve uma disposição do governo n'esse sentido, a qual não tem sido posta em execução. E a este respeito accrescentaremos, que, no *Atlas do Brasil* do senador Candido Mendes, sem duvida a mais importante obra d'essa natureza, que se tem feito entre nós, as longitudes são referidas nos mappas ao meridiano do Pão de Assucar, não obstante estar declarado á pag. 9, que o seriam em relação ao do Observatorio do Castello. Tambem se refere ao meridiano do Pão de Assucar á carta da provincia do Rio de Janeiro levantada pelos distinctos generaes Bellegarde e Niemeyer nos annos de 1858—1861.

*2ª singularidade:*

A sua mesma posição geographica é tal, que o seu eixo maior, isto é, a linha tirada do canal da barra ao fundo da bahia, segue o rumo do meridiano; circumstancia tambem digna de nota, pois que d'ella resulta, que a sua collocação sobre o globo terrestre está orientada da mesma fórma que em uma carta topographica, a saber: tendo o norte para a parte superior ou fundo da bahia e o sul para a inferior que corresponde á sua barra, de modo que o navegante ao entrar a barra avista a bahia como veria um gigantesco mappa que a representasse, rebatido sobre o plano horizontal.

D'esta disposição resulta ainda, que o observador verá sempre o sol em seu giro diurno descrever arcos em planos perpendiculares ao eixo maior da bahia, circumstancia que, reunida á habitual diaphaneidade e pureza da atmosphera, influe para a formosa combinação de luz que se manifesta nas horas do nascimento, e mórmente do occaso do sol, quando se admira o grandioso espectaculo, que apresenta uma immensa gradação de côres, desde o dourado offuscante até o azul ferrete, passando pelo mais vivo carmim, e reflectindo-se tudo isto nas aguas, de uma á outra margem da bahia, no sentido de sua largura.

*3ª singularidade :*

Acha-se esta bahia situada na latitude 22º, 54', 24'', e o Pão de Assucar, que lhe fica no extremo sul, está collocado á pequena distancia do tropico-austral, d'onde se segue, que o Pão de Assucar, sentinella avançada da barra, marca o limite que é dado ao sol afastar-se, em sua marcha para o sul; particularidade a que alludiu o illustre Porto-Alegre, quando o designou como

Balisa tropical, nota luzente,  
Throno de Capricornio, a cujo aceno  
O ellyptico galope dos Ethontes  
Pára e recúa no celeste circo.

e antes d'elle, o conego João Pereira da Silva no poema heroi-comico, *A Estolaida*, dizendo:

Esta penha redonda, alta e pontuda,  
Suster parece a capricornia zona.

Em consequencia d'essa latitude especial, da configuração e da posição em relação á barra, alguns astrónomos têm pensado na conveniencia que haveria em ser o meridiano, que passa pelo Pão de Assucar, o escolhido para determinar as longitudes brasileiras, em lugar da do Observatorio do Castello, que parece estar destinado, talvez em um futuro proximo, a ser mudado de sua localidade actual para uma das ilhas do interior da bahia. A idéa da adopção d'esse novo meridiano (que dista do do Castello cerca de quatro segundos de tempo) ouvimos-a pela primeira vez do illustrado senador Candido Baptista, e julgamos mesmo, que já houve uma disposição do governo n'esse sentido, a qual não tem sido posta em execução. E a este respeito accrescentaremos, que, no *Atlas do Brasil* do senador Candido Mendes, sem duvida a mais importante obra d'essa natureza, que se tem feito entre nós, as longitudes são referidas nos mappas ao meridiano do Pão de Assucar, não obstante estar declarado á pag. 9, que o seriam em relação ao do Observatorio do Castello. Tambem se refere ao meridiano do Pão de Assucar á carta da provincia do Rio de Janeiro levantada pelos distinctos generaes Bellegarde e Niemeyer nos annos de 1858—1861.



4ª singularidade:

Desde a entrada da barra até chegar ás duas cidades assentadas nas margens da bahia, nota-se uma successão de accidentes naturaes, tão felizmente dispostos para a defesa, que dir-se-hia ter querido o Creador dotar de antemão a futura cidade com um systema completo de defesa contra inimigos exteriores.

Com effeito, um simples exame da planta topographica mostra, que a entrada da barra, já de si muito estreita, divide-se ainda em duas partes, uma das quaes sendo impraticavel e os navios encontrando sómente na outra passagem franca, são forçados estes a seguirem por um canal, ao longo do qual existem pontos d'onde lhes pôde ser difficultado o trajecto, como sejam as pontas de Santa Cruz e de S. João, bem como as ilhas da Lage, de Villegaignon e das Cobras; além d'esses, á direita e á esquerda, em uma e outra margem, estão situados habilmente, quer por sua posição avançada, quer por sua elevação, outros pontos excellentes para um efficaz cruzamento de fogos em todo o espaço, que precede a cidade e o ancoradouro, como sejam: os morros do Pico, da Jurujuba, da Viuva, da Gloria, do Cavallão, da Bôa-Viagem, do Gravatá, do Castello, da Armação e ponta do Arsenal de Guerra.

Accrescente-se ainda o precioso auxilio, que pôde ser prestado pela artilharia de navios e baterias fluctuantes convenientemente dispostos: o de grossas correntes passadas entre o costão de Santa Cruz e a Lage (Nota 18), e bem assim o emprego de uma ou duas linhas de torpedos na entrada ou ao longo do canal, e comprehender-se-ha, que é possivel desenvolver uma resistencia vigorosissima, capaz de neutralisar todos os esforços da mais poderosa esquadra inimiga. Esta opinião

é compartilhada pelo governo dos Estados-Unidos, que, em uma obra official impressa em 1873 (*Roteiro das costas do Brasil*), á pag. 323, diz o seguinte :

« *A entrada da bahia e as vizinhanças da cidade são defendidas por uma serie de fortes e laterias capazes de grande resistencia ao ataque de uma poderosa esquadra. Os fortes estão sendo melhorados, mas até agora nenhum foi encouraçado. A bahia é admiravelmente apropriada á defesa por meio de torpedos, que, sendo habilmente manejados, haveria grande perigo para os navios e a certeza de se perderem alguns d'elles.* »

5ª singularidade :

Desde muitas milhas de extensão para o norte e para o sul, a costa é como que resguardada por uma muralha ou cortina de serras, deixando apenas vêr uma estreita interrupção, que, á semelhança de um portico, tem de cada lado como ombreira um elevadissimo monte de formas especiaes, o Pico de Santa-Cruz ao norte e o Pão de Assucar ao sul. É ahí a entrada da portentosa bahia, a qual muitas vezes passaria desapercibida aos navegantes, sem a presença d'esses dois gigantes, principalmente do ultimo, que, distinguindo-se muito de todos os outros e sendo avistado de longa distancia, serve de seguro guia a quem demanda a côrte imperial.

O aspecto d'essa extensa linha de montanhas, que se interrompe bruscamente na entrada da barra, faz-nos sempre lembrar o seguinte bellissimo trecho da *Nebolusa*, conhecido poema do Dr. Macedo :

Como duas columnas de guerreiros,  
Gigantes feros, que, avançando irados,  
Param ambos a um tempo antes da luta,  
Deixando ao turvo olhar espaço breve,  
Duas filas de rochas escarpadas

Tinham, rasgado o pelago raivoso,  
Frente a frente estacado: inabalaveis  
Os pés fincavam no profundo abysmo,  
Em suas frentes remoinhavam nuvens  
Quaes da vinganca tenebrosos planos.

Por sua fórma especial, a que deve o nome, posição geographica ethnographica, e ainda por sua elevação superior á de todos os montes lhe estão vizinhos, o Pão de Asucar tem merecido particular menção de grande numero de autores, em prosa everso; d'elles citaremos apenas os seguintes :

Lery, o contemporaneo de Villegaignon, confundindo o nome. que recebera dos primeiros que o avistaram, diz, que os francezes o denominaram *manteigueira* (pôt de beurre), à *cause de sa rondeur et qu'il est fort semblable à une tour.*

O nunca assás citado Varnhagem (*Historia Geral. II. 484*) admira o *conico pedregulho original posto pela mão de Deus, de atalaia á entrada da melhor barra e do melhor porto do mundo.*

O Dr. Ignacio José de Alvarenga Peixoto, na celebre Ode « *Á Rainha D. Maria I* », faz d'elle referencia, do seguinte modo .

O Principe sagrado  
Do Pão de pedra, que domina a barra,  
Em colossal estatua levantado,

Veja a triforme garra  
Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,  
Que o irritado sudoeste esbarra;

E veja glorioso  
Vastissima extensão de immensos mares,  
Que cerca o seu Imperio magestoso.

O conego João Pereira da Silva, no 2º canto do poema *A Estolaida*, já mencionada acima, fazendo d'elle uma descripção um tanto bizarra, diz :

A pyramide egypcia mais aguda  
D'ellè á vista se abate e desabona,  
Ou é da Madre Terra a lingua muda,  
Do mundo antigo maravilha nona,  
Ou foi, segundo os Gregos e Romanos,  
Pão de Assucar do chá dos Centimanos.

Pois tomando os monstrosos Brontes  
De Baccho o chá na Liparia cõpa,  
Bicaram contra o céo soberbas frontes :  
E qualquer joga as armas com que topa,  
Com as chicaras lhe atiram de ócos montes,  
Cahe n'Asia o Tauro, os Pyreneos na Europa ;  
E o Pão de Assucar, como mais ligeiro  
Na foz cahiu do Rio de Janeiro.

No bello poema *Assumpção da Virgem*, canto 6º, lê-se tambem esta engenhosa pintura do insigne Fr. Francisco de S. Carlos :

Vêdes na foz aquelle que apparece  
Ponti-agudo e escarpado ? Pois parece  
Que deu-lhe a providente natureza,  
Além das obras d'arte, por defesa  
Na derrocada penha transformado  
Nubigena membrudo, sempre armado,  
De face negra e torva ; e mais si o c'roa  
Neve e trovões e raios, com que atroa :  
Que c'o a frente no céo, no mar os rastos  
Atrevido ameaça o pégo e os astros ;  
E do seio das nuvens, onde a frente  
Esconde, vendo o mar té o horizonte,  
Mal que espreita surgir lenho inimigo,  
Prompto avisa e previne-se o perigo.

No poema *A Independencia do Brasil*, Teixeira e Souza, tratando da missão tradicional de S. Thomé ás plagas

brasileiras, figura que em commemoração dos serviços do apóstolo o Creador esculpira no céo uma constellação e na terra uma immensa pyramide: a constellação é o *Cruzeiro do Sul* e

A pyramide ainda existe agóra,  
Testemunha eternal da santa historia!  
O indigena humilde ali adora  
Do antigo Sumé a fama e a gloria!  
O tempo a branca còr que tinha outr'ora  
Extinguiu; mas eterna é a memoria!  
E da fôrma que tem, que é tão sabida,  
Por *Pão de Assucar* é hoje conhecida.

EST. CXXX.—Canto.

Fagundes Varella, o talentoso poeta tão cedo roubado á patria, exclama no 10º canto do seu *Evangelho das Selvas*:

Lá na entrada do soberbo emporio  
O Adamastor da America repousa  
Á luz do sol brilhante que lhe aquece  
A cabeça medonha, escaveirada,  
E o dorso horrendo onde resvala o raio  
Nos dias de tormenta; audaz colosso  
Robusto velador que ao longe assombra  
Os Genios do Oceano, e brada ao mundo:  
— « Em nome do direito e da justiça,  
Podeis entrar no templo do futuro,  
Sacrificar ao Deus da liberdade !

O homerico cantor do *Colombo*, o poeta-pintor Araujo Porto-Alegre, em um dos arroubos tão communs á sua altiva imaginação, dedicou ao Pão de Assucar as seguintes linhas :

Salve, nobre penhasco, emblema eterno,  
Do Rio de Janeiro ! monumento  
Que do mar devassando os horisontes  
Vais, benigno ostensor, ao lasso nauta

N'esses plainos remotos, n'esses longes,  
As portas franquear do rico emporio  
Que em seu seio oceanico, seguro,  
Póde do mundo acobertar as frotas !

E, finalmente, entre as delicadas poesias do Dr. Bernardo Guimarães avulta o canto epico á *Bahia de Botafogo*, na qual sobresahe a seguinte formosa descripção do Pão de Assucar :

Vêde aquelle rochedo, que isolado  
Com temeroso vulto se levanta  
Por sobre as aguas ; atalaia eterna,  
Que nos céos embebendo a fronte immovel  
Ampara as terras e vigia os mares.  
Eil-o campeia, qual o negro eunucho,  
Ali postado, taciturno e quêdo,  
De harem vedado defendendo a entrada.  
Junto a seus pés as ondas marulhosas,  
Com medonhos bramidos rebentando  
Na rocha núa, as bases lhe debruam  
De um cinto de alva espuma. Tal dirieis  
De brancos ursos apinhados bandos,  
Que atropellados pelas praias correm,  
Qual se feroz matilha os perseguira.  
Para galgar as ingremes encostas,  
Em furiosos saltos se arremessam.  
Pela empinada, rija penedia !  
Em vão forcejam. . . pela rocha lisa  
As impotentes garras escorregam ;  
E de novo rosnando se despenham  
A sumir-se no pégo que os devora,  
E de novo os vomita a proseguirem  
No eterno assalto contra a rocha immovel.

6<sup>a</sup> singularidade :

O navegante que, chegando em frente á barra, em noite clara, ou á hora em que a frouxa luz do dia, que se despede ou se aproxima, torna indecisa a fôrma dos objectos, estender a vista pelo espaço que se envolve á esquerda, ficará absorto e experimentará

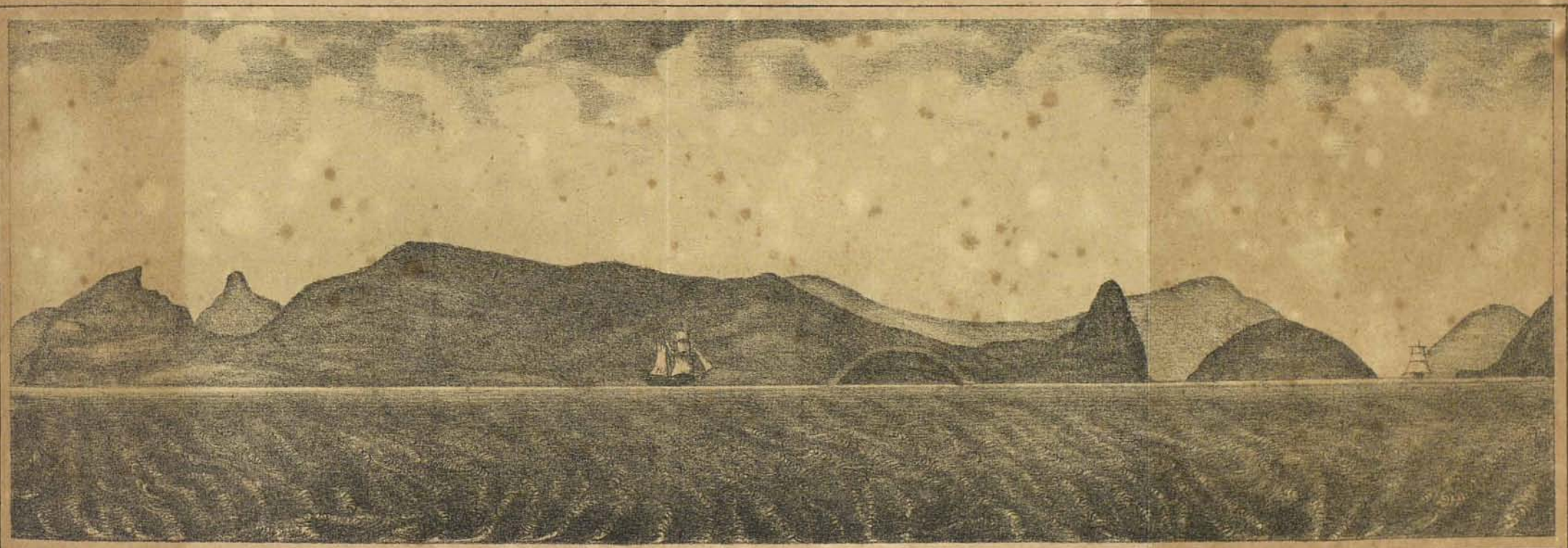
uma sensação de assombro, notando a extraordinaria disposição que apresentam as montanhas, dando a fórma exacta e muito distincta de um colossal vulto humano deitado de costas, e que um effeito de optica parece suspendê-lo ácima das aguas, augmentando-lhe as já enormes dimensões. N'esta immensa figura, conhecida geralmente pelo *Gigante que dorme* ou *Gigante de pedra*, as elevadas montanhas da Gávea e da Tijuca formam o rosto, dotado de um pronunciado nariz aquilino, a serra do Corcovado representa o tronco e as pernas, e o Pão de Assucar o termina, formando-lhe o pé.

« *Questo colosso* (diz o commandante Eugenio Rodrigues na *Descrizione del viaggio della flota di Napoli em 1843*); *dorme di sonno eterno, par che volesse indicare la placida natura, concessa alla sorprendente baia di Rio Janeiro.* »

Tão formidavel apparição, que hoje, segundo diz Varnhagen, *os nautas encaram tranquillos e admiram á vontade, porque, ao vê-lo, já consideram terminados os riscos da viagem*, muito impressionou a principio os navegantes, que depois se foram familiarisando com elle, a ponto de todos descobrirem nos traços de seu rosto semelhança com pessoas notaveis de seus paizes; e é assim que os francezes (entre elles Mouchez o Jacques Arago) acham-lhe no rosto e nariz fórmas caracteristicas dos principes da casa real de Bourbon, e mesmo um viajante (Fourcy de Bremoy) diz que é o perfeito retrato do desventurado Luiz XVI de França; os inglezes, a acreditar o que nos affirma Walsh (*Notices of Brazil*) chamam ao gigante *Lord Hood*, por vêrem n'elle o retrato fiel do famoso almirante que, no fim do seculo passado, tanto damno causou aos francezes nas Antilhas e em Toulon; e os proprios officiaes de nossa armada dão-lhe o appellido de *Carvalho*, pela

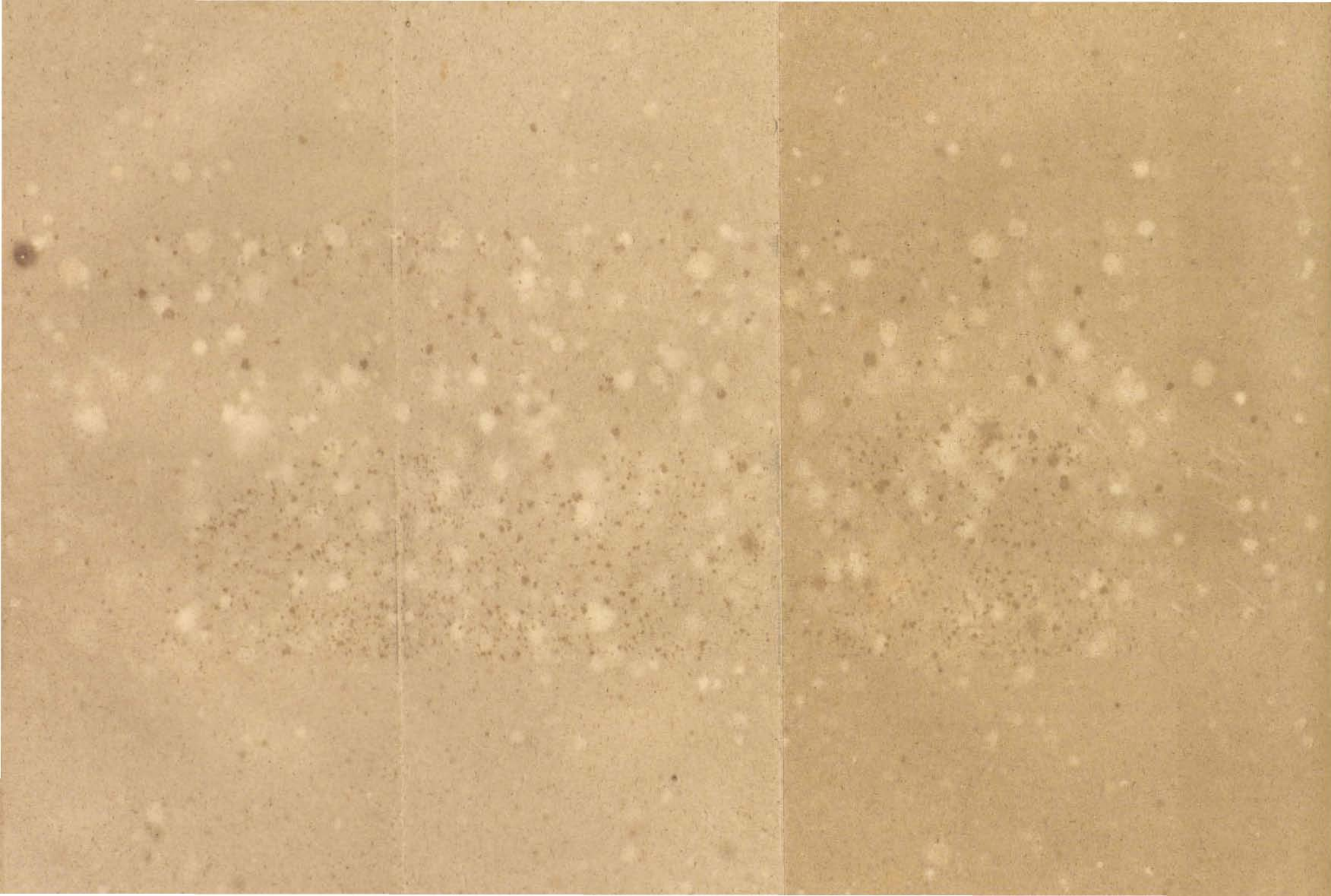
O GIGANTE QUE DORME

Vista de fora da barra



RIO DE JANEIRO.





exacta semelhança que notam entre o seu nariz e o do fallecido chefe de esquadra Antonio Pedro de Carvalho.

Em uma nota da conhecida obra *Le Pilote du Brésil*, conta-nos o barão Roussin que aos fidalgos que compunham a côrte portugueza de D. João em 1808 causára profundo abalo a vista de tal phenomeno, quando se aproximaram da nossa barra ; e fornecêra thema para um grande quadro representando a esquadra do Principe Regente entrando garbosamente no Rio de Janeiro, divisando-se perfeitamente o gigante, designado como o *Genio do Brasil*, e no alto do quadro, circulada por brilhante aureola, a interjeição : *Gigante, desperta!* Essa interjeição foi uma prophécia, visto que d'esse dia, 8 de Março de 1808, data na nossa historia a época em que o gigante brasileiro despertou e começou a agitar-se, até tomar lugar entre as nações independentes e livres.

Não sabemos que destino deram a esse quadro, pois apenas o vimos na mencionada nota de Roussin, lembrado ainda por seu compatriota Mouchez ; em compensação, porém, possuímos duas formosas poesias, que facilmente se gravam na memoria de quem as lê. Uma dellas é a *Cantiga* do malfadado Fagundes Varella, na qual se notam os seguintes versos :

Viajante que deixaste  
As ondas de Panamá,  
Vela ao entrares no porto  
Aonde o gigante está.

Elle dorme, dorme, dorme,  
Mas nem sempre dormirá,  
Basta um bafejo, um susurro,  
Que o gigante acordará.

Curva-te ao guarda soberbo  
Que junto da barra está,  
Mede as vagas do Amazonas  
E os campos do Paraná.

Volta depois a teus lares,  
Conta o que viste por cá,  
Viajante que deixaste  
As ondas do Panamá.

.....  
.....

Mas olha que junto ao porto  
Soberbo gigante está ;  
Elle dorme, dorme, dorme,  
Mas nem sempre dormirá.

A outra poesia, não ha um brasileiro amante das letras  
que a não saiba de cór. É a admiravel inspiração do im-  
mortal cantor dos *Timbyras*, o nosso popularissimo Gon-  
çalves Dias :

O GIGANTE DE PEDRA

Gigante orgulhoso, de fero semblante,  
N'um leito de pedra lá jaz a dormir !  
Em duro granito repousa o gigante  
Que os raios sómente puderam fundir.

Dormido atalaia, no serro empinado,  
Devêra cuidadoso, sanhudo velar ;  
O raio passando o deixou fulminado,  
E á aurora que surge não ha' de acordar !

O'o os braços no peito, cruzados, nervosos,  
Mais alto que as nuvens, o céu a encarar,  
Seu corpo s'estende por montes fragosos,  
Seus pés sobranceiros se elevam no mar !

.....  
.....

De lavas ardentes seus membros fundidos,  
Avultam immensos ; só Deus poderá  
Rebelde lançal-o dos montes erguidos,  
Curvados ao peso que sobre lh'está.

.....

Da noite que surge no manto fagueiro,  
Quiz Deus que se erguesse de junto a seus pés,  
A cruz sempre viva do Sul no Cruzeiro  
Deitada nos braços do eterno Moysés.

.....

E lá na montanha, deitado, dormido,  
Campeia o gigante, nem pôde acordar !  
Cruzados os braços de ferro fundido,  
A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar !

.....  
.....

Porém se algum dia fortuna inconstante  
Puder-nos a crença e a patria acabar,  
Arroja-te ás ondas, oh ! duro gigante,  
Inunda estes montes, desloca este mar !

#### IV

### DESCRIÇÃO GERAL

A bahia do Rio de Janeiro tem a fórma de um triângulo irregular, cujos lados são linhas sinuosas, originando uma multidão de enseadas, golfos e saccos, circumdados em distancias variadas por serras e montanhas, que por suas differentes configurações e alturas dão-lhe o aspecto o mais pittoresco e grandioso.

Todos os viajantes que a têm visitado comparam-a com outros pontos, cuja belleza lhes serve de padrão : Luccok achou-lhe semelhança com a bahia de Sidney, Lery e Horacio Say com o lago de Genebra, Maria Graham com os portos de Bombaim e de Trinquemale, outros com o golfo de Napoles, com a bahia de Constantinopla, com a embocadura do Tejo ; e o geologo d'Orbigny, no 3º tomo da *Viagem á America Meridional*, descrevendo-a, diz o seguinte :

« A bahia do Rio de Janeiro apresenta em seu complexo,  
« mas em maior escala, a imagem da de Brest : é como  
« ella estreita na entrada, bordada de rochedos, muito pro-  
« funda e extensa, e até a composição geologica é quasi  
« analoga. A analogia, porém, não vai mais longe, pois  
« que na do Rio tudo é mais magestoso, a bacia muito  
« mais vasta, nas montanhas muito mais altas, e nos  
« seus limites, que desaparecem no horizonte, avista-se,  
« perdendo-se nas nuvens, as agulhas da serra dos Orgãos.»

A maior extensão da bahia, contada da ponta de S. João á foz do rio Magé, é de 30 kilometros (5,5 leguas maritimas), a maxima largura, entre as bocas dos rios Merity e Macacú, de 28 kilometros; e a circumferencia, acompanhando o contorno das praias, de 140 kilometros, ou proximamente 25 leguas.

A sua estreita entrada tem apenas um e meio kilometro de largura, e esta ainda se divide em duas partes desiguaes, das quaes a maior, de 900 metros entre a Lage e Santa Cruz, é a unica praticavel por sua grande profundidade e segurança; ao passo que a outra, entre a Lage e S. João, é perigosissima á navegação por causa dos recifes e forte arrebentação que ahi ha constantemente.

A profundidade do canal em frente á Santa Cruz é de 52 metros; seguindo para dentro da bahia, vai augmentando de fundo até attingir a 64 metros, que é a cerca de um kilometro de Santa Cruz; vai depois decrescendo, de modo que entre as pontas do Calabouço e Gragoatá é de 40 metros, entre a ilha das Cobras e a ponta da Armação de 29 metros; mais para dentro, entre as ilhas do Boqueirão e de Paquetá, de 17 metros; finalmente diminue com mais rapidez na direcção das praias, de uma e de outra margem.

Quanto á natureza do leito: no canal e suas circumvizinhanças é quasi sempre de pedra, conchas e arêa; nas

proximidades das margens e mormente junto das embocaduras dos rios que ali desaguam, o fundo é de lodo ou vasa.

Fóra da barra e perto de sua entrada, as profundidades são consideraveis; entretanto, trabalhos executados em differentes épocas indicam que o fundo vai diminuindo sensivelmente, em toda a linha entre a ilha da Cotunduba e a ponta do Imbuhy. Este facto, que está de harmonia com a opinião dos geologos sobre a elevação gradual de algumas costas, devida á acção lenta, mas continua, das forças volcanicas em actividade no interior do nosso planeta, foi denunciado ha annos pelo illustre geologo brasileiro Dr. Capanema, que observou em penedos de nossas praias e a consideravel altura do mar, escavações formadas outr'ora pelos ouriços marinhos; e o sabio conselheiro Candido Baptista, comparando na *Revista Brasileira* de Janeiro de 1859 as sondagens praticadas a seu pedido pela Marinha em 1854 com as obtidas pelas armadas de Martim Affonso em 1531 e de Duguay Trouin em 1711, chegou á conclusão que o banco existente na referida direcção se eleva de quatro metros proximamente em cada seculo, e por conseguinte daqui a 240 annos chegará ao nivel das aguas, interceptando a praticagem por toda essa extensão.

Tal circumstancia, que obrigará a que todos os navios transitem pelo canal a O. da Cotunduba, margeando o Pão de Assucar, canal de 700 metros de largura e bastante fundo, se por um lado difficulta a entrada e sahida da barra, mormente para os navios de vela, tornará em compensação muito mais energica a defesa do porto, principalmente se a área do banco fôr aproveitada para a construcção de um quebra-mar e obras de fortificação convenientes para, com poderosa artilharia, attingir o inimigo fóra do

canal, tornando este inexpugnável pelo cruzamento de fogos com as baterias da Praia-Vermelha, S. João, Cotunduba, Lage, Santa-Cruz e Praia de Fóra.

Com o andar dos tempos é possível, e mesmo provável, que esse canal também vá diminuindo de profundidade e interrompa-se a navegação por elle; e, n'esse caso, a nossa esplendida bahia parece estar fadada a transformar-se em um grande lago, em épocas que não nos é dado fixar por falta de observações competentes; transformação essa por que já passaram, ha seculos, outras lagoas da nossa costa, como as de Rodrigo de Freitas, Maricá e Saquarema; assim como tudo faz acreditar que, não ha muitos seculos, se achava de baixo d'agua todo o espaço plano em que se assenta hoje a nossa cidade, figurando como ilhas os morros da Viuva, Gloria, Castello, Santo Antonio e S. Diogo. Assegura Balthazar Lisbôa nos seus *Annaes* (liv. I cap. 2º § 5) que, na época da fundação da cidade, o morro de S. Bento era uma ilha, e que onde está a igreja da Candelaria encahára tempos depois uma náó, cujas madeiras serviram na construcção da igreja; assim também, monsenhor Pizarro nas *Memorias historicas* (tomos III pag. 204 e VII pag. 16) conta-nos que, em estaleiros na ilha de Paquetá e na ponta do Galeão, lugares hoje de pouco fundo, foram outr'ora fabricadas a fragata *Estrella* e a náó *Capitania Real*.

Que papel representará então n'esse futuro remoto a bella Nitherohy perante o mundo?

É difficil conjectural-o. Talvez existam então meios bastante poderosos para aprofundar esses canaes, conjurando indefinidamente a sua obstrucção; ou se consira construir na barra uma obra gigantesca permanente, que estabeleça a livre navegação para o interior da bahia;

ou ainda que n'essa época a solução completa do problema da direcção dos aerostatos tenha feito mudar de face a navegação marítima.

A quem rir-se d'esta proposição diremos que com a marcha vertiginosa com que avançam a sciencia e a industria, em que uma descoberta é o degráo para mil outras, é impossivel prever ou duvidar de cousa alguma, com seculos de antecipaçoão.

Tornando, porém, á realidade do nosso assumpto :

Entrando a barra e seguindo até á ilha das Cobras, nota-se como que duas bahias distinctas, uma que vai até esta ilha e ponta da Armação, e outra que, começando ahi, se prolonga de sul a norte, alargando-se mais para a esquerda. A primeira é, pelo que vimos ha pouco, aquella que tem maior profundidade, e é n'ella em que melhor se sentem as acções do fluxo e do refluxo das marés, principalmente nas praias do Flamengo, Gloria, Santa Luzia, das Flexas e de Icarahy, que ficam fronteiras á barra. Na segunda bahia, muito mais vasta e melhor abrigada dos ventos e correntes, é onde desaguam muitos rios, e n'ella são mais tranquilladas as aguas, o que se explica facilmente do modo seguinte: O volume das aguas que durante o fluxo entram pela estreita barra tem de espalhar-se em uma superficie vastissima, em um tempo limitado; d'onde succede que, a força da correnteza dividindo-se á proporção que avança para o fundo da bahia, sua influencia é já muito diminuta quando chega á ilha do Governador, além da qual ella difficilmente se propagará, não só por causa das muitas ilhas, corôas e bancos que ahi existem, como porque a esse tempo já tem passado o periclo da enchente e começado na barra o da vasante.

Cabe aqui lembrar o que já dissemos na nota 2<sup>a</sup> do Cap. II, isto é, que a differença notavel que se observa entre



as duas porções norte e sul da bahia, talvez não tivesse passado desapercibida dos indigenas, e a cada uma d'ellas pertencesse um dos dois nomes de *Nitherohy* e *Guanabara*, que se confundiu depois como designando um só sitio.

O estabelecimento do porto, isto é: a hora do preamar lunar, é geralmente ás 3 horas da tarde, mas os ventos produzem grandes alterações, e por isso vai ás vezes desde as 2<sup>h</sup> 30<sup>m</sup> até as 3<sup>h</sup> 45<sup>m</sup>. A altura das marés das aguas vivas ordinarias é de 1<sup>m</sup>,22 e a das equinociaes varia de 1<sup>m</sup>,43 a 2<sup>m</sup>,20. Dentro da bahia, a duração do refluxo é maior do que a do fluxo, dependendo esta differença dos ventos e enchentes dos rios que desaguam na bahia; mas na barra, o tempo, quer de enchente, quer de vasante, é de 5<sup>h</sup> 38<sup>m</sup>, sendo o intervallo entre uma e outra (conhecido por *maré estofa*) de 14 minutos; do 1<sup>o</sup> ao 2<sup>o</sup> preamar de cada dia decorrem, portanto, 12<sup>h</sup> 24<sup>m</sup>, e por isso de 15 em 15 dias as marés são as mesmas e ás mesmas horas, mas de denominações contrariás.

N'esta bahia o calor tropical é modificado pelos ventos, quasi constantes no quadrante do sul, assim como pelas brisas de terra e do mar, que se fazem com muita regularidade, do modo seguinte: Da meia-noite até á madrugada sopra o terral, a principio brandamente a NO., passando successivamente a N. e a NE., onde attinge o maximo de intensidade ás 3 horas da manhã, diminuindo depois, até extinguir-se ao nascer do sol. Succede-se então um intervallo de calma até ás 10 ou 11 horas, depois do que começa a sentir-se a viração suave de SO., a qual, augmentando de força, passa a S. e SE. até ás 3 horas da tarde e declina ao pôr do sol.

Pelas vantagens que o porto do Rio de Janeiro offerece á navegação, é elle o mais frequentado da America do Sul e um dos mais frequentados do universo. Durante

o dominio colonial, era aqui que se reuniam os comboios para a metropole, sendo n'essa época um acontecimento raro a entrada de um navio estrangeiro; e quando isso se dava, a tripolação e os passageiros eram submettidos a rigorosa e incommoda vigilancia, da qual tão amargamente se queixaram os navegantes Cook e Bougainville, quando em suas viagens de circumnavegação aqui aportaram, sendo vice-reis os suspeitosos condes da Cunha e de Azambuja (*Vide* nota 23).

No anno de 1807 entraram neste porto 778 navios, dos quaes sómente um estrangeiro; no anno seguinte, em virtude do Decreto que franqueava os portos do Brasil a todas as nações, esse algarismo elevou-se a 855, dos quaes 90 estrangeiros; e essa progressão tem sempre continuado, de maneira que, actualmente, o movimento de entradas e sahidas do porto excede annualmente de 5,000 navios de todas as lotações, bandeiras e procedencias.

O rendimento de sua alfandega tem acompanhado este accrescimo gradual, pois que, orçando em 250:000\$ por anno antes da chegada da familia real, foi em 1880 superior a 43.000:000\$, importancia que excede á somma dos rendimentos de todas as outras alfandegas reunidas, e igual á terça parte da renda total do Imperio. A renda média por dia d'essa alfandega é de cerca de 140:000\$, mas varia muito em certas occasiões, sendo dignos de nota os rendimentos dos dias 21 de Fevereiro, 23 de Outubro e 18 de Dezembro do anno passado, que foram de 487:000\$ o primeiro, 400:000\$ o segundo, e 510:000\$ o terceiro, isto é, mais de um milhão de cruzados em cada um d'esses dias! No ultimo d'elles, só em café foram exportadas 177,141 saccas, no valor de 4.358:000\$000!

Não obstante a excellencia do porto, o governo, attendendo ao augmento progressivo de suas relações commerciaes,

tem reconhecido a conveniência de melhora-lo, no sentido de tornar mais facil e commodo o serviço de carga e descarga dos navios. Em 1851, havendo uma lei concedido 400:000,§ para esse melhoramento, foi nomeada uma commissão, presidida pelo marechal Andréa, depois barão de Caçapava, para proceder aos respectivos estudos, a qual apresentou em 17 de Abril de 1852 um projecto, consistindo em um alinhamento de cões geral entre os arsenaes de marinha e de guerra, tendo duas docas para o serviço d'essas repartições e mais tres caldeiras ou pequenas bacias em frente das praias dos Mineiros, Mercado e D. Manoel, correndo no espaço entre as duas ultimas um cões unido com escadas e rampas, destinadas ao serviço de embarque e desembarque de passageiros.

Um anno depois, o engenheiro hyraulico contratado Carlos Neate apresentou outro projecto, unindo os dois arsenaes por uma linha geral, baseada sobre uma curva regular de uma á outra extremidade, tendo in ercaladas tres bacias: uma entre o primeiro arsenal e o trapiche Maxwell, podendo accomodar 16 navios para a alfandega; outra pequena em seguida, para abrigar os botes do mercado, com rampa de descarga; e a terceira, proxima ao arsenal de guerra, para serviço das faluas e vapores de navegação da bahia. Este plano, que attendia sómente ás necessidades do presente e não ás do futuro, foi desde logo posto em execução, sendo orçado por seu autor em £ 370,130, não incluindo os telheiros, trilhos, guindastes e mais accessorios.

O engenheiro H. Law, consultado em Abril de 1858 sobre o melhor meio de augmentar os espaços necessarios para o arsenal de marinha e alfandega, propôz um plano gigantesco, consistindo em arrazar a ilha das Cobras e o recife da ponta do Calabouço, e com a pedra extrahida construir tres quebra-mares, estendendo-se do arsenal de

marinha á ilha das Cobras, d'esta á ilha dos Ratos e d'este ponto á ponta do arsenal de guerra, formando-se assim uma immensa doca fechada, superior em capacidade a qualquer outra obra d'esta natureza. Uma abertura entre o primeiro arsenal e a ilha das Cobras, e outra entre esta e a dos Ratos dariam passagem aos navios, e no interior da doca 16 extensas pontes sobre columnas de ferro serviriam de cáes para embarque e descarga dos carregamentos, operações estas que seriam executadas com rapidez por meio de guindastes e carretões sobre trilhos, dirigidos para os armazens. Do largo do Paço até perto da ilha dos Ratos, se estenderia em linha recta um passeio, que, alongando-se pelo quebra-mar até á praia de Santa Luzia, constituiria um *promenade* (palavra textual) de 1,275 braças de extensão, d'onde se gozaria uma vista magnifica e ares purissimos. A despeza a fazer com esta obra grandiosa foi orçada em 16.000:000\$, e além das vantagens acima mencionadas, tinha a de poder em qualquer tempo ser realizada, sem prejuizo das obras do plano Neate que estava em execução.

Em artigos do *Correio Mercantil*, de 12, 16 e 21 de Dezembro de 1860, o engenheiro francez C. Bernard, censurando o projecto Neate, apresentou um outro que lhe parecia muito superior, cuja idéa capital era um extenso molhe ligando a ponta SO. da ilha das Cobras, passando além da ponta do Calabouço, dirigindo-se para a ilha de Villegaignon, paralelo ao cáes geral, e formando um canal de esgoto de 1,500 metros ; o arsenal de marinha obteria um grande espaço, bem como a alfandega, que poderia ter em descarga 40 navios, e tornar-se-hia desnecessaria a doca do arsenal de guerra.

O projecto Neate foi sendo executado por administração; e em 20 de Fevereiro de 1863 deu-se o desmoronamento

de parte da obra em frente á alfandega, que causou um avultado prejuizo; em 1869 o Dr. Manoel da Cunha Galvão, em um trabalho sobre *Melhoramentos de portos*, diz que, até esse anno, essas obras haviam custado mais de 6.000:000\$, orçando em 2.000:000\$ as que faltavam para sua conclusão. Posteriormente, foi alterado o seu plano, com o fim de tornar a alfandega um verdadeiro estabelecimento de doca com abrigo, cáes, guindastes hydraulicos, etc., o que tem elevado muito as despesas, estando até agora construída a parte mais difficil, que se estende da ponta do arsenal de marinha ao largo do Paço, junto da estação das barcas.

Os planos das obras de que temos tratado comprehendem sómente a face da cidade entre os dois arsenaes; mas outros tres projectos têm sido apresentados com o fim de augmentar o numero de docas e extensão dos caes. O primeiro d'elles é o das docas de Pedro II na enseada da Saude, confeccionado em 1867 pelo habil engenheiro Dr. André Rebouças, que orçou em 9 a 10.000:000\$, incluindo as desappropriações; foi construído por conta de uma companhia regida pelos Decretos de 23 de Março de 1870 e 23 de Agosto de 1871, obrigando-se a concluir as obras em 10 annos.

O segundo projecto, apresentado em 1863 por José Pereira Tavares, tinha por fim aterrar todo o espaço comprehendido entre as praias Formosa e dos Lazaros, communicando a rua da União no Sacco do Alferes com a do Imperador em S. Christovão, estabelecendo em toda a extensão cáes com docas e trapiches. Concedida a autorização pelo Decreto de 5 de Julho de 1862, tem sido transferida para outros, mas até agora parece ter encontrado difficuldade insuperavel. O terceiro projecto refere-se ao arrazamento dos morros do Castello e Santo Antonio, e com

o aterro conquistar sobre o mar a extensa área terminada pelas pontas do Calabouço e da Gloria, construindo n'ella uma doca, armazens e cáes. Muitas propostas têm subido ao governo n'este sentido, pelo general Bellegarde, Conrado Niemeyer, o cidadão Mendonça, o commendador Fernandes Pinheiro, etc. ; e, tendo o governo incumbido os engenheiros Neate, Law, e Ginty, em Setembro de 1859, de fazer os competentes estudos e orçamentos, elles calcularam a despeza em 29.620\$000, sem incluir as desapropriações, que representam verba avultadissima, e serem necessarios 10 annos, empregando de 1,500 a 2,000 trabalhadores. O engenheiro francez L'Herideau em um interessante artigo publicado no *Jornal do Commercio* de 17 de Dezembro de 1860, tratando de demonstrar que houve erro n'esse calculo, reduz o orçamento a menos de metade da despeza, e o tempo de cinco a seis annos no maximo.

Ainda um outro projecto, que tinha mais em vista o embelezamento, foi apresentado em 1870 pelo Dr. Antonio Rebouças Filho, de saudosa memoria. Era um cáes e passeio maritimo do largo do Paço, Arsenal de Guerra e Santa Luzia, com futuro prolongamento até Botafogo, dando á capital do Imperio um passeio superior á afamada *Chiaya* de Napoles.

A estreiteza da barra e a disposição favoravel de varios pontos topographicos facilitam muito a defesa do porto contra qualquer aggressão ; e em caso de necessidade póde até tornar-se inexpugnavel, conforme ficou dito em outro lugar : em épocas normaes essa defesa está incumbida ás fortalezas de Santa Cruz com 145 canhões, e de S. João com 41, ambas na entrada da barra e dotadas de excellentes casamatas ; e ás das ilhas da Lage com 28 canhões, Villegaignon com 54 e das Cobras com 34, todas tres no prolongamento do canal.

Tratando de tudo o que diz respeito ao nosso porto, não serão julgadas fóra de proposito as indicações que em seguida juntamos, para a entrada e sahida da barra, auxiliando-nos para isso das obras *Le Pilote du Brésil*, de Roussin, e *Les Côtes du Brésil*, de Mouchez, consideradas como as mais competentes na materia, ficando entendido que essas indicações referem-se particularmente aos navios de vela.

Para os navegantes que chegam do norte, a approximação do Rio de Janeiro é indicada pelo Cabo-Frio e pelas ilhas de Maricá; para os que vêm do sul, são pontos de reconhecimento a ilha Grande, o morro da Marambaia, o alto da Gávea, que se percebe a 60 milhas de distancia, o Pão de Assucar, e finalmente as ilhas Redonda e Rasa em frente da barra. Á noite funciona n'esta ultima ilha um pharol de luz branca e encarnada, com 5 minutos de eclipse, visivel de 12 a 15 milhas, obra do fallecido general Bellegarde, bem como o pharolete na ponta de Santa-Cruz, de luz fixa vermelha, com 5 a 6 milhas de alcance.

A melhor occasião para entrar a barra é em todo o espaço das 11 horas da manhã ao pôr sol, pois n'elle se aproveitará a brisa do mar, e o trajecto mais conveniente é o seguinte :

Chegando á ilha Rasa, passará entre ella e outras duas (Pai e Mãe) que lhe fica a 5,5 milhas N E., e quando estiver com a mesma Rasa uma milha á esquerda, tomará o rumo N 8° O., e percorrerá n'elle 7,5 milhas, no fim das quaes estará em frente á fortaleza de Santa-Cruz, tendo deixado á esquerda um grupo de ilhas e a Cotunduba perto do Pão de Assucar, e á direita as duas acima citadas, a do Toucinho e a ponta do Imbuhy, sem que durante esse trajecto encontre embaração alguma. Convem

observar que muitos navios, chegando do sul, passam muito proximos da costa, sem perigo, e vão ter á Santa-Cruz depois de atravessarem o canal entre a Cotunduba e o Pão de Assucar.

A parte da barra entre Santa Cruz e a Lage é a unica frequentada pelas embarcações ; a outra, entre a mesma Lage e S. João, comquanto não lhe falte fundo, é mais estreita e perigosa, senão impraticavel, em consequencia da força e irregularidade da correnteza, da acção do vento sobre as terras altas que lhe ficam proximas, e ainda pelos recifes do fundo, entre os quaes cahiria a ancora se fôsse necessario fundear.

Passando diante de Santa Cruz e ao alcance do portavoz, em fundo sempre superior a 25 metros, e depois de haver respondido ás perguntas do costume (o nome do navio, procedencia e numero de dias de viagem), tomar-se-ha o rumo de NN O., e quando estiver a E. da fortaleza de Villegaignon, ahí esperará as visitas de saude, da policia e da alfandega. Desembarçado d'ellas, o navio seguirá a tomar o ancoradouro mais conveniente, segundo o seu calado, notando que : se fôr de guerra, melhor será ficar entre Villegaignon e Gragoatá, onde ha fundo de 30 a 40 metros, e está fóra da linha a todo momento percorrida pelos vapores da carreira de Nitherohy ; se fôr navio do commercio, fundeará mais perto da ilha dos Ratos, ou, se quizer approximar-se da alfandega, irá rodear a ilha das Cobras, passando-lhe a E., N. e O., para ancorar em frente á cidade, evitando assim o banco que se estende parallelamente a esta, entre o Arsenal de Guerra e ilha das Cobras.

Os navios do commercio são sujeitos a pagar direitos, segundo sua lotação, na forma estabelecida n'esta tabella : Os de longo curso, que tem de descarregar, carregar e permanecer no porto, 300 réis por tonelada brasileira ;



os que só devem descarregar e carregar, 150 reis; os que entram e sahem com lastro ou simples escala, 100 réis; os que arribam em virtude de avaria ou força maior, nada pagam, bem como os que fazem mais de duas viagens por anno, e os que na mesma viagem fizeram escala e pagaram direitos em outro porto do Imperio. Além d'estes, ha o direito de pharol, de 100 réis por tonelada; o de hospital, de 6\$ para um navio de tres mastros e 4\$ para os de dois ou um mastros; a visita do medico, de 8\$200, ou o dobro se o navio estiver em quarentena.

Diz Roussin que ha aqui o costume de amarrarem as ancoras na direcção N. S., e aconselha antes a direcção N E. S O., porque, sendo essa tambem a das correntes de enchente e vasante, haverá facilidade em apresentar os costados ás brisas de terra e de mar, diminuindo por esta fórma o intenso calor que communmente se experimenta no porto.

A longa demora das embarcações nas aguas da bahia origina a adherencia aos cascos de grande quantidade de mariscos e outras produções marinhas, que alteram muito a marcha e deterioram o fôrro exterior, obrigando a que de vez em quando se proceda á sua limpeza.

Tendo de deixar este porto, os navios do commercio não o poderão fazer depois do pôr do sol; e os de guerra e paquetes que a isso sejam obrigados deverão com antecedencia enviar aviso, por um official, á fortaleza de Villegaignon, a qual transmittirá a ordem á de Santa-Cruz; e, na occasião de partir, içar as luzes convençionaes para se fazerem reconhecer, sem o que, seriam detidos por esta ultima fortaleza, facto este muito desagradavel para um navio de guerra.

Para sahir do porto, nenhuma precaução especial ha a tomar; basta esperar o terral e a vasante, e deixar-se

conduzir por elles ; e mesmo a ultima é dispensavel se o terral soprar com alguma intensidade, como succede ordinariamente ao romper do dia ; e por isso é esta a hora habitual das sahidas, para o que os navios costumam collocar-se desde a vespera nas proximidades de Villegaignon, no lugar chamado vulgarmente o *Poço*, afim de estarem bem cedo livres dos embaraços do ancoradouro e receberem mais favoravelmente a brisa que tem de os impellir para a barra. A direcção a seguir é então a inversa da que foi indicada para a entrada, isto é : passar a E. de Villegaignon e da Lage, approximando-se de Santa Cruz, tomar o rumo entre a ilha Rasa e as duas que agora lhe ficam á esquerda, e, quando se achar fóra de todas as ilhas, voltar a prôa no sentido que mais convenha á sua derrota.

O porto do Rio de Janeiro é, presentemente, frequentado por 18 linhas regulares de paquetes transatlanticos para portos principaes da America e do Brasil ; e no seu interior ha vapores para navegação continua da côrte para Nitherohy, assim como uma carreira diaria entre a Prainha e Mauá, e outra entre o largo do Paço e a ilha de Paquetá e porto da Piedade.

Outr'ora existiam tambem linhas diarias da côrte para a Estrella no rio Inhomirim, e para Villa-Nova no rio Macacú ; mas essas cessaram, desde que funcionaram as estradas de ferro da raiz da serra e de Cantagallo.

Fóra isso, dois privilegios interessantes de transportes através da bahia forão ultimamente concedidos pelo governo. O primeiro pelo Decreto de 5 de Março de 1876, concedido a H. Lindsay durante 50 annos, para a construcção de um tunel submarinho e estrada de ferro, unindo o largo do Paço na côrte á praça de S. João em Nitherohy ; esta concessão caducou dois annos depois, por não ter sido

incorporada a companhia para sua realisação. O segundo foi concedido por Decreto de 8 de Novembro de 1879 ao engenheiro José Americo dos Santos, para construir e gozar durante 90 annos de uma estrada de ferro communicando a praia da Chichorra na Gambôa á da Guia no fundo da bahia, assentada sobre estacadas, aterros e pontes girantes, devendo passar pelas ilhas da Pombeba, Sapucaia, Bom-Jesus, Fundão, Governador, Tipiti-guassú e dos Limões, e ducando se no fim de tres annos não fôr organizada a respectiva companhia.

Finalisaremos este capitulo dizendo, que as aguas d'esta bahia foram sempre afamadas pela abundancia e variedade de peixes que n'ellas se criam ou entram de fóra da barra, merecendo por isso a admiração de todos os maritimos e especificadamente dos celebres Cook e Dupetit-Thouars; e essa abundancia, comquanto esteja um pouco diminuida, ainda assumirá as proporções de prodigio, se attendermos a que tres causas poderosas e constantes se reu-nem para exterminar tão grande riqueza. É a primeira o immenso consumo que faz de peixe parte da população, mórmente a das praias e ilhas, além do muito que se exporta e fornece para o rancho dos navios e paquetes; segunda, o augmento que tem tido a navegação a vapor, pois que o rumor que lhe é proprio e o movimento das rodas e helices intimidam e dispersam o peixe, matando-o e fazendo-o fugir para longe; terceira, o emprego de rêdes chamadas de *cêrca* e de *arrastão*, muito usadas pelos nossos pescadores, as quaes são causa de enorme desperdicio, por trazerem milhões de peixes pequeninos que não sobrevivem, ainda que sejam atirados ao mar.

Apezar, porém, d'estes motivos, que justificariam um rapido decrescimento na industria da pesca, esta mantem-se quasi da mesma fórma, sendo ainda hoje tão extraordinarias

a quantidade e a variedade dos peixes, que, em um artigo do notavel professor Carlos Hartt, publicado na *Revista Industrial* de Julho de 1877, affirma esse sabio, tão prematuramente roubado á sciencia, que: « nenhum mercado « ha no mundo mais abundantemente supprido de peixe « do que o do Rio de Janeiro.»

A planta reduzida que acompanha este trabalho dará sufficiente idéa da bahia e da collocação de suas ilhas; mas quem quizer maior desenvolvimento poderá consultar qualquer das cartas seguintes, que facilmente serão encontradas em nossas bibliothecas:

A de Thevet (1567), publicada por J. Levy e por Gafarel no *Brésil Français*; a de Van Deck (1763); a de Bellin, no *Atlas Maritime* (1764); a de Paganino no *Roteiro do Brasil* (1784); a de Pimentel (1809) que se acha no *The Brasil Pilot*; a da commissão de officiaes de marinha presidida por Diogo Jorge de Brito em (1810); a de Vieira Leão (1810) que se vê nas obras de Debret (*Voyage pittoresque 1816-31*) e de Freycinet (*Voyage de l'Uranie 1825-28*); a de Sir Edward Tacker (1817) na obra *Harbours of Brasil*; a de Barral (1826), reduzida por Candido Mendes no seu *Atlas do Brasil*; a de Roussin em *Le Pilote du Brésil* (1827) e em Laurie (*General chart of the courts of Brazil 1838 e 1872*); amesma de Marinha, revista em 1847 por De Lamare e em 1849 por Eliziario dos Santos; a de Mouchez, *Hydrographie des côtes du Brésil*, 1855-56.

Além d'estas, existe grande numero de plantas parciaes de limitadas regiões da bahia, epecialmente da margem em que se assenta a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

## RIOS QUE N'ELLA DESAGUAM

A bahia do Rio de Janeiro é circumdada, a distancias variaveis, por montanhas e serras que dão-lhe o aspecto de um immenso amphitheatro, ou, como disse Ribeyrolles, *uma enorme naumachia, onde todas as esquadras do universo poderiam fazer suas evoluções e manobras sem se abalroarem.* Como é natural prévêr, de todas essas alturas descem muitos riachos e ribeiros impropriamente denominados rios, que conduzem á bahia o tributo de suas aguas; d'elles, 17 são de alguma importancia, quer pela extensão de seu trajecto, quer pela fertilidade dos terrenos que banham; outros, menos consideraveis por seu volume, são tambem dignos de menção, pela pureza e bondade de suas aguas.

« Embora pequenos rios e ribeiros (diz o Dr. Macedo « nas *Noções de Corographia*), são veias de riqueza, alguns « ao menos, que se prestam á navegação por barcos e « canôas em milhas de distancia, e que alimentam exten- « sissimo commercio. »

Os 17 mais notaveis são os seguintes, começando da margem oriental da bahia :

- O *Imbuassú* ou *Emboassú* : que tem sua nascente na serra de S. Gonçalo, a léste de Nitherohy ; é navegavel em pequena extensão, com o auxilio da maré, e desemboca no fundo de um sacco ou golpho fronteiro ao archipelago de Paquetá.
- O *Guaxindiba* : nasce na serra de Taypú, recebe á esquerda o *Alcantara*, e depois de um curso de quatro milhas, a maior parte navegavel, vai desaguar uma e meia legua acima do precedente.

As margens d'este rio são encantadoras; o príncipe Maximiliano de Neuwied, e seus sabios companheiros Sellow e Freyriess, as visitaram em 1815, enriquecendo o seu album e museu com lindos passaros e plantas; e foi ahi que Sellow, em honra á marquezia de Bellas, deu o nome de *Bignonia Bellas* á formosa trepadeira, hoje muito commum em nossos jardins, e cujas flôres, diz elle, *brillaient de l'éclat de la flamme*. O escriptor Luccock, na obra *Notes on Brazil*, tambem refere uma pittoresca excursão que fez pelo Guaxindiba, em 1810.

Além d'essas vantagens, o rio Guaxindiba é importante por servir de limite entre as duas ricas comarcas de Nitherohy e Itaborahy.

O *Macacú* ou *Macucú*, segundo Gabriel Soares, ou ainda, como pensa o illustre Dr. Capanema, *Mbocucú*, nome de um marisco que abunda no lodo; é o mais caudaloso tributario da bahia, e por esse motivo opina Varnhagen que esta com mais propriedade se deveria chamar *bahia de Macacú*.

Nasce na serra da Bôa-Vista, perto de Nova-Friburgo; engrossa consideravelmente com a affluencia de muitos rios, entre os quaes avultam o *Batatal*, o *Casserebú*, o *rio da Aldêa*, e o *Guapyassú*, e depois de grandes voltas, nas quaes banha terrenos muito productivos e varios portos de importancia commercial, offerecendo 15 leguas de seu curso á navegação, abre sua foz de 450 metros de largura, uma milha acima do precedente.

Nas risonhas margens d'este rio, nasceram os dois notaveis pintores brasileiros José Leandro e Manoel Dias-o-Romano: e foi no convento de S. Boaventura, de Macacú, que estudou durante alguns annos o illustre Fr. Francisco de S. Carlos, preparando-se para depois

immortalisar-se como orador sagrado e como poeta, tornando-se uma das glorias de sua patria.

Luccok, na obra ha pouco citada, relata uma exploração que fez ao Macacú (bem como depois o escriptor Mawe), o qual confessa ter ali apreciado soberbos panoramas. Infelizmente, pouco tempo depois adquiriu este rio triste celebridade, por causa de uma febre que devastou algumas povoações situadas em terrenos baixos, e á qual se deu o nome de *febre de Macacú*.

Actualmente prospéra toda a fertil zona por elle regada, e assim continuará; pois, além de outras razões, é pelo seu valle que se desenvolve a estrada de ferro de Nitherohy a Cantagallo e Friburgo, atravessando da margem esquerda para a direita junto á confluencia do *Batatal de cima*.

O *Guarahy*: embora tenha a denominação de rio, não é mais do que outra boca do Macacú, de margens alagadiças e apenas frequentadas por alguns barcos de pescadores e outros que ahi vão buscar palha de enfardar e lenha de mangue.

O *Guapy* ou *Aguapey-mirim*: nasce na serra dos Orgãos, descreve uma curva de cerca de oito leguas, das quaes duas navegaveis por embarcações de pequeno calado e cinco por canôas, e fórma sua barra de 50 metros de largura ao norte e a meia milha de distancia da boca de Guarahy.

Este rio serve de divisa entre os municipios de Itaborahy e Magé, e por elle desce grande quantidade de assucar, café, legumes, etc.

O *Magé-mirim*: pequeno rio que tambem se origina nas abas da serra dos Orgãos, corre de norte para sul e desagua a pouca distancia e a oéste da foz do Guapy.

O *Magé*, ou *Magépe*, segundo Pizarro, nasce nas vertentes dos Orgãos, contorna a cidade do seu nome, e, depois de um trajecto de seis leguas, metade navegavel por barcos que abastecem os mercados da côrte, lança suas aguas meia legua a nôroeste do Guapy.

Para tornar mais directa a viagem pelo rio, abriu-se outr'ora um canal que ia ter á cidade, então villa. Esse canal, que media 2,6 kilometros de extensão, 16 metros de largo e 1,5 de profundidade nas vasantes, custou cerca de 70:000\$, mas acha-se obstruido e inservivel ha muitos annos, por se haver *economisado* a despeza que demandava a sua conservação.

O illustre poeta portuguez Diniz (*Elpino Nonacriense*) ficou tão agradado da belleza d'este rio e das florestas que o margeavam, no fim do seculo passado, que, na sua bellissima *Metamorphose* XII, figura que uma formosa nympha, chamada *Magé*, perseguida pelo zeloso consorte *Caboré*, fugindo atravez da floresta, afflicta implora os Numes, os quaes, compadecidos de sua dôr, a transformam em um chuveiro de fino orvalho, e

..... assim fugindo  
Toda em candido humor vai-se tornando ;  
De maneira que, quando havê-la presa  
Caboré presumia, ante seus passos  
Com pasmo vê correr um largo rio,  
Que, fugindo veloz por entre a selva,  
Vai metter-se no mar, na gran bahia,  
Sem perder de *Magé* té hoje o nome...

ao mesmo tempo os Deuses, para castigarem o feroz *Caboré*, mudam-o no passaro do seu nome, o qual, aborrecido de todos os outros, se viu forçado a só sahir á noite.

O *Iriy* : origina-se em varios pantanos da baixada da serra dos Orgãos ; é navegavel durante cerca de duas



milhas, por barcos que conduzem mantimentos e materiaes de seus dois portos, e desemboca no fundo de uma angra, duas milhas a oeste da foz do Magé.

O *Suruhy-mirim* : desce da serra dos Orgãos, dá navegação a canôas que vão fazer lenha nas suas margens, e apresenta sua embocadura meia legua a sudoeste da do precedente.

O *Suruhy* ou *Sururú-y* (rio dos mariscos) : nasce tambem nas vertentes da serra dos Orgãos, fertilisa excellentes terras, nas quaes se cultivam bananas e mandioca, de que se fabrica a afamada farinha de Suruhy; depois de receber varios affluentes, entre elles o *Roncador*, presta-se a ser navegado durante mais de duas leguas por barcos de pequeno commercio, e vai ter ao fundo da bahia, ao norte da ilha de Paquetá.

Sua foz é muito proxima da do precedente, e a carta corographica de Bellegarde e Niemeyer dá os dois Suruhy's como um só rio com duas embocaduras.

O *Inhomirim* ou *rio da Estrella* : nasce na serra da Estrella, e, unindo-se ao *Cachoeira*, fórma uma bella cascata de 44 metros de altura e 20 de largura sobre uma immensa bacia escavada na rocha durante muitos seculos ; reforça-se com as aguas do *Piabeta*, do *Cayoaba* e do *Saracurana*, e, depois de um curso de 8 leguas, das quaes 3 navegaveis por pequenos vapores de 25 a 30 cavallos, e mais de cinco por barcos menores, desagua duas leguas a oessudoeste do Suruhy, por uma abertura de 220 metros.

Este rio, que é o segundo da nossa bahia em largura e o terceiro em extensão, já foi o primeiro pela sua importancia, e para o demonstrar citarei as seguintes linhas de um escriptor contemporaneo :

« Em épocas mais felizes, foi o Inhomirim sulcado  
« por grande numero de barcos que levavam ao Rio de  
« Janeiro os productos da lavoura e industria de Matto-  
« Grosso, Goyaz e Minas-Geraes, que vinham ter ao  
« porto da Estrella, até então o unico ponto de embar-  
« que conhecido n'essas provincias. Por elle passaram :  
« o ouro extrahido das minas pelas companhias de mi-  
« neração, o famoso *quinto* para o erario real, o rei  
« D. João VI, os Imperadores D. Pedro I e D. Pedro II,  
« principes e diplomatas, e uma pleiade de sabios e  
« escriptores nacionaes e estrangeiros, como Velloso,  
« Cunha Mattos, Freire Allemão, Agassiz, Martius, F.  
« Denis, Alencar, etc., os quaes, do alto da serra, exta-  
« siados, contemplaram o lindo panorama da bahia do  
« Rio de Janeiro. Foi n'este rio que teve lugar n'esta  
« provincia, e talvez no Brasil, a primeira navegação flu-  
« vial a vapor diariamente, estabelecida pela companhia  
« Nitherohy e Inhomirim pelo Decreto de 27 de Maio de  
« 1840 ; assim como nas pontes lançadas sobre suas  
« margens estrugiu o sibilo magico da primeira locom-  
« tiva que percorreu a terra do Brasil, annunciando a  
« nova éra da sua prosperidade e grandeza. Hoje, o Inho-  
« mirim, sem navegação a vapor diaria, sem o grande  
« numero de seus barcos, pela falta de commercio, dis-  
« trahido para outros pontos pelas estradas de ferro de  
« Mauá e D. Pedro II, ainda vê modestamente deslisa-  
« rem-se por suas aguas 16 barcos, transportando ao  
« merca do da côrte os productos de sua lavoura e indus-  
« tria rural, á espera que o governo, attendendo ás fa-  
« ceis vias de communicacão com os mercados da côrte,  
« de Petropolis e da Estrella, á salubridade do seu  
« clima, ás suas bellas aguas, piscosos rios, vegetação  
« soberba, uberdade de seu solo e feliz topographia, dirija

« uma corrente de laboriosos emigrantes, afim de rotea-  
« rem terrenos tão férteis para a canna, o arroz, o milho  
« e quaesquer cereaes e fructos. Então, n'essa época feliz,  
« ouvirá o Inhomirim os brados de alegria d'esses uteis  
« colonos, saudando com enthusiasmo a sua nova patria.»

E para completar a apologia das margens do Inhomirim, direi que foi ali o

..... berço ignoto  
De S. Carlos, o vate cuja lyra  
Fortunosa encontrou no patrio solo  
Os prodigios do céu e o paraiso,  
Quando ascetico arreubo a delihava,

conforme se expressa Porto-Alegre, referindo-se ao illustre cantor da *Assumpção*.

O *Boca-larga*: dão esta denominação a um braço do Inhomirim, que, partindo de sua margem direita, corre de norte para sul por terrenos alagadiços e vai ter á bahia, á igual distancia das bocas do Inhomirim e do Iguassú.

É apenas frequentado por canôas que vão buscar palha e lenha.

O *Iguassú*: é, depois do Macacú, o mais caudaloso dos rios que desaguam na bahia. Nasce na serra do Tinguá, recolhe os tributos do *Iguaré*, do *Marahy*, do *Utum*, do *Lages*, e, quasi no fim do seu curso, o importante rio do *Pilar*; banha uma zona muito extensa e productiva, offerecendo facil navegação por perto de cinco leguas até á villa do seu nome, e lança-se na margem occidental da nossa bahia, duas milhas a sudoeste da barra de Inhomirim.

O Iguassú tambem teve outr'ora dias de prosperidade, pelo consideravel movimento commercial que por

elle se realizava ; mas, da mesma sorte que o Inhomirim, viu diminuir muito sua importancia, desde que se abriu ao trafego a estação de Belém, na estrada de ferro de D. Pedro II, que tornou incomparavelmente mais rapido, commodo e barato o transporte dos generos entre a côrte e o interior. Presentemente, a navegação d'este rio está reduzida ao pequeno commercio mantido de seus portos para o littoral.

O *Sarapuhy* : tem a sua nascente nas serras da Cachoeira e do Mandanha, augmenta com a junção dos rios *Gericinó* e *Jacutinga*, e, depois de um gyro extenso e muito tortuoso, navegavel nas enchentes durante perto de uma legua, entra na bahia, uma milha abaixo da embocadura do Iguassú.

O *Merity* : origina-se na serra do Bangú, reforça-se com as aguas dos rios *Pavuna* e das *Pedras* ; presta-se a ser navegado por cerca de uma legua até o porto do seu nome, por pequenos barcos que transportam mantimentos e materiaes de construcção, e vai abrir sua foz a oeste da ilha do Governador, 4 milhas a sudoeste do boca do Sarapuhy.

Este rio marca o limite norte do territorio da côrte do Imperio, separando-o do municipio de Iguassú.

O *Irajá* : tem sua nascente em pequenas lagôas e pantanos da freguezia do Campo-Grande, é apenas navegavel em curto espaço, com o auxilio da maré, por pequenos barcos que carregam em seus dois portos lenha e materiaes, e vai desaguar um quarto de legua ao sul da foz do Merity.

Perto da margem d'este rio, jazem as ruinas do antigo palacio episcopal, e por este motivo o Irajá teve a honra de dar o nome ao titulo nobiliario do sabio e virtuoso bispo D. Manoel do Monte.

O *Inhaúma* : fórma-se nas vertentes das serras que ficam a oeste da cidade; recebe o pequeno rio do *Faria* e despeja suas aguas no fundo do golpho situado atrás da ponta do Cajú, o qual é por alguns chamado *bahia do Inhaúma*.

Apezar de pouco importante, este rio deve orgulhar-se por ter o seu nome ligado ao do heroico vencedor do Curupaity e Humaitá, o almirante Joaquim José Ignacio, que possuia uma modesta propriedade junto á sua embocadura.

Dos pequenos ribeiros e arroios, que, em numero avultado, correm de diversas direcções a desaguar na bahia do Rio de Janeiro, apenas citaremos os seguintes :

- O *Icarahy* : que desce das montanhas a leste de S. Domingos e, costeando o morro do Cavallão, vai desaguar no extremo da bella praia do seu nome.
- O *S. Lourenço* : que servia de limite ás terras dos caboclos e lança-se na praia de seu nome, a leste da Ponta de Arêa.
- O *Mauá* : no fundo da bahia, o qual, apezar de insignificante, tem a gloria de ser o ponto inicial das estradas de ferro no Brasil e em toda a America do Sul, e o seu nome recorda o do emprehendedor negociante Irenêo Evangelista de Souza, que tanto trabalhou para o adiantamento do nosso paiz, creando a navegação do Amazonas, a illuminação á gaz na côrte, o grande estabelecimento de fundição na Ponta da Arêa, o primeiro ensaio de estrada de ferro no Brasil, bancos de credito na côrte e em varias provincias, etc.
- O *Maracanã*, o *Trapicheiro*, o *Andarahy*, que se formam nas vertentes da serra da Tijuca; suas aguas são na maior parte utilizadas para consumo da população

da côrte, e os restos vão ter ás praias de S. Christovão e Formosa.

O já citado poeta Dr. Antonio Diniz, autor do *Hyssope* e um dos fundadores da Arcadia, tinha paixão pelas paisagens formadas por arroyos e rios, deslizando suas limpidas aguas atravez das florestas; e, assim como imaginou a bella fabula sobre a origem do rio Magé, dedicou tambem ao aprazivel Andarahy a sua *Metamorphose* X. Conta-nos elle que a formosa nympha Sahy, qual Diana indigena inaccessible aos laços do amor, entretinha-se em caçar nas serras junto á nossa cidade; um dia, entregue ao prazer d'esse passatempo, encontrou, torneando aquelles montes,

Um fresco arroyo de agua crystallina  
Que Andrahhy (do ribeiro este era o nome)  
Recostado sobre a urna, manso, manso  
Com um lento susurro murmurava,  
Que só de quando em quando interrompia  
Dos passaros o canto.

Encantada a nympha por esse sitio tão ameno,  
depõe a aljava, despe a subtil roupa, salta na fria  
corrente, e assim fazendo

A lasciva Sahy a paz altera  
Do quieto Andrahhy, que em uma gruta  
Em verter suas aguas se occupava.

Este, ao vê-la, enamora-se de sua belleza, e, cego pela  
paixão, segue a desdenhosa Sahy; mas esta, fugindo,  
invoca o auxilio dos Deuses, que, condoendo-se d'ella,  
a transformam no lindo passarinho escaurlate que tem  
o seu nome e

Se remonta veloz pelo ar delgado.  
Andraby, que vê d'entre os seus braços  
D'esta sorte escapar-se a linda presa  
Que segura julgava, furioso,  
Confuso, envergonhado, a mergulhar-se  
Para sempre correu em suas aguas.

E finalmente

O *Carioca* : que nasce na serra do Corcovado ; é em parte conduzido no notavel aqueducto obra do benemerito Gomes Freire de Andrada, e distribuido por varios districtos da cidade ; e a parte restante vai desaguar na praia do Flamengo, com o nome de *Cattete*, lançando um braço que, recebendo as aguas da pedreira de Santa Thereza, desemboca um pouco ao norte do morro da Gloria.

O *Carioca* era uma especie de rio sagrado dos *Tamoyos*, os quaes, exagerando a virtude e excellencia de suas crystallinas aguas, consideravam-as muito favoraveis á belleza das mulheres, assim como á voz dos musicos e cantores, qualidades estas a que o escriptor Thomaz Ewbanck accrescenta a de curar a melancolia dos hypocondriacos.

Os primeiros povoadores portuguezes deram-lhe o nome de *Mãe d'Agua*, e, como ficasse longe para irem buscar suas purissimas aguas, trataram de encanal-as, apezar dos pequenos recursos do senado, conduzindo-as em canos de telhas pelas encostas dos montes das Larangeiras, *Cattete* e Desterro até a ermida dos Barbonos ; o governador Ayres de Saldanha, mandou concertar e melhorar esse encanamento, fazendo-o avançar até o campo de Santo Antonio, depois largo da *Carioca*, e concluindo o chafariz que com grande regosijo publico funcionou em 1723 ;

mas 20 annos depois o governador Gomes Freire, verificando o máo estado do aqueducto, mandou executar um outro de pedra do paiz, coberto de lages, mudando a direcção para o morro de Santa Thereza, e fazendo construir duas arcadas de pedra, com 42 arcos, o que tudo ficou concluindo no anno de 1750, conforme a inscripção que se lê em um dos arcos no principio da rua de Matacavallos.

No bellissimo poema de Magalhães — *A Confederação dos Tamoyos* — ha um commovente episodio, em que o chefe Aimbiré, encontrando o velho Pindobucú dando sepultura ao filho querido, diz-lhe mostrando o pico do Corcovado :

Ali n'aquelle morro onde s'eleva  
O Corcovado, pincaro ventoso,  
Doce e manso deslisa o Carioca,  
A cuja? margens minha mãe cantava  
Tão mestos cantos, que eu chorando ouvia,  
E inda choro co'a lembrança d'elles.

Perto da foz d'este pequeno rio existiu a primeira casa de pedra do Rio de Janeiro, a qual ficou marcando o limite sul da sesmaria concedida por Mem de Sá, em 1567, para patrimonio da camara da nascente cidade de S. Sebastião; e talvez por causa d'esse limite, ainda hoje são conhecidos por *Cariocas* os naturaes do municipio neutro e com especialidade os das freguezias urbanas.

## VI

### SUAS ILHAS

Entre os accidentes topographicos que mais realce dão á belleza da nossa bahia, e um dos que mais justamente



têm occupado a attenção dos differentes escriptores, é a multidão de ilhas que se acham disseminadas n'ella, umas isoladas, outras dispostas em graciosos archipelagos; umas habitadas, outras desertas; umas cobertas de vegetação, outras constituídas por pedras grandes e escalvadas, mas todas concorrendo para a formosura do conjuncto.

Seu numero excede de oitenta, e quasi todas estão situadas na parte mais ampla da bahia, onde as aguas são mais socegadas. Algumas são conhecidas por mais de uma denominação, e é por isso que não combinam muitos nomes designados nas cartas de De Lamare, Elisiario, Freycinet, Barral, Debret e Candido Mendes, bem como que, nas obras de Balthazar Lisbôa e Pizarro, se encontram outros que não se sabe hoje a que ilhas pertencem.

Na planta topographica reduzida que acompanha este trabalho estão indicadas as denominações mais communs; e a relação d'ellas em ordem alphabetica é a que segue:

*Agoa* (Ilha da).—Está a leste da ilha do Governador e ao norte da ponta da Ribeira; sua fôrma é quasi um quadrado de 320 metros de lado; espesso arvoredado conserva uma nascente de optima e abundante agua potavel, d'onde se origina seu nome.

Foi n'este sitio que, segundo nos refere o Sr. Dr. L. Netto, o velho João de Deus e Mattos, habil preparador aposentado do Museu, discipulo do Xavier dos Passaros, reuniu uma valiosa collecção de 2,000 zoophitos e molluscos que offereceu ao Museu, onde deu tantas provas de sua proficiencia e amor á historia natural.

Barral e Candido Mendes dão igual denominação á outra ilha. V. *Jurubahyas*.

*Ajudante*.—Situada em frente e muito proxima da praia

das Neves. Nas cartas que acabamos de citar ella é designada por *ilha Semana*.

*Ambrosio*.— Era outr'ora conhecida por *ilha dos Ferros*. Muito aprazível, com casa de vivenda e fabrica de cal ; faz parte do archipelago ao sul de Paquetá, e seu nome actual provém de ter sido propriedade de Ambrosio José das Flôres, fallecido em 1870.

*Ananaz*.— A oeste e muito proxima da do Ajudante, da qual tem quasi a mesma grandeza e configuração. Barral a designa por *ilha Redonda*.

*Aroeira*.— Ilha comprida e de pouca importancia, situada no grupo em frente á matriz da ilha do Governador.

*Baiacú*.— Acha-se a oeste da do Fundão e ao sul da praia de S. Bento, na ilha do Governador.

*Bica*.— V. *Conceição*.

*Bôa-Viagem*.— Na carta levantada em 1711 por Duguay Trouin, era uma ilha bastante afastada da terra, e em outras plantas figura como ilha ; entretanto actualmente é ligada por uma lingua de arêa que dá passagem nas occasiões de vasante, sendo preciso utilizar-se de uma ponte nas enchentes. Existe n'ella um forte, hoje desguarnecido, apezar de sua excellente posição, e uma capella reconstruida em 1860, em substituição de outra edificada em meados do seculo xvii, que gozava de grande devoção entre os maritimos, e que foi destruida por um incendio. Em 1810, fundou-se n'esta ilha um lazareto, para a manutenção do qual deviam concorrer os navios mercantes com uma diaria de 400 réis a 1\$200, conforme a lotação. O panorama que do seu alto se desfructa sobre a barra, a cidade, as enseadas da Jurujuba; Flamengo, Botafogo, Gloria, e para o fundo da bahia, é admiravel, e d'elle

falla com enthusiasmo o mordaz Thomaz Ewbanck, no cap. 22 da obra *Life in Brazil*, referindo detalhadamente a visita que fez á *Ilha Sagrada*.

*Bom-Jesus, Caqueirada* ou *ilha dos Frades*.—Importante por sua grandeza, que é de 2,5 kilometros de extensão, e pelos edificios do Asylo de Invalidos da Patria e convento dos Franciscanos construido nos primeiros annos do seculo passado. O rei D. João VI assistia todos os annos por algum tempo n'esta ilha, e á sua custa fazia a festa do patriarcha S. Francisco de Assis, sendo notavel pela pompa, a de 5 de Outubro de 1819 para solemnisar o nascimento de D. Maria da Gloria, sua primeira neta.

Desde 1823 a 1832 esse convento serviu de hospital de marinha; posteriormente deu abrigo aos lazarus enquanto se faziam obras no hospital de S. Christovão. Em 1853 o governo utilisou-se d'elle como deposito de colonos, e dois annos depois como hospital de cholericos. Em 1865 ahi estiveram aquartelados alguns corpos de voluntarios que se dirigiam para a cruzada do Paraguay; e em Março de 1867 principiaram as obras para o Asylo de Invalidos, que com toda a pompa foi inaugurado em 29 de Julho do anno seguinte. N'esse edificio existe o museu militar com muitas bandeiras, armas e outros trophéos de nossas victorias; e na sua capella guarda-se, desde Novembro de 1879, o corpo embalsamado do heroico general Osorio, marquez do Herval.

O sabio bispo d'Elvas (Azeredo Coutinho), na sua obra *Ensaio Economico*, diz que n'esta ilha encontrou em abundancia o *murex* ou marisco da purpura dos antigos, do qual se serviam os curiosos e lavadeiras para, com a sua tinta, marcarem lenços e roupas de côr purpurea e indelevel.

Além dos edificios nacionaes, ha na ilha muitas habitações particulares, mórmente na praia do lado do norte, em uma das quaes deu-se um acontecimento notavel. V. *Caqueirada*.

*Bom-nome*.—V. *Pedra do Bom nome*.

*Boqueirão* ou dos *Coqueiros*.—Formosa ilha ao norte da do Governador, comprada pelo ministro da guerra Junqueira em 1872 a Antonio Carlos da Silva Pinto, pela quantia de 28 contos de réis, para serem ali construidos os depositos de polvora e munições de guerra, os quaes foram inaugurados em 1874, ficando a nossa cidade desaffrontada do enorme perigo, que corria, de existirem esses depositos na ilha de Santa Barbara, em frente e muito perto dos populosos bairros da Gambôa, Saude e Prainha. Sua área é de 65,400 braças quadradas, é separada da do Governador por um canal de 115 braças de largura e fundo para navios de grande calado; tem excellente agua potavel, muito arvoredo, grande casa bem conservada e todos os materiaes de construcção.

No tomo 7º das suas *Memorias*, diz monsenhor Pizarro que n'essa ilha se propagaram com *assás fartura* os coqueiros vindos de Pernambuco ha mais de 70 a 80 annos (isto em 1822).

*Braço-forte*.—Uma das ilhas mais pittorescas do grupo ao sul da de Paquetá, a cuja freguezia pertence. É coberta de rica vegetação e dizem possuir um manancial de bôa agua doce.

*Brocoiô*.—Ilha montanhosa e guarnecida de basto arvoredo, situada a oeste e muito proxima da de Paquetá.

*Cabras*.—A ilha mais conhecida por este nome é a que jaz ao sul da do Governador, quasi unida á do Baiaçú,

rodeada de pedras e que possui uma caieira; ha outra com igual denominação em frente ao Porto do Velho, mas que Candido Mendes no seu mappa designa por *Mãe Maria*. Algumas pessoas dão tambem este nome á ilha Redonda. V. esta ilha.

*Cachorros*.—Pequena ilha em frente ao porto do Barreto, a qual em alguns mappas, como os de Barral e Candido Mendes, é designada por *ilha de Fóra*; alguns chamam-a tambem ilha de *Manoel João*.

*Cães*.—V. ilha das *Moças*.

*Cajaibas*.—Ilha e varias pedras existentes no fundo da bahia, fronteiras ao porto da Piedade.

*Cajú* ou *Cajueiro*.—Antigamente dos *Mottas*, ao norte e á pequena distancia da Ponta d'Arêa; é habitada e contém fabricas de cal.

*Cambambis*.—Grande e pequena, duas ilhas separadas entre si por estreito canal e situadas entre o porto de Mariangú e praia a sudoeste da ilha do Governador.

*Canhanhas*.—Grandes pedras que se acham em um dos extremos da corôa ao sul da ilha do Governador e ao norte da do Catalão.

*Caqueirada*.—É a mesma do *Bom-Jesus*, mas esta denominação re'ere-se mais especialmente á parte mais larga e habitada que fica para oeste, e que talvez outr'ora fôsse separada, formando duas ilhas distinctas. O nome de *Caqueirada* adquiriu triste celebridade desde Janeiro de 1838, em que uma quadrilha de salteadores assassinou um pobre velho chamado Antonio Gonçalves Liberal, crime inutil, pois que o infeliz nada tinha para ser roubado. Presos os quatro assassinos e condemnados á morte, tres d'elles se suicidaram na casa forte

da ilha da Lage, a 6 de Fevereiro do anno seguinte, quando ião ser conduzidos para o patibulo e depois da mais desesperada resistencia á força que os ia buscar: um só, que tambem se ferira no pescoço, é que soffreu a pena capital no dia 8.

*Cardos.*—Pequena ilha ou reunião de rochedos a leste da Bôa-Viagem.

*Casa de pedra.*—Pequena ilha do grupo ao sul de Paquetá; tira o seu nome de uma extensa lapa aberta na rocha e que é capaz de dar abrigo a uma ou mais pessoas.

*Catalão.*—Ilha alta e de alguma importancia, situada entre as do Bom-Jesus e do Governador; varias casas de vivenda, e muitos coqueiros na sua face de nordeste, dão-lhe uma apparencia graciosa.

*Caximbão.*—Pequena ilha em frente ao sacco de Maruhy e ao norte da ilha da Conceição.

*Cobras* (ilha das), outr'ora da *Madeira*, porque, diz Gabriel Soares, *della se tirava muita.*—É uma das mais importantes da bahia, por sua posição, que domina parte da cidade, e pelo valor dos edificios publicos e particulares que contém. Situada a leste da ponta do arsenal de marinha, da qual se separa por um canal de 15 a 20 metros de profundidade e 110 na menor largura; a ilha tem 800 metros de extensão sobre 300 de largura; pertenceu em seu principio a João Guterres, que em 1589 vendeu-a por 15\$300 a Fr. Pedro Ferraz, fundador do mosteiro de S. Bento. Em 1711 foi occupada por Duguay Trouin, que á primeira vista comprehendeu que partido poderia tirar de sua posição para o ataque da cidade; o governador Vahia officiou

ao governo portuguez em 1725, fazendo-lhe vêr a conveniencia de ser ella fortificada, e no anno seguinte o brigadeiro José da Silva Paes teve ordem de começar a actual fortaleza, que foi concluida 35 annos depois por Gomes Freire. Actualmente está armada com 34 canhões, alguns dos quaes de grossos calibres Armstrong e Whitworth; n'ella estiveram presos os conjurados da Inconfidencia de Minas em 1789, Silva Xavier o *Tiradentes*, Maciel, Alvarenga Peixoto, Rezende Costa, Freire de Andrada e o mavioso Gonzaga, que, em suas masmorras e servindo-se do borrão da candeia e do pé de uma laranja (como elle diz), escreveu as bellissimas lyras 21, 22, 23 e outras da sua *Marilia de Dirceô*. Em 1817 o governador de Pernambuco C. P. de Miranda Montenegro, logo que chegou á côrte com a noticia da revolução desse anno, ahi foi recolhido. Em Maio de 1821 tambem ahi fôram encerrados o padre Dr. Macambôa e Luiz Duprat pelas celebres occurrencias da Praça do Commercio, precursoras da nossa independencia; e em 1831 o exaltado patriota Dr. Cypriano Barata, implicado na sublevação do corpo de artilharia de marinha em 7 de Outubro, suffocada pelos corpos de officiaes soldados e municipaes, commandados, aquelle pelo coronel João Paulo Barreto e este pelo major Luiz Alves de Lima, depois Duque de Caxias.

A fortaleza pertence ao ministerio da marinha, que tem na mesma ilha o hospital, o quartel do batalhão naval, varias repartições da administração, e na ponta de noroeste os dois grandes diques cavados na rocha viva e ambos de notavel valor e utilidade. O maior d'elles, o *dique Imperial*, planeado pelo brigadeiro Francisco Cordeiro da Silva Torres, foi começado em 1824 pelo ministro Villela Barbosa;

continuado com morosidade e soffrendo continuas interrupções, foi em 1857 contractada a sua conclusão com o engenheiro inglez Law por 75,000 £, devendo ficar com 100 metros de comprido, 30 de largo na boca e 10 no fundo, 11 de profundidade e 23 de entrada ; em 2 de Dezembro de 1861 teve lugar a sua inauguração com a entrada da corveta *Imperial Marinheiro*, cuja guarnição apresou na mesma occasião dentro do dique, e depois de porfiado combate, um enorme mero de 2 metros de comprimento. O outro dique, de *Santa Cruz*, com dimensões um pouco menores, foi depois contractado com o mesmo Law, por 85,000 £, mas parando as obras em 1870, foi concluído pelos engenheiros Baraúna e Coimbra e inaugurado em 10 de Outubro de 1874. No primeiro d'elles deu-se em 7 de Junho de 1862 um sinistro, em que ficou quasi destruido o vapor de guerra *Viamão*, em consequencia de haver cedido a porta do dique, precipitando-se as aguas com extraordinaria violencia sobre aquelle navio e causando avarias em outros navios e barcos que estavam nas proximidades do dique.

*Côcos* (ilhas dos).—Grupo de pedras existentes ao sul do archipelago de Paquetá.

*Comprida*.—Á direita das precedentes e uma das do grupo pertencente a Paquetá. Balthazar Lisbôa, no 1º volume dos *Annaes do Rio de Janeiro*, refere-se a duas ilhas d'esse nome—*Comprida do Pinto* e *Comprida do Gomes*, não explicando, porém, suas posições respectivas.

Barral e Candido Mendes designam tambem com esse nome uma ilha perto da boca do rio Irajá, que é antes um mangal que fica descoberto nas occasiões de vasantes.



*Conceição.*—Ilha de 1,300 metros de comprimento sobre largura quasi igual, situada ao norte da Ponta d'Arêa e separada do morro de Sant'Anna em Nitherohy por um estreito canal, mas de fundo de 5 a 7 metros. Existe n'ella uma capella edificada em 1711. Alguns a chamam ilha da *Bica*.

*Coqueiros.*—V. *Boqueirão*.

*Damasceno* ou do *Macena.*—É hoje chamada dos *Melões*, a maior das duas existentes entre o Sacco do Alferes e a Praia dos Lazaros. V. *Melões*. Esta ilha tem de desaparecer, quando se realizar a communicação entre os dois bairros, do Sacco do Alferes e S. Christovão, projectada desde 1859.

*D. Manoel.*—Grupo de pedras existente a nordeste da ilha d'Agua, e fronteira á matriz da ilha do Governador.

*Dr. Fagundes* ou do *Fagundes.*—V. *Tavares*.

*Enchadas.*—Ilha ao norte da ilha das Cobras. Tinha outr'ora uma pedreira donde se extrahiu a pedra para a construcção da igreja do Carmo, da rua Direita, por doação do governador Ruy Vaz Pinto em Janeiro de 1619. Posteriormente existia ahi um predio de Philippe Antonio Barbosa, o qual foi tomado por ordem do principe regente em 1808, para hospital da esquadra ingleza que acompanhou a côrte; e para esse edificio fôram, nove annos depois, transferidos os lazarus, afim de aquartelar-se e no seu hospital de S. Christovão um dos batalhões da divisão Lecor. Actualmente serve de trapiche e deposito de carvão de pedra, tendo sido para esse fim comprada pelo preço enorme de 1,500:000\$000.

*Engenho*, em frente ao porto do Velho.—Mede 1,200 metros de comprido e quasi igual largura; é montanhosa e

arborizada, e tem um grande edificio particular. Dizem que n'ella se encontra arêa de moldar, e supponho que é esta a que Pizarro chama ilha dos *Flamengos*. V. *Manoel Rodrigues*.

*Ferreiros*, em frente e perto da Ponta do Cajú, a qual é unida por um banco de arêa. — É habitada e guardada de vegetação, e parece ter exercido alguma influencia na vida do desventurado Dutra e Mello, que fez a ella uma poesia, e a esse poeta se referem as seguintes linhas das *Brasilianas*:

.... a ilha dos Ferreiros que insufflára  
N'alma pura do Dutra a flamma occulta  
Que o seu ser devorou, amando uns olhos.

Desventurado poeta e sabio de 20 annos, que tanto promettia e expirou no mesmo momento em que, á pequena distancia, a patria perdia outro filho illustre, o conego Januario!

*Ferros*. — V. *Ambrosio*.

*Flores*. — Ilha quasi unida á do Ajudante, em frente ao morro das Neves. Pertence ao senador Silveira da Motta, que ahi mantem um grande viveiro de peixes. Tem tido differentes nomes: na carta topographica levantada pela Marinha em 1810 é designada por ilha de *Santo Antonio*; Barral dá-lhe a denominação de *Marim*; e Candido Mendes a de ilha do *Vital*.

*Folhas*. — Pequena e deshabitada já, muito proxima e a sudoeste da de Paquetá.

*Forra semanas*, *Sete semanas* ou *Santa Rosa*. — V. este ultimo nome.

*Fundão.*—Ao sul do Galeão ; tem 1,300 metros de comprimento sobre 800 de largo. Candido Mendes diz que é ella a ilha dos *Gatos* a que se refere Pizarro. O general Abreu e Lima, na sua *Historia do Brazil*, e o Dr. De Simoni, nos *Gemidos Poeticos*, dizem ter sido junto desta ilha que se afogou o valoroso Ararigboia, o que vai de encontro á opinião geral de que esse triste successo acontecêra perto da ilha Mucanguê-mirim, no lado opposto da bahia.

*Gestas* ou do *Conde de Gestas.*—V. *Vianna*.

*Governador.*—É a *Paranapuam* dos indigenas, a ilha do *Maracajá* ou do *Gato bravo* dos primeiros portuguezes, a *isle grande* de Laet ; posteriormente dos *Sete Engenhos*, e finalmente do *Governador*, por ter sido propriedade de Salvador Correia de Sá, o Velho, que comprou a D. Barbara de Castilho, viuva de Miguel Ayres Maldonado por 200\$, segundo diz a tradição. Tem 13 kilometros de comprimento sobre 5 a 6 de largura, mais de 40 de circumferencia e a fórma de um grande animal voltado para leste. Nella deu-se o combate de 20 de Janeiro de 1567, em que foi mortalmente ferido Estacio de Sá, e pouco tempo depois foi nella assentado o primeiro engenho movido por bois, sendo tal a fertilidade do seu solo que chegou a possuir 7 engenhos de canna; mas ha cerca de 60 annos nenhum mais existe. Em 1710 foi edificada a igreja de Nossa Senhora da Ajuda, depois elevada á freguezia, e posteriormente a dos religiosos Benedictinos, a de Nossa Senhora do Carmo da Ribeira e a capella de Nossa Senhora da Conceição, sendo a primeira (de Nossa Senhora da Ajuda) reedificada ha poucos annos, por ter sido destruida por um violento incendio, em 9 de Agosto de 1871.

Os Benedictinos têm parte da ilha, que lhes foi doada em 1695 pelo capitão Manoel Fernandes Franco; por ocasião da vinda da Família Real, em 1808, o abbade D. Fr. João da Madre de Deus mandou preparar uma casa para hospedar o principe D. João e uma tapada para o mesmo divertir-se na caça : e esse principe tinha prazer em ir assistir ás solemnidades religiosas do convento, pelo que Porto-Alegre, referindo-se nas *Brasilianas* a essa ilha, diz:

Alveja-lhe no centro o grão mosteiro  
Dos filhos de S. Bento hospitaleiros ;  
De seus claustros na terra Americana  
Mafra illusoria o Rei João fazia.

O mesmo D. João estabeleceu ahi uma plantação de chá, e a nossa primeira imperatriz mandou, em 1826, formar um deposito dos animaes raros que recebêra de diversos paizes, segundo informa Debret.

O Sr. D. Pedro I visitou por vezes a ilha, mas a *coutada d'El-Rei* cahiu em abandono; e, conforme disse um autor, aquellas estradas, que foram percorridas pelos coches reaes e personagens de brilhantes uniformes, acham-se hoje desertas e a perguntar saudosas pelos tempos em que repercutiam por ahi os écos das esplendidas festas, mandadas celebrar por D. João VI em honra e louvor da Santissima Virgem.

Na praia e terreno da ponta do Galeão para o campo de S. Bento foi que em 1810 a commissão de officiaes de marinha mediu uma recta de 7,200 pés inglezes (2k,2), que serviu de base á planta hydrographica da bahia.

No ultimo recenseamento a população da ilha orçava em 2,856 habitantes. A lavoura, que outr'ora floresceu, está quasi aniquilada pelo flagello das formigas; a

principal industria actualmente é o fabrico da cal, telhas e tijolos, e extracção de madeiras e lenha de seus mattos ; é tambem ahi que está montada uma das fabricas de formicida do Dr. Capanema.

Em 1871 o governo comprou por 40 contos a fazenda de S. Sebastião, junto ao Juquiá, e ahi estabeleceu o Asylo de Invalidos da Marinha. Em todo o contorno da ilha encontram-se lindissimos passeios, entre outros as praias do Galeão, das Pitangueiras, da Tapera, a Brava e a da Ribeira, algumas d'ellas excellentes para banhos; para a das Pitangueiras houve outr'ora un projecto, creio que do ministro marquez de Caxias, para ser ahi estabelecido o nosso arsenal de guerra.

*Guaxindibas.*—Duas ilhotas ou corôas cobertas de mangue, situadas na boca do rio do mesmo nome.

*Guayana.*—Ilha rodeada de pedra, em frente da embocadura do rio Suruhy.

*Honorio.*—V. ilha da *Velha*.

*Inhaúma.*—É o nome que na planta hydrographica da marinha tem a ilha do *Pinheiro*.

*Itabacy.*—V. *Tarybacy*.

*Itaóca*, ou *Itaoquinha*.—Ilha cercada de pedras, perto da praia de Itaóca.

*Jurubahybas.*—Duas formosas ilhas do pequeno archipelago ao sul de Paquetá : ambas são adornadas de vegetação, e uma d'ellas, a *Jurubahyba de cima*, ou que fica mais ao norte, dizem ter uma fonte de bôa agua potavel. Nos mappas de Barral e de Candido Mendes é ella designada por *ilha d'Agua* ; e a outra, a *de baixo*, por *ilha da Palma*.

*Lage.*—Rochedo de 100 metros de comprimento sobre 60 de largo, collocado na entrada da barra, dividindo o câna em duas secções desiguaes. N'ella existe a fortaleza começada em 1713 pelo governador Francisco de Tavora e concluída pelo marquez de Lavradio, montando actualmente 28 canhões. O accesso a ella é quasi sempre muito difficil, pela forte arrebentação das vagas ; e por vezes a sorte da guarnição tem-se tornado critica, pelo ataque violento das ondas, que chega a desmontar a grossa artilharia, e pela falta de recursos, por não poderem atracar os escaleres durante muitos dias.

N'ella esteve preso o major Miguel de Frias, em consequência do conflicto da noite de 28 de Setembro de 1831, conhecida pelos *Tiros no theatro*.

Na prisão d'esta fortaleza é que teve lugar a horrorosa scena mencionada acima na palavra *Caqueirada*; e tambem foi d'ella que em 19 de Abril de 1851 se evadiu o capitão Pedro Ivo, chefe militar da rebellião de 1848 em Pernambuco, immortalizado por uma bellissima poesia de Fagundes Varella, em que pedia o seu perdão ; e que falleceu durante a sua viagem para a Europa.

*Leonidia.*—Pequena ilha em frente á foz do rio Suruhymirim.

*Limão.*—Ilha rodeada de recifes, situada em frente da capella da Guia, no fundo da bahia. Balthazar Lisbôa dá-lhe a denominação de *Simão de Pacobahya*.

*Lobos.*—Ilhota formada por varias pedras com alguma vegetação, que se acha muito perto de Paquetá, quasi de frente da matriz. Provém-lhe o nome de haver pertencido a dois irmãos d'esse appellido.

*Magé.*—Ilhota ou delta coberto de mangues na boca do rio Magé, dividindo-a em dois estreitos canaes.

*Mãi-Maria.*—Pequena ilha entre a ponta da Ribeira e a ilha d'Água.—V. *Cabras*.

*Manguinho.*—Ilha deshabitada, entre recifes, no grupo ao sul da ilha de Paquetá.

*Manoel João.*—V. *Cachorros*.

*Manoel Luiz.*—V. *Pinheiro*.

*Manoel Rodrigues.*—Ilha pequena em frente á igreja matriz da ilha do Governador. No mappa de Barral tem a designação de *Ilha do Engenho*.

*Marçal de Lima.*—É o nome dado por Pizarro á ilha ou antes delta coberto de mangues, existente na foz do rio Merity.

*Maruhy.*—Terrenos baixos com mangues, que nas vasantes fórnam uma extensa ilha, na boca do rio Inhaúma.

*Melões.*—V. *Damasceno*.

*Merity.*—V. *Marçal de Lima*.

*Milho.*—Pequena ilha de fórma circular, no grupo que fica a leste da ilha do Governador.

*Moças*, do *Cortume* ou dos *Cães*.—Ilha que está em frente á praia Formosa e proxima da dos Melões; como esta, está destinada a desaparecer, quando se estabelecer a projectada communicacão entre o Sacco do Alferes e a rua do Imperador em S. Christovão.

*Mccanguês*, grande e pequena.—Duas ilhas fronteiras e ao norte do morro da Armação. A *grande* foi comprada pelo Governo em 1860 a José Joaquim Teixeira, para ahi estabelecer uma mortona onde entram annualmente de 25 a 30 navios para concertar. A *pequena* tem um importante trapiche, e, segundo diz a tradiçãõ, foi junto a

ella que se afogou casualmente o chefe *Temiminó* Martin Affonso Ararigboia, em fins do seculo 16<sup>o</sup>, depois de ter prestado immensos serviços á fundação da nossa cidade.

*Nhanquetá*, talvez corrupção de *Itanhangá*.—Ilha situada entre as do Governador e Paquetá, e que tem um grupo de pedras diante da sua face de leste.

*Padre Lemos*.—Nome dado por Balthazar Lisbõa e por Freycinet á ilha do Tavares.

*Palmas*.—Ilha fronteira á matriz da ilha do Governador e que faz parte do pequeno archipelago pertencente á mesma freguezia. Barral dá igual nome a uma das Jurubahybas.

*Pancarahyba*.—Ilha alta, quasi circular, deshabitada e coberta de matto, existente ao noroeste da de Paquetá.

*Paquetá*.—A poetica, a risonha, a aprazivel Paquetá — é, depois da do Governador, a maior das da bahia do Rio de Janeiro. Tem 2,5 kilometros de comprimento sobre largura muito variavel; e o ultimo recenseamento deu-lhe 1,500 habitantes.

Na época da fundação da cidade, foi doada esta ilha em partes iguaes a Fernão Baldez e Ignacio de Bullhões, e em suas proximidades deu-se um porfiado combate entre canõas de portuguezes e de *Tamoyos*; e, segundo diz Pizarro no tomo 7<sup>o</sup> de suas *Memorias*, em um estaleiro n'essa ilha foi construida a fragata *Estrella*, por Miguel dos Santos Lisbõa (não declarando em que época).

A belleza proverbial d'esta ilha, a salubridade e fertilidade do seu sólo, a indole pacifica de seus habitantes, e a communicação diaria a vapor com a côrte, fazem d'ella uma deliciosa vivenda para aquelles que



procuram a saúde e a tranquillidade. Foi o retiro do venerando José Bonifacio desde 1832 a 1838, e do illustre Evaristo Veiga, o que explica as seguintes linhas das *Brasilianas*:

A linda Paquetá, delicia, orgulho  
De tua capital, do Brasil todo!  
Onde o puro Evaristo e o egregio Andrada  
Foram dias fruir de ameno pouso,  
Refocillar a mente atormentada  
Pelo moto veloz e inconsequente  
Da versatil politica.

Além de hospedes illustres que ahi vão buscar allivio a seus padecimentos, Paquetá é apreciada por innumerados amadores que concorrem annualmente ás romarias de S. Roque e do Senhor Bom Jesus do Monte; muitos escriptores e viajantes referem-se com elogio á formosura de seus panoramas, e d'elles citaremos De Pascual, que na Leitura 9ª do seu *Ensaio critico* exclama entusiasmado :

« Collocai-vos em uma eminencia da ilha de Paquetá, e dizei-me se ha na terra um espectaculo, que, de muito longe, possa ser comparado com o que tendes ante os olhos. »

No tomo 1º do *Archivo do Retiro Litterario Portuguez*, do Rio de Janeiro, ha uma bella poesia do Sr. Manoel J. Gonçalves Junior, que começa do seguinte modo :

Surgindo d'agua á flôr, coberta de verdura,  
O mar em torno d'ella, assim brando murmura:  
— « Tu és de Guanabara a mais formosa filha,  
« Nenhuma como tu, no seu regaço brilha  
« Tão bella e tão gentil, ó Paquetá saudosa!  
« Eu mesmo, nos vaivens da luta porfiosa,  
« Ao vêr o solo teu coberto de verdores,  
« Em ti penso beijar a Ilha dos Amores. »

D. José F. Guido, secretario do general Guido (*Rev. litteraria de Buenos-Ayres*, Julho 1874), compara-a á ilha de Calypso, parecendo brotada do seio do mar pelos encantos de uma nova Armida, e n'ella julga-se transportado aos tempos biblicos e aos paizes onde se convida o estrangeiro com tamaras e se adorna o leito com folhas de palmeira.

O Dr. Joaquim M. de Macedo tornou ainda mais popular essa ilha, fazendo d'ella o theatro das mais bellas scenas do seu mimoso romance *Moreninha*; e ainda ultimamente, nas *Noções de Corographia do Brasil*, diz, em referencia a ella: «Quasi no meio da esplendida bahia, sorri ás mansas ondas a romanesca Paquetá, aprazível e bella, enfeitada de chacaras e jardins.»

A principal industria de seus habitantes consiste na fabricaçãõ de cal, e ha alguns annos tentou-se a exploraçãõ do kaolin, que ha em abundancia no morro da Cruz, a sudoeste da ilha; do qual, nos diz o sabio bispo d'Elvas no *Ensaio Economico*, o illustre chimico brasileiro João Manso fez o apparelho de fina porcellana, igual á da China, offerecido a el-rei D. João VI; e ultimamente o Decreto de 31 de Julho de 1877 concedeu o privilegio a Bouliech & Vianna para explorarem esse artigo durante dois annos. Além d'isso, exporta-se tambem para o mercado da côrte muita lenha, frutas, peixes e hortaliças.

A face de sueste da ilha apresenta muito fundo o dá facil desembarque; em todas as outras o accesso é difficultado por grande numero de pedras, isoladas ou em grupos, algumas designadas por nomes especiaes, que dão ás praias o aspecto o mais pittoresco.

*Passagem.*—Grupo de pedras que jazem ao sul da ponta da Ribeira.

*Pedras brancas.*—Reunião de grandes pedras escalvadas ao norte da ponta da Itaóca. Ha uma outra *Pedra branca* a leste da ilha da Sapucaia.

*Pedra do bom nome.*—Pedra arredondada em frente á praia da Luz, acima da foz do Imbuassú. Dizem que teve outr'ora um nome menos decente, e que D. João VI designára-a com o actual, que conservou.

*Pindahys.*—Duas pequenas ilhas entre as do Bom-Jesus e Fundão, que se distinguem por *Pindahy de cima e de baixo*. Nas cartas de Barral e de Candido Mendes aquella tem o nome de *Ilhota* e esta de *Outra banda*.

*Piñheiro.*—Ilha montanhosa, fronteira á pedra do Thibau, na costa de Inhaúma, da qual é separada por um estreito canal. Na carta de Candido Mendes é designada por *ilha de Manoel Luiz*, e na da Marinha, levantada em 1810, tem o nome de *ilha de Inhaúma*.

*Pita* ou das *Pitangas.*—Pequena e deshabitada, no meio do archipelago ao sul de Paquetá.

*Pombéba.*—Ilha sobre o banco ou corôa fronteira á praia de S. Christovão; está n'ella montada uma fabrica de productos chimicos.

*Raza.*—Pequena ilha situada defronte da igreja matriz da ilha do Governador.

*Rachada.*—Compõe-se de duas grandes pedras afastadas dois metros uma da outra, e que, pelas faces planas que se oppõem, suppõe-se ter sido uma só pedra cortada por um raio. Ha quem affirme que este facto occorreu nos primeiros annos deste seculo.

*Ratos.*—Pequena ilha de pedra situada em frente da cidade, ao sueste da ilha das Cobras. Era outr'ora alta, mas

foi arrasada, e com a pedra extrahida construiu-se um cães ao redor, apresentando bastante fundo aos navios, mórmente nas faces de leste e nordeste. Presentemente serve de deposito aos materiaes e apparatus das docas da Alfandega, e trata-se de construir um quartel para os guardas e remadores d'esta repartição.

*Raymundo.*—Ilha montanhosa, quasi circular, e aformoseada por uma bôa casa rodeada de muito arvoredo fructifero; dizem que pertencêra outr'ora aos padres jesuitas, que edificaram a excellente casa e poços que ainda existem. Está collocada entre o porto de Mariangú e a praia das Frecheiras na ilha do Governador, e pertence á freguezia de Nossa Senhora da Ajuda d'esta ilha. Consta que sua compra foi proposta pelo Dr. Liai, como a posição mais apropriada para o novô observatorio astronomico.

Na carta hydrographica de Freycinet está indicada com o nome de *ilha Cardoza*.

*Redonda.*—Bella ilha montanhosa e deshabitada no archipelago ao sul de Paquetá; é tambem conhecida por ilha das Cabras, porque ha alguns annos ahi pasta um rebanho d'estes animaes.

*Rijo.*—Ilha rodeada de pedra, que fica mais ao norte no grupo a leste da do Governador; é um pouco alta e pela sua área e posição foi indicada pelo astronomico Dr. Liai como apropriada a ser n'ella edificado o Observatorio astronomico, que mais cedo ou mais tarde tem de sahir do morro do Castello, quer pelo provavel desmoronamento d'este, quer pela existencia de ferro que perturba as observações magneticas.

*Riquesaba.*—Nome que em alguns mappas se dá á ilha do Tavares.

*Roás*.—Pedras existentes ao norte da ilha do Governador perto da praia da Polonia.

*Santa Barbara*.—Ilha em frente á Gambôa; chamava-se antigamente *ilha das Pombas*, mas em 1761 o conde da Cunha mandou ahi edificar dois depositos de polvora sob a protecção de Santa Barbara, os quaes serviram para esse mister até o anno de 1874, em que por ordem do ministro Junqueira foram transferidos para a ilha do Boqueirão.

*Santa Rosa*.—Pequena ilha entre as do Raymundo e do Governador. Além d'este nome, que é o mais commum, encontra-se nos mappas os de *Forra Semanas*, *Terra Semanas* e *Sete Semanas*.

*Santo Antonio*.—V. *Flôres*.

*Sapucaia*.—Ilha de alguma importancia, medindo de grandeza 800 metros sobre 600, e está situada ao sul da do Bom Jesus, da qual é separada por um estreito canal.

*Saravatá*.—Ilha comprida entre a foz do rio Merity e a ilha do Governador; é bastante arborizada e são afamadas as suas frutas. Alguns dão-lhe o nome de ilha do *Camarão*, por ter sido por muitos annos propriedade de Francisco Pereira Camarão, fallecido ultimamente, e que tinha ahi uma grande caieira.

*Secca*.—Ilha ao norte da das Enchadas e ao sul da do Governador; é bella e cheia de arvoredo, e por isso lhe assenta melhor o nome de *ilha Sécia*, que lhe dá Pizarro.

*Taibacys*.—Ilhota deshabitada, ao sul e muito proxima da de Paquetá.

*Tapuamas*.—Agglomerado de 20 a 30 pedras, formando dois grupos ao sul da de Paquetá.

*Taputeia*.—Pequena ilha ao sueste das Jurubahybas, e ao sul das Tapuamas.

*Tavares*.—Ilha comprida, de 1,500 metros sobre 350, situada em frente a S. Gonçalo. É a ilha do *Dr. Fagundes*, de Balthazar Lisbôa e da planta de Marinha; ilha do *Padre Lemos* de Freycinet; e *Riquesaba* de Barral e de Candido Mendes.

*Tipitys*.—Ilhas rodeadas de muitas pedras, a oeste da do Boqueirão; a maior d'ellas é a *Tipitiguassú* pela qual deve passar a estrada de ferro projectada e concedida em 8 de Novembro de 1879, conforme ficou dito no capitulo 4º.

*Ubús*.—Grupo de pedras situadas a sueste da ilha do Governador, e perto das pedras da Passagem.

*Velha* (ilha da), do *Honorio* e antigamente *Santa Cruz*, em frente a S. Pedro de Maruhy.—Tem 800 metros sobre 400 de grandeza, é habitada e possui um pomar de excellentes frutas. Pertenceu ao cirurgião-mór *Dr. Honorio Gurgel* do Amaral e hoje a seus herdeiros.

*Vianna*.—Muito perto e á esquerda da precedente; junto a ella morreu afogado, em 28 de Julho de 1837, o philantropico conde de Gestas, consul de França. N'essa ilha existiu um moinho de vento, pelo que alguns ainda a denominam *ilha do Moinho*.

*Villegaignon*.—Antiga ilha *Serygipe*, dominando o canal entre a barra e a cidade. Villegaignon construiu n'ella o forte Coligny, arrasado em 1560; fortificada posteriormente pelos portuguezes, foi, em 1711, o unico ponto que apresentou alguma resistencia a Duguay-Trouin, mais foi destruida por uma explosão. O conde da Cunha e o Marquez de Lavradio augmentaram suas obras,

arrasando o morro das Palmeiras que a dominava. A fortaleza, que pertence á marinha, está armada com 34 canhões e serve de quartel ao corpo de Imperiaes Marinheiros.

Em 3 de Abril de 1832 sublevou-se a sua guarnição; mas, cercada a ilha por navios de guerra e ameaçados os revoltosos de um bombardeio, renderam-se no dia seguinte.

*Viraponga*.—Ilha deshabitada e pedregosa ao sueste da do Boqueirão e sudoeste da de Paquetá.

*Vital*.—Ilhota ao sul da do Engenho e muito perto da do Ananaz, separando-as um canal estreito e muito fundo. No atlas de Candido Mendes é designada por este nome a ilha das *Flôres*.

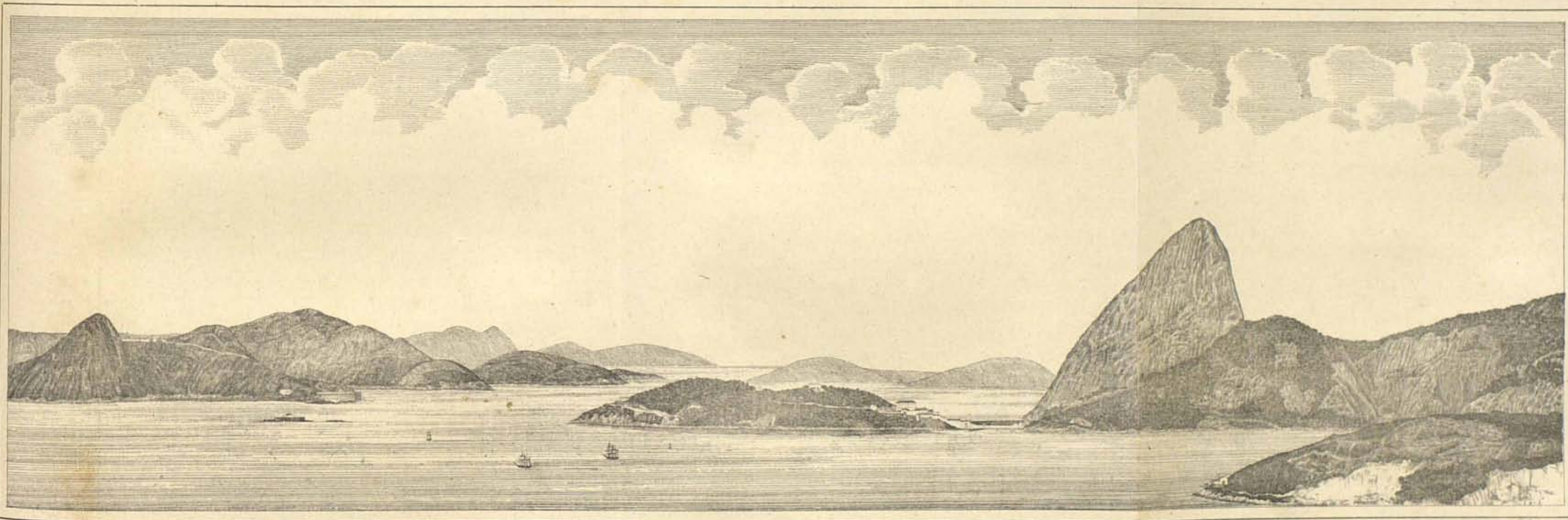
Em consequencia da diversidade de nomes que têm algumas d'estas ilhas, pôde acontecer que se encontrem denominações que não se achem n'esta relação. Balthazar Lisbôa, enumerando algumas ilhas da bahia, no 1º volume dos *Annaes do Rio de Janeiro*, cita as da *Onça*, da *Memória*, do *Sydônio*, do *Calambé*, da *Gallinha gorda*, dos *Romanos*, *Comprida do Gomes*, *Comprida do Pinto* e *ilha Grande da Armação*, que não sabemos quaes sejam os nomes actuaes. O mesmo succede com a das *Larangeiras*, dos *Flamengos* e a do *Galeão*, relatadas no 3º volume das *Memorias* de monsenhor Pizarro, observando em referencia á ultima que, diz elle, ter sido n'ella construida a não *Capitania Real*, em tempo do governador Sebastião Benevides.

## VII

### DESCRIPÇÃO CIRCUMSTANCIADA DO CONTORNO

Conforme ficou dito em outro lugar, as margens da bahia apresentam um extenso circuito de 140 kilometros pouco

ENTRADA DA BARRA



*Del. de J. B. Miller*

*J. B. Miller*

RIO DE JANEIRO





mais ou menos, em virtude do grande numero de enseadas, angras e saliencias que fazem diversificar o mais possivel os aspectos e paisagens, de maneira que se torna interessantissima a excursão para quem se dispuzer a percorrer todo o contorno.

Um periodico illustrado — *O Archivo Pittoresco*, de Lisbôa, iniciou em Julho de 1852 a sua carreira litteraria com uma vista da nossa bahia, considerada como *um dos quadros mais dignos de contemplação*; e no artigo explicativo, depois dos mais entusiasticos louvores, diz o conhecido escriptor portuguez José de Torres: «A descripção minuciosa d'aquellas margens encantadoras exigiria volumes.» E quasi por identicas palavras já havia expressado a mesma idéa o padre fr. Agostinho de Santa Maria, no tomo 10º do seu *Santuário Marianno*.

O visitante que, com o auxilio de uma embarcação de pequeno calado, quizer examinar o variadissimo perimetro, começando da entrada da barra e procurando approximar-se de uma das margens, a oriental, por exemplo, irá vendo successivamente desdobrar-se diante de si os seguintes accidentes topographicos :

A *fortaleza de Santa-Cruz*, no seu principio bateria de Nossa Senhora da Guia, e depois forte de Santa-Cruz, construida em uma península de rocha viva. Já se achava armada nos fins do seculo 16º, quando impediu a entrada da esquadilha de circumnavegação do almirante hollandez Van North; em 1710 ainda conseguiu afastar da barra a expedição de Duclerc; mas, no anno seguinte, inteiramente desguarnecida, nenhuma resistencia pôde fazer á aggressão de Duguay-Trouin. Um pouco tardia, a real provisão de 22 de Setembro de 1730 ordenou aos governadores do Rio de Janeiro que, tanto essa fortaleza como a de S. João,

deveriam estar sempre armadas e guarnecidas. Os vice-reis conde da Cunha, marquez do Lavradio e conde de Rezende mandaram augmentar suas baterias, reforçando-as com a da *Praia de Fóra* e *Forte do Pico*, até que em 23 de Dezembro de 1831, um Aviso da Regencia determinou que fôsse reduzido o seu armamento e guarnição. Em 1863 o conflicto provocado pelo ministro inglez Christie fez comprehender a necessidade de estar constantemente a barra em estado de defesa, e então tratou-se de dotar essa fortaleza com casamatas e artilharia poderosa. Actualmenté a fortaleza de Santa Cruz, considerada a primeira do Imperio, pela importancia de sua posição, está guarnecida por um batalhão de artilharia de linha e monta 122 canhões de grossos calibres (dos quaes 41 em fortes casamatas, um de 400 Armstrong, que atira á barbete, e 80 em canhoneiras), além de mais 24 na bateria da praia de Fóra, que pertence ao mesmo commando. Esta fortaleza serve de registro aos navios que demandam o porto, e n'ella existe um interprete que recebe as respectivas informações para serem logo transmittidas ao telegrapho do Castello e á praça do commercio. Nas prisões de Santa Cruz têm estado detidas muitas pessoas importantes, das quaes mencionaremos: o marquez de Loulé, que, tendo servido nos exercitos de Napoleão, veio entregar-se á prisão em 1817, e perdoado por D. João VI, tornou-se seu amigo inseparavel, sendo sete annos depois assassinado junto á sua pessoa em Lisbôa; o famoso caudilho Andrezito Artigas, que ahi falleceu em 1820; o conego Januario, detido durante 11 dias até seguir deportado para a Europa em Dezembro de 1822; o coronel Bento Gonçalves, chefe da projectada republica de Piratinim em 1836; e em 1851 o general Fructuoso Rivera, ex-presidente da Republica Oriental.

Avançando um pouco para dentro, vê-se o *forte do*

*Pico* sobre um alto morro que domina completamente a fortaleza de Santa-Cruz, da qual é a chave, e é esse morro que, visto de fóra da barra, parece formar, com o Pão de Assucar, as duas portadas de granito da entrada da bahia. O forte foi construido em 1762, por ordem do Marquez de Lavradio, sendo preciso vencer enormes embaraços motivados pela grande elevação e ingremidade. A principio teve esse forte um commandante especial, mas o decreto de 13 de Maio de 1811 reuniu o seu commando ao da fortaleza de Santa-Cruz, e assim tem continuado até hoje.

Encostadas ao costão aquem e além do *Pico*, avista-se duas pequenas praias curvas, conhecidas pelos nomes de *Prainhas de dentro e de fóra*, e em continuação o *morro da Jurujuba*, e fronteiro a este o *morro do Cavallão*, formando ambos as extremidades de uma lindissima bahia chamada *Sacco da Jurujuba*, a qual comprehende as enseadas do *Botelho*, da *Jurujuba*, da *Varzea* que fica atrás das baterias da praia de Fóra, e mais ao fundo a praia do *Sambagoiá* separada da precedente pela *ponta do Peixe Gallo*, as praias do *Cortume*, da *Arêa-Grossa*, a da *Charita* ou de *S. Francisco*, a de *Santo Antonio* ou praia do *Sacco*, onde desaguam os dois ribeiros de *Santo Antonio* e do *Sacco*. N'essa bahia existem : o *Hospital Maritimo de Santa Izabel*, fundado em 1851 para tratamento da maruja dos navios mercantes; as capellas da *Conceição* e de *S. Francisco*, bem como o antigo convento d'este Patriarcha, construido em fins do seculo xvii. A vivenda n'estes sitios é extremamente aprazivel, por estarem comprehendidos entre a formosa praia onde as ondas se espreguizam mansamente e a cadêa de montanhas, conhecidas por *morros da Viração*, que corre pelo lado de leste.

Depois do morro do Cavallão, por junto ao qual se deslisa o limpido rio *Icarahy*, chega-se ás duas amenissimas

praias de *Icarahy* e das *Flexas*, preciosas na estação calmosa pela excellencia de seus banhos de mar.

A primeira d'essas praias, a graciosa *Icarahy*, foi, em 18 de Fevereiro de 1876, theatro de uma scena tristissima. Uma candida donzella, D. Luiza de Brito, que em companhia de sua mãe e uma irmã se banhavam no mar agitado, é envolvida por uma onda ; seu noivo, o Dr. José Joaquim Alves, esquece-se de que não sabe nadar, e, vestido como estava, se atira para salva-a ; mas, cingido tambem pelas vagas, perecem ambos, sendo o oceano, e não a igreja, quem liga para sempre essas duas virtuosas almas.

A segunda, a das *Flexas*, é tambem chamada da *Itapuca*, e referindo-se á ella no *Echo Americano* de 6 de Janeiro de 1872, diz o illustrado Dr. José Carlos Rodrigues : « As bellezas da inspiradora e poetica *Itapuca* acordam n'alma a illusão mais doce, a scisma mais vaporosa. O rochedo denominado a *Pedra de Itapuca* deu motivo á creação de formosas lendas que ha longo tempo passam pela tradição ; uma d'ellas, *A Somnambula de Itapuca*, foi já revestida da mais elegante fórma pelo Sr. Leonel de Alencar, conhecido litterato e jornalista.»

Accrescentaremos que essa pedra, destacada entre as vagas, em frente á praia, semelhante a uma columna truncada, tinha outr'ora uma gruta que nas marés baixas communicava com a praia vizinha, e era ella que dava o nome de *Itapuca* (pedra furada), nome que não tem mais razão de ser, depois da destruição d'esse tunnel natural.

Deixando a praia das *Flexas*, onde já se notam muitas e elegantes habitações, vê-se para sudoeste o promontorio da *Bôa-Viagem*, coroado pela capella, velho forte e quartel, promontorio que figura nas cartas antigas como uma ilha, mas presentemente é ligado ao continente por uma lingua de arêa que em certas occasiões permite

a passagem a pé. Do alto da Bôa-Viagem goza-se de uma vista admiravel, celebrada por varios escriptores, um dos quaes, o commandante Eugenio Rodrigues, affirma ter ahí visitado o tumulo de Duguay-Trouin, asserção essa que ha de admirar aos biographos do ousado almirante francez que asseguraram haver elle fallecido em Paris, no anno de 1736. Por baixo da Bôa-Viagem, na ponta do sul, dizem os pescadores haver uma extensa gruta com degrãos abertos na rocha, internando-se a consideravel distancia.

Dobrando essa ponta e seguindo para noroeste, passa-se em frente á praia *Vermelha* ou *Rôxa*, segundo outros, pela côr especial de sua arêa, em frente á qual existe um penedo isolado conhecido por *Pãozinho de Assucar*; e continuando se chega-se á ponta do *Gragoatá* ou *Carauatá*, onde jaz o antigo forte, desarmado em 1831 pela regencia e reparado depois da questão Christie em 1863; e bem ao norte do Gragoatá está a *Ponta da Armação*, limitando ambas a enseada chamada outr'ora a *Praia-Grande*, que se reparte em dois seios de desigual curvatura. O primeiro, que é tambem o menor d'elles, é

... aonde *S. Domingos* aprazível  
Seus remansos assenta entre mil flôres ;

sitio pittoresco, onde quizeram ir fechar o circulo de seus dias tres legitimas glorias nacionaes, José Bonifacio em 1838, Mont'Alverne 20 annos depois, e Joaquim Caetano da Silva em 1873. O segundo seio fica além de *S. Domingos*, e é em suas margens que se assenta a capital da provincia,

Nitherohy, saudavel, bella,  
Delicias estendendo na peninsula  
Que o monte d'Armação nobre remata,

como disse Porto-Alegre nas *Brasílianas*; e, segundo escreveu Carlos Mansfieldt: *S. Domingos e Nitherohy são dois bairros encantadores, imitações muito mimosas das povoações de Guernsey e de Jersey.*

Na encosta sul da Armação estão situadas as officinas do laboratorio pyrotechnico e fabrica de armas da marinha, dirigidas pelo habil e honrado capitão de mar e guerra Baytista; e na ponta, em frente á ilha das Cobras, existe um grande edificio, onde em 1816 se aquartelaram os voluntarios Reaes do Principe, e posteriormente outros corpos do exercito e voluntarios da Patria; esse edificio pertence agora ao ministerio da marinha, que ali guarda o seu valioso material de guerra e officina de torpêdos. O nome de ponta e morro da Armação se originou do estabelecimento de armação para pesca de baleias, fundado em fins do seculo XVI, sendo o primeiro contratador Braz de Pina, talvez o mesmo que deu o nome ao antigo caes, hoje dos Mineiros, contiguo á alfandega, bem como ao campo de igual nome, em Irajá. A pesca das baleias era então um ramo muito rendoso; em 1765, quando o numero d'ellas já muito diminuíra pela activa perseguição, foi arrematado o contratô por 12 annos, á razão de 40 mil cruzados annuaes pelas tres armações de Cabo-Frio, Rio de Janeiro e Ilha-Grande. O celebre Cook, quando aqui esteve em 1768, ainda viu funcionar a de S. Domingos; mas o alvará de 1798 aboliu o privilegio, permittindo a liberdade d'essa industria; disposição que de pouco serviu, visto que n'essa época já eram raras as baleias dentro da barra, e mais raras se foram tornando depois de 1800 com o augmento da navegação, sendo talvez a ultima a que, ha cerca de 40 annos, appareceu encalhada nos mangues da enseada de Inhauma.

Costeando o morro da Armação, encontra-se a *Ponta da Arêa*, onde o laborioso negociante Irenêo Evangelista de

Souza, depois barão de Mauá, fundou em 1846 o vasto estabelecimento de fandição e construcção naval, o qual, tendo passado a uma companhia em 1854, teve occasião, 11 annos depois, de prestar efficacissimo auxilio á nossa esquadra durante a campanha do Paraguay, de modo que, no curto espaço de um mez, de 18 de Agosto a 19 de Setembro de 1865, lançou ao mar, de seus estaleiros, as canhoneiras *Henrique Martins* e *Greenhalgh*.

Da Ponta da Arêa a margem segue para o sul e volta logo para o norte, formando um golfo muito pronunciado, o *Sacco de S. Lourenço*, de modo que o morro da Armação e parte da cidade de Nitherohy estão em uma península, *da feição de cabeça de cajado*, segundo a comparação de Gabriel Soares; o fundo do golfo tem o nome de *Sacco do Apicú*, e a margem que toma a direcção do norte é a *Práia de S. Lourenço*, onde vem terminar o elevado morro do mesmo nome, outr'ora conhecido por *Morro dos Caboclos*, porque n'elle e em suas immediações existiu o aldêamento dos indigenas descendentes dos *Temiminós*, companheiros do valente Ararigboia, a quem foram doadas essas terras por Antonio de Marins, em 1568 (V. nota 12). O morro de S. Lourenço, por sua posição, altura e proximidade da cidade, offerece um magnifico passeio, e o visconde Milliet de St. Adolphe, referindo-se a elle no *Diccionario Geographico do Brasil*, descreve-o como « uma « montanha cuja verdura harmonisa agradavelmente com as « casas e cabanas indias, e é uma soberba e engraçada paisagem, digna de ficar em correspondencia com a montanha « da Gloria, já debuchada por muitos artifices.» « Todavia « (acrescenta o Sr. Joaquim Norberto na sua *Memoria « sobre os aldêamentos*), o morro de S. Lourenço, que excede ao da Gloria tres vezes em altura, se lhe é inferior « nas obras do homem, fica-lhe de sobejo superior nas



« scenas da natureza. Remontando-se ao cume, a vista se  
« engrandece, a magnifica bahia dos Tamoios se patenteia  
« em toda a extensão, com suas 72 ilhas, torneada pelas  
« serras da Tijuca, Estrella e Orgãos, guardadas pelos  
« seus gigantes de granito. Ponto de vista superior a este  
« na nossa bahia, só o Corcovado, onde Porto-Alegre e  
« Gonçalves Dias se inspiraram, produzindo poesias dignas  
« do estro que em suas mentes brilhava. »

Se, por este elogio, alguém acoimar de suspeito o voto do illustre nitherohyense, recordarei que o principe Maximiliano de Neuwied, tendo, em 1815, feito uma excursão ao morro de S. Lourenço, confessa, no 2º capitulo do 1º tomo de suas *Viagens*, conservar d'ella a mais fagueira impressão.

Seguindo a praia para o norte, entra-se em um canal fundo e estreito, formado pela ilha da Conceição e a *Praia de Sant'Anna*; n'esta acha-se situada, muito imprópriamente, a estação terminal da estrada de ferro de Nitherohy a Campos, que incontestavelmente ficaria melhor dentro da cidade. Chegando ao extremo do canal e voltando á direita, penetra-se no *Sacco de Maruhy*, em cuja margem superior está assentado o cemiterio publico, nas abas do *Morro de S. Pedro*, notando-se no numero dos que ahí descansam dos trabalhos d'esta vida o mallogrado poeta Fagundes Varella, sepultado em Fevereiro de 1875; e, costeando o morro, encontra-se o *Porto do Barreto* e a *Praia das Neves*, proximo á qual se acha o campo do Barreto, onde em 1822 se reuniram, sob o commando do velho general Curado, as forças brasileiras destinadas a conterem a divisão de Jorge de Avilez, que projectava oppôr-se á causa da nossa independencia.

Continuando para o norte, passa-se outro canal com pouco fundo, tende as ilhas do Ajudante e das Flôres á

esquerda e o *Morro das Neves* á direita, e findo elle entra-se na *enseada do Porto Velho*, fechada ao norte por um promontorio; mais além, vence-se a garganta entre a ilha do Tavares e a *Ponta de S. Gonçalo*; e, inclinando para nordeste, avista-se diversos portos como o da *Pedra*, o *Novo* e o do *capitão Rosa*, e chega-se a um bello golfo, denominado por Barral *Bahia do Porto-Novo*, no fundo do qual se percebe a foz do rio Imbuassú, que ahí conduz o tributo de suas aguas.

D'esse ponto a margem toma a direcção leste-oeste até á *Praia da Luz*, que volta para o norte apertada entre os morros do mesmo nome, e, chegando á velha capella, curva-se para formar a aprazivel *enseada da Itaóca*, apresentando a fórma de um arco de circulo, cujo centro é a ilha conhecida pelo nome de *Itacuinha*; e termina no promontorio ou *ponta de Itaoca*, do cimo da qual se descortina admiravel vista sobre o fundo da bahia e archipelago de Paquetá. D'essa ponta em diante, a praia baixa e lodosa, estende-se cerca de uma legua para nordeste, recolhendo muitos regatos, e vai ter á embocadura do rio Guaxindiba, e é por estes sitios que, diz fr. Agostinho de Santa Maria (no tomo X do *Santuário Marianno*), *os camarões sam tam grandes em seo tempo, que um delles dá uma pitança para um frade jantar bem e nam tem comparação com elles um prato dos gabados camarões de Villa Franca de Xira.*

Em frente á foz do Guaxindiba existe um delta que nas marés vasantes fica em parte des coberto, e d'elle para o fundo da bahia a margem segue proximamente o rumo norte-sul, durante perto de uma legua, recebendo n'esse espaço as aguas de tres rios, a saber: 1º, o *Maccacú*, que, como ficou dito em outro lugar, é o maior dos cursos d'agua que se lançam na bahia, quer considerando

o volume e extensão do trajecto, quer a importancia das povoações que banha, quer ainda pela fertilidade do seu valle, que serve de leito á estrada de ferro de Nitherohy a Cantagallo ; 2º, o *Guarahy*, á meia legua da foz do precedente, do qual é um braço e não rio distincto ; 3º, o *Guapy*, chamado tambem *Guapy-mirim* para distinguil-o do *Guapy-assú*, que é um dos mais consideraveis affluentes do Macacú.

Além da boca do Guapy, a margem inclina para noroeste durante cerca de meia legua, até encontrar a foz do rio *Magé*, quasi occulta por um delta coroado de mangues ; mas, antes de ahi chegar, passar-se-ha em frente ao *Magé-mirim* ; e ainda entre este e o precedente vê-se o antigo canal que foi aberto para tornar mais directa a communicação á cidade de Magé, mas que ficou obstruido por falta de conservação.

Adiante do Magé a praia fórma um pronunciado seio, onde desaguam os riachos do *Pau*, de *Sant'Anna* da *Ilhota*, e termina no morro e porto da *Piedade*, posição excellente e de grande importancia, por partir d'ahi a estrada para a serra dos *Orgãos*, pela facilidade que offerece ao embarque dos generos, e pela communicação diaria com a côrte por meio de vapores; accrescendo ainda a estas vantagens a belleza do sitio, com a sua alva capella, que de muito longe attrahe a attenção (*causando alegria e devoção a todos os que navegam aquelle largo seio de mar*, segundo diz o já citado fr. Agostinho de Santa Maria), as ilhas *Cajaibas* e penedos isolados que ficam em frente da capella, bem como o promontorio da *Taputera*, que se avista meia legua a oeste, e que com o morro da *Piedade* limitam a formosissima enseada, em cujo meio vem desaguar o rio *Iriy*.

Da *Taputera* em diante a margem toma para noroeste,

estendendo-se por meia legua uma pittoresca reentrancia conhecida por *Sacco do Murundú*, no meio do qual se lançam os rios *Suruhy* e *Suruhy-mirim*, que, procedendo de origens afastadas, convergem depois de muitas voltas, e vão quasi unir suas bocas em frente de duas ilhas, Guayana e Leonidia, que guardam em suas grandezas a mesma relação que existe entre os dois rios.

No fim d'essa praia encontra-se a montanhosa costa do Cruará, onde se acham edificadas as duas capellas, de *S. Francisco*, voltada para o lado da Piedade, e de *S. Lourenço*, fronteira á ilha de Paquetá; e um pouco mais ao sul as pontas do *Matafome*, que ficam exactamente no fundo da bahia, defronte da entrada da barra.

Costeando os morros pela face de oeste, chega-se á *Praia da Olaria*, terminada pela ponta pedregosa do mesmo nome; e em seguida a *Praia Grande*, dominada pe'o *morro dos Remedios*, sobre o qual alveja a capella construida em 1740, e é n'essa praia que está o *porto de Mauá*, ponto inicial da estrada de ferro da raiz da serra que liga a côrte á cidade de Petropolis, permittindo ao viajantê que sahe da Prainha ás 2 horas da tarde ir chegar ás 6 horas á bella rainha do Piabanha, depois de amenissima viagem por mar, planicie e serra, descortinando sempre as mais admiraveis paisagens. Toda essa zona do Guapy a Mauá era em fins do seculo passado muito productiva em assucar e anil, como nos diz Balthazar Lisbôa no volume 5 cap. 5 § 8 dos seus *Annaes do Rio de Janeiro*; mas hoje não goza de bom nome, por causa dos pantanos e mangues que se estendem entre a nossa bahia e a serra dos Orgãos.

Depois de Mauá, a margem muito baixa e lodosa inclina para sudoeste até á ponta fronteira á ilha do Limão, passando-se, antes de chegar a esta, pela foz do *ribeiro Pacobahiba* e capella de Nossa Senhora da Guia, em sua origem

ermida de Santa Margarida, um dos mais antigos templos do Rio de Janeiro ; e, contornando a dita ilha pelas faces de leste e sul, continuando parallelamente á praia, é preciso afastar-se d'esta, por causa do mangal que se estende por mais de uma milha em frente ao canal que conduz á boca do rio *Inhomirim*, cujas aguas, hoje silenciosas, já foram muito sulcadas pelo grande numero de barcos que faziam animado commercio entre a côrte e a villa da Estrella, ponto obrigado da communicação para a provincia de Minas-Geraes, antes que funcionassem as estradas de ferro.

Ao sul do *Inhomirim*, a costa, um pouco elevada, fórma um S, recebendo na reentrancia o *Boca-larga*, que é um braço do *Inhomirim*, que corre de norte a sul por terras lodosas ; e um kilometro mais abaixo se abre a foz do *Iguassú*, rio importante por seu curso e volume de suas aguas, o qual tambem teve seus dias de prosperidade, mas perdeu-a desde que a estrada de ferro D. Pedro II foi-se internando para o centro da provincia.

Avançando mais um kilometro no mesmo rumo, encontra-se a embocadura do rio *Sarapuhy*, e para diante, inclinando para sudoeste, sempre em terreno baixo, apenas interrompido pelos morros e ponta da Engenhoca, corre uma costa de legua e meia, recolhendo muitos regatos, até á foz do rio *S. João de Merity*, limite do territorio pertencente ao municipio neutro, indo o tortuoso canal d'esse rio passar ao lado da ilha de Saravatá. Continuando cerca de meia milha para o sul, chega-se á embocadura do rio *Irajá*, em uma reentrancia cujos lados são proxima-mente perpendiculares entre si.

D'esse ponto em diante a costa procura a direcção de sueste, quasi parallelamente á face fronteira da ilha do Governador ; e depois de percorrer uma praia lodosa, que fica a descoberto nas vasantes, encontra-se o porto de *Mariangú*,

dominado pelo alto monte de Nossa Senhora da Penha, no cimo do qual se ostenta garbosa a celebre capella, que attrahe annualmente enorme concurrencia de alegresromeiros, que pelas folhagens com que adornam os seus carros e cavalgaduras, pelos vasos symbolicos por onde fazem suas libações, bem como pelo estado em que regressam a seus lares, mais parece voltarem de uma bacchanal da antiga Roma, em honra do gordo filho de Jupiter, do que de uma devota visita a um templo consagrado á Virgem Purissima dos christãos.

Esta romaria é de uso bastante antigo, pois que no tomo 10 do *Santuário Marianno* se faz menção d'ella nos primeiros annos do seculo passado.

Dobrando depois a *Ponta do Engenho*, e descendo para o sul, passa-se o canal formado pela ilha do Fundão, e no fim ha duas enseadas seguidas e logo após a ponta e *Pedra do Thibau*, fronteira á ilha do Pinheiro, e que é o limite entre as costas de Irajá e de Inhaúma. Seguem-se a *enseada de Inhaúma*, a da *Olaria* e em continuação as terras baixas ou delta do *Maruhy*, que divide em duas partes a embocadura do rio Inhaúma. A margem volta então para nordeste e, costeando a aprazivel enseada do *Retiro-Saudoso* e o pittoresco *Sacco da Raposa*, que faz frente á ilha da Sapucaia, chega-se á muito conhecida *Ponta do Cajú*, onde existe a antiga Quinta Imperial d'esse nome. Em algumas cartas hydrographicas dá-se a denominação de *bahia de Inhauma* ao golfo que tem para extremos as pontas do Thibau e do Cajú, e no fundo do qual desagua o rio de Inhaúma.

Defronte da Ponta do Cajú e separado d'ella por um banco de arêa, acha-se a ilha dos Ferreiros; e, descendo para o sul, avista-se a extensa *Praia de S. Christovão*, onde successivamente se vão encontrando: o *cemiterio da*

*Santa Casa da Misericordia*, ahi estabelecido pelo provedor José Clemente Pereira em 1839 para os indigentes e escravos ; os cemiterios de S. Francisco Xavier, de S. Francisco da Penitencia e do Carmo, que começaram a funcionar em 1850, devendo-se ao terrivel flagello da febre amarella o beneficio de ter sido abolido o uso do enterramento nas igrejas, o qual já fôra terminantemente prohibido em 1801 pela carta régia de 14 de Janeiro, transcripta por Pizarro no tomo 6º. O numero elevado de povoadores que já contam estes tristes estabelecimentos, bem como a compacta população das immedições, reclamam altamente por uma *Necropole* mais vasta e afastada da côrte, á semelhança da que já existe nas cidades mais adiantadas ; e não ha muito tempo foi nomeada uma commissão para estudar e dar parecer sobre esse interessante assumpto. Em seguida vê-se na mesma praia a igreja do Senhor do Bomfim, elevada pela tenaz perseverança do velho e pobrissimo Luiz Baptista Correia, que teve a consolação de a vêr concluida em 1862 ; dando-se a notavel coincidência de ter sido a encommendação do seu cadaver um dos primeiros actos que n'ella se celebraram, poucos dias depois da benção e inauguração. Mais adiante acha-se a *capella de Nossa Senhora do Socorro* e *S. Christovão*, mais conhecida desde longos annos pelo nome de *Igrejinha*, e que tornou-se uma importante matriz do municipio neutro ; em frente a ella corre o pequeno caes, que era muito frequentado antes que trabalhassem as linhas de bonds, e tem, como notavel recordação, ter sido ahi onde embarcou o primeiro imperador, depois de abdicar em 7 de Abril de 1831, recolhendo-se com sua filha D. Maria II á náó ingleza *Warspite*. D'esses sitios se avista em uma collina, á pequena distancia, a Imperial Quinta, residencia habitual dos nossos soberanos, doada

por Elias Antonio Lopes ao principe regente D. João, pouco depois de sua chegada ao Rio de Janeiro; e é onde os actuaes imperantes, desacompanhados de qualquer etiqueta, recebem todos os que os procuram, nacionaes e estrangeiros, empregando, não as maneiras de soberanos, mas a affabilidade de um pai ou de um amigo.

Em continuação passa-se em frente ao *hospital dos Lazaros*, outr'ora casa de campo dos Jesuitas, e depois da expulsão d'estes, destinada pelo vice-rei conde da Cunha, em 1765, ao humanitario fim para que ainda hoje serve, dirigido com verdadeira caridade pelos irmãos da Candelaria; e em seguida á montanha, em que se acha esse hospital, estão os edificios do antigo cortume de Mello e Souza, comprados pelo ministerio da guerra, em 1873, ao barão de Mauá pela quantia de 900 contos de réis, sendo n'elles estabelecidos os quartéis do 1º regimento de cavallaria e 2º de artilharia a cavallo; e no palacete fronteiro, comprado na mesma occasião por 100 contos, o archivo e lithographia militar, e commando do corpo de engenheiros.

A praia, antigamente chamada dos *Lazaros* e moderadamente das *Palmeiras*, na qual se acham situados os edificios mencionados e ainda a casa de machinas do 4º districto da companhia *City Improvements*, converge com a *Praia Formosa*, que fica em sua continuação, formando ambas o golfo ou *sacco de S. Diogo*, cujas margens baixas e lodosas têm a denominação de *Mangue da Cidade Nova*. Ahi desaguam os regatos Maracanã, Joanna, Andarahy e outros que descem da serra da Tijuca; e onde está hoje a ponte do Aterrado era o sitio em que, no seculo passado, os navios mandavam fazer a aguada, pelo que era conhecido por *Bica dos Marinheiros*; e, segundo diz Varnhagen, apoiando-se em um trecho da obra de Gabriel



Soares, em suas immediações acamparam por algum tempo os indigenas de Martim Affonso Ararigboia (V. nota 12 acima).

Junto á Praia Formosa, foi em 1850 estabelecido o *Matadouro*, que anteriormente funcionava na Praia de Santa Luzia, e que se trata de transferir para o campo de Santa-Cruz, junto á Imperial Fazenda.

Esta medida, reclamada ha longos annos, de grande vantagem para a cidade e particularmente para o bairro de S. Christovão, crescerá de importancia quando fôr realizado o aterro de todo o espaço limitado pelas duas praias e a ilha dos Melões, idéa aventada desde 1839, que, além de extinguir um fóco de infecção, augmentará uma área consideravel a essa parte da cidade, já muito populosa.

Chegando a este ponto, começamos a penetrar na porção da bahia onde é maior o movimento commercial e a riqueza ; e, como é tambem a mais geralmente conhecida, não nos estenderemos muito na descripção dos detalhes, pois isso nos faria sahir dos limites que nos impuzemos.

Passando além da Praia Formosa, encontram-se successivamente : a *Ponta do Boticario*, em frente á ilha das Moças ; o *Sacco do Alferes* com o seu pequeno caés e *ponte do Gambá* outr'ora muito frequentado para a carreira da Igreja de S. Christovão ; a casa de machinas do 2º districto da companhia *City Improvements* ; a *Ponta da Chichorra* e o *Sacco da Gambôa*, onde acaba de construir-se uma extensa ponte e armazens para deposito do café transportado do interior pela estrada de ferro D. Pedro II ; o promontorio da *Saude*, em cuja encosta existe o cemiterio dos protestantes, fundado em 1815, bem como o lazareto e a capella de Nossa Senhora da Saúde, edificada em meados do seculo passado ; e foi da ponta da Saúde

que em 1855 se lançou o cabo submarinho para Mauá, afim de ligar a côrte a Petropolis, primeiro cabo d'essa natureza que funcionou em toda a America Meridional. Toda esta porção da cidade acha-se situada nas abas dos morros de S. Diogo (antigo de Santa Thereza), do Pinto (outr'ora do Nheco), e da Providencia.

Seguem-se as antigas praias do *Vallonguinho* e do *Val-longo*, que constituem hoje os bairros da *Saude* e da *Prainha*, importantissimos pelos seus estaleiros, mercado, escola publica, officinas de fundição, o velho cáes onde desembarcou Duguay-Trouin em 1711, e em 1843, já melhorado e com o nome de *Praça Municipal*, serviu de desembarque á nossa virtuosa Imperatriz actual ; é ainda ahi que existem as docas de D. Pedro II, projecto e obra do engenheiro Rebouças, varios trapiches, a mesa de rendas provinciaes, e as officinas do arsenal de marinha, indo terminar na *ponta de S. Bento*. Toda esta parte é dominada pelos morros do *Livramento*, da *Conceição* e de *S. Bento*; o primeiro coroado com a sua capella em ruinas, o segundo com a capella de S. Francisco da Penitencia, a fortaleza com a fabrica de armas creada pelo conde da Cunha, e a ermida da Conceição de 1634 transformada em palacio episcopal pelo bispo D. Francisco de S. Jeronymo ; e o terceiro com o mosteiro dos Benedictinos, o qual, não obstante o seu fim especial, deu abrigo á academia de marinha logo que foi creada em 1808, tem por vezes servido de quartelamento a varios corpos do exercito, e em 1869 hospedou por alguns dias o bravo marechal Argolo, quando chegou do Paraguay e se dirigia para a Bahia, gravemente ferido na terrivel acção de Itororó.

Da *ponta de S. Bento* ou do *Arsenal de Marinha* a margem volta na direcção de sueste, formando com a ilha

das Cobras um profundo canal de 120 metros na menor largura e 20 de profundidade, que é o caminho ordinario dos navios de grande calado quando buscam approximar-se da alfandega. Ao espaço comprehendido entre essa ponta e a do *Calabouço* ou do *Arsenal de Guerra*, é que se referem as obras hydraulicas do porto, mencionadas no capitulo IV ; e em toda essa extensão de cerca de 1500 metros jaz uma riqueza colossal em edificios publicos e particulares, mercadorias de todos os generos e em enormes quantidades, que alimentam as immensas relações commerciaes do Rio de Janeiro com todos os portos e mercados do universo ; e por esse motivo as casas, armazens, e terrenos d'esse lanço da cidade representam valores de tal sorte elevados, que uma propriedade, por pequena que seja, n'esse local, constitue um patrimonio para quem a possue.

No citado espaço estão situados : os edificios do ministerio da marinha, o caes da praia dos Mineiros, as docas da alfandega, a praça do Mercado com a bacia e rampa de pedra para o seu serviço, o largo do Paço com a igreja do Carmo (em seu principio ermida de Nossa Senhora do O'), a capella Imperial, a antiga casa dos governadores, que muito impropriamente serve de palacio imperial unido ao velho convento dos Carmelitas, que faz frente á praça ajardinada, existindo no segundo andar o salão onde funciona o Instituto Historico e Geographico, como no tempo do vice-rei marquez de Lavradio serviu para as sessões da Academia Scientifica. Na mesma praça nota-se ainda : o chafariz edificado por ordem do dito marquez para o abastecimento dos navios, o palacio da secretaria da agricultura, onde teve lugar a Exposição Nacional de 1876, o caés e ponte de embarque das barcas de vapor de Nitherohy e de Paquetá ; mais além

a praia de D. Manoel, o largo do Moura, onde se acham o quartel, o chafariz e o necroterio, construido em 1874 para exposição dos cadaveres ; terminando essa face com os edificios do arsenal de guerra, que tem sido successivamente forte de S. Tiago, quartel da guarda dos vice-reis, prisão do Calabouço, parque e trem de artilharia, finalmente arsenal do exercito e depositos da intendencia da guerra.

Na ponta do Calabouço começa a *Praia de Santa Luzia*, que corre no rumo de sudoeste, tendo a cavalleiro o morro do Castello, outr'ora de S. Januario, berço da cidade, e que, segundo uma tradição popular, guarda ainda em seu seio o avultadissimo thesouro escondido pelos jesuitas quando foram expulsos para a Italia, no tempo do governaador Gomes Freire. Sobre o dorso d'esse morro estão situados : o hospital militar, a igreja de Santo Ignacio, antigo collegio dos jesuitas, contemporaneo da fundação da cidade e obra dos virtuosos Nobrega e Anchieta ; o convento dos Barbadinhos, que foi a primeira Sé de S. Sebastião, reedificado em 1861, no qual jazem os restos do fundador Estacio de Sá ; o observatorio astronomico, creado em 1846 ; e a velha fortaleza do Castello, que domina grande parte da cidade, construida de taipa em 1572, reformada em 1713 e occupada pela divisão do general Avilez, dois dias depois do memoravel *Fico*, aurora da nossa independencia ; fortaleza hoje desarmada, servindo de estação telegraphica de signaes, da barra para a cidade.

A parte do morro entre a igreja de S. Sebastião e o velho edificio que serviu de laboratorio do exercito foi concedida para cemiterio dos militares pelo Decreto de 10 de Março de 1827, porém tal idéa foi logo abandonada.

Por sua posição e volume, o morro do Castello impede

que as brisas da barra se estendam pela parte mais populosa da cidade, tornando-a mais arejada e sadia; por essa razão ha muitos annos se discute o melhor plano para seu arrasamento, sendo talvez o primeiro que se occupou com esse problema, o sabio bispo Azeredo Coutinho, na notavel obra *Ensaio Economico*, impressa no principio d'este seculo, e depois por Pizarro no tomo 7º cap. 6º das *Memorias Historicas*. Para facilitar a realisação d'essa idéa, o governo tem chegado a conceder vantagens á companhia que se organizar com esse fim, mas as difficuldades que se apresentam têm impedido que vá avante, conforme ficou dito no cap. 4º.

Tirando da ponta do Calabouço uma linha recta para o sul, esta irá ter ao morro da Viuva, e o intervallo que separa esses dois pontos extremos é preenchido pelas *Praias de Santa Luzia*, da *Gloria*, do *Russell*, de *D. Pedro I* e do *Flamengo*. Na primeira d'ellas existiu o antigo matadouro, e actualmente: a escola de medicina, que brevemente tem de ser mudada para local mais proprio, além de Botafogo; o magestoso hospital da Santa Casa de Misericordia, modesta creação do veneravel Anchieta, e que, progredindo com rapidez, actualmente soccorre cerca de dois mil enfermos diariamente, rivalizando em riqueza, ordem e verdadeira caridade com os mais afamados estabelecimentos d'esse genero na Europa, segundo opiniões insuspeitas, corroboradas ainda em 1880 por uma communicação feita á academia franceza pelo Dr. Fort, que aqui veiu em serviço d'essa illustrada corporação; a capella de Santa Luzia, que começou por uma ermida que abrigou os primeiros franciscanos aportados no Rio de Janeiro, em fins do seculo xvi; as *Praias da Ajuda* e *Boqueirão do Passeio*, muito frequentadas pelas familias que ahi vão tomar banhos de mar; o

Passeio Publico com seu aprazivel terraço, o qual, apezar da transformação que soffreu em 1862, recorda a todo o bom fluminense os serviços do vice-rei Luiz de Vasconcellos e do seu auxiliar o habilissimo Valentim, que com quatro annos de assiduo trabalho, de 1779 a 1783, tornaram de um brejo pestilencial, um dos mais apreciaveis sitios da cidade; o convento dos Carmelitas, antigo seminario, que os acolheu quando a côrte portugueza em 1808 lhes usurpou o seu convento do largo do Paço; e finalmente, um pouco mais para o interior, o convento de Santa Thereza, onde descansam os restos do benemerito Gomes Freire, pittoresco edificio assentado sobre o morro do Desterro, hoje de Santa Thereza, coroado de muitos e bellos edificios.

Na segunda praia, da Gloria, nota-se a muralha, caes e praça do Mercado, construidos em 1858, que constituiram um beneficio a esse bairro, o qual ficou com mais uma estrada de communicacão para o centro da cidade; termina a praia no promontorio coberto de arvoredo, em cima do qual

Como um prisma luzente sobre um comoro  
Octogono, branqueia o ledo templo  
Que á Gloria de Maria, outr'ora erguêra  
Devota dextra, arrependida, exsangue;

(*Brasilianas.*)

capella de particular devoção dos vice-reis e das testas coroadas que têm habitado n'esta côrte, especialmente da Santa Imperatriz Leopoldina, que ahi se aprazia de ir fazer suas orações, e á sua padroeira dedicou a princeza primogenita, em 1819, dando-lhe o nome de Maria da Gloria. Muitos viajantes têm celebrado este gracioso e bem situado templo, a que Valsh denomina a *Igreja das*

*Mães* ; os navegantes dedicam-lhe fervoroso culto, ao qual allude o poeta sagrado fr. Francisco de S. Carlos, nas seguintes linhas do poema *Assumpção* :

Aqui nautas virão cumprir o voto,  
Trazendo em hombros o velacho roto ;  
Co'a roupa mal enxuta, inda a-sustados  
Dos euros e escarceos encapellados ;

e o povo do Rio de Janeiro, no dia 15 de Agosto, se dirige em romaria á montanha da Gloria, conduzindo valiosas offeras em signal de gratidão pelo deferimento de humildes supplicas.

Um distincto estrangeiro, D. José Guido, secretario de seu pai o general D. Thomaz Guido, embaixador argentino, em um artigo sob o titulo *Recuerdos del Janeiro*, publicado na *Revista Litteraria de Buenos-Ayres*, de Agosto de 1874, diz ácerca d'esta montanha o seguinte :

« Hay otro monte no menos bello que el Menalo y  
« el Erymanto, aunque en ves de las ficciones con que  
« estos eran celebrados, el del Janeiro sostiene em su  
« estendida meseta la Iglesia de Nuestra Señora de la Gloria.  
« Es como una cesta de flôres á orillas del mar ;  
« pòrque los casarios desparramados desde su base hasta  
« su corona tienen jardines, á veces en forma de pen-  
« siles. »

O illustre escriptor José de Alencar achava singular encanto na capella do Outeiro, e deixou-o consignado em duas de suas obras: na *Luciola*, que começa por uma descripção da grande romaria, e no *Ermitão da Gloria*, onde tenta explicar, como romancista, a lenda da fundação da ermida, por Antonio Caminha, em 1671, a que se refere a passagem ha pouco citada, das *Brasilianas* de Araujo Porto-Alegre. O autor do *Santuário Marianno*, no tomo X, tratando da

imagem do altar-mór d'esta capella, diz, na phrase pittoresca que lhe era peculiar: « *é de tam perfeita esculptura, que parece foi obrada com muito espirito, pois sahio tam formosa que é uma suspensão, e tam agradavel que leva atrás de si os corações e os affectos.* »

Do adro da capella da Gloria descortina-se admiravel vista sobre a bahia e parte da cidade; e, segundo nos informa o Sr. Dr. Moreira de Azevedo no seu precioso *Pequeno Panorama*, houve em 1857 o projecto de erigir-se n'esse adro uma estatua colossal do marquez de Paraná, o apostolo da conciliação dos partidos, projecto que não foi avante pela opposição que lhe fez a mesa administrativa de então.

Em continuação da praia da Gloria encontram-se: a do *Russell*, onde está a casa de desinfectão do 3º districto da companhia *City Improvements*; a de *Pedro I* na extrema do promontorio, e logo após, a do *Flamengo*, muito frequentada pelos seus banhos, apezar de ser ahi muito violento o embate das ondas. Foi n'esta praia que existiu antigamente a aldêa indigena de Uruçumirim, fortificada pelos companheiros de Villegaignon, destruida depois da encarniçada peleja de 20 de Janeiro de 1567; e foi ainda n'ella que se edificou a primeira casa de pedra e cal, onde morou o primeiro juiz do ordinario Pedro Martins Namorado, a qual, affirma o infatigavel Sr. Dr. Mello Moraes na sua *Chronica geral e minuciosa do Brasil*, foi construida pelo proprio Villegaignon, que ahi habitou por algum tempo com o historiador Lery. Esse edificio, conhecido depois por *Casa de Pedra*, figura nos documentos do Tombo da cidade, como servindo de marco no limite sul da sesmaria pertencente ao patrimonio da camara. A principio essa localidade era conhecida por *Praia da Carioca*, porque ahi desemboca o rio d'esse nome, hoje Cattete; chamou-se depois *Praia do Sapateiro Sebastião*



*Gonçalves*, posteriormente *Praia do Sapateiro*, e de 1648 em diante *Praia do Flamengo*, que até agora conserva.

No extremo sul d'essa praia acha-se o promontório conhecido por *Morro da Viuva*, em consequencia de ter pertencido a D. Joaquina, viuva de Joaquim José Gomes de Barros; e na obra que acabamos de citar diz o Sr. Dr. Mello Moraes que esse morro tivéra anteriormente a denominação de *Morro do Lerype*, corrupção do nome de Lery, que durante dois mezes morára na sua vizinhança; bem como nos diz ainda que parte d'esse morro estivera aforado em 1618 pelos religiosos de S. Bento, afim de tirarem d'ahi a pedra para a construcção da sua igreja e convento da cidade. Sobre o morro da Viuva foi levantada em 1863 uma pequena fortificação, e ultimamente uma caixa d'agua para abastecimento dos moradores dos arredores.

O morro da *Viuva* fórma, com outros dois que lhe ficam a sueste (o da *Urca*) e ao sul (o do *Susano*), á distancia de meia milha, um triangulo equilatero, no qual, o primeiro e o segundo abrangem a entrada da *bahia de Botafogo*, outr'ora *Sacco de Francisco Velho*, nome de um bravo companheiro de Estacio de Sá, que, depois de o ajudar a repellir os francezes, se estabeleceu em uma das praias proximas; o primeiro e o terceiro fórman os extremos da praia conhecida propriamente por enseada de *Botafogo*; e o segundo e terceiro limitam a *Praia da Saudade*.

Logo que se vence o morro da Viuva, tem-se em frente a enseada de Botafogo, a risonha, a poetica, a aristocratica, aformoseada pela placidez e côr azul de suas aguas, pelas montanhas que circulam a bacia, pela graciosa curva de sua praia, pela alameda copada que a sombreia, pelos palacetes que bordam a sua face de terra, e ainda pela moldura que lhe fórman as serras do fundo, sobresahindo o

alteroso pico do Corcovado, coroado de alvas nuvens, concorrendo tudo para que seja esse sitio uma das vivendas mais apraziveis, o bairro favorito dos estrangeiros e dos abastados, e um dos mais estimados passeios do Rio de Janeiro. A maior parte dos escriptores que nos têm visitado e muitos dos nossos poetas têm dedicado a essa amena localidade algumas phrases de louvor: Carlos Darwin, o celebre naturalista que ahi morou em 1832, assegura que *é impossivel imaginar uma habitação mais deliciosa*; Ferdinand Denis, Luccock, Purdy, Eubanck e muitos outros, têm igualmente manifestado a sua admiração; o poeta portuguez João de Aboim, descrevendo a sua entrada na nossa bahia em 1851, assim se refere a esse ponto:

À esquerda, tanque azul entre verdura,  
Dormido Botafogo oscilla apenas,  
Como o peito do infante ao somno entregue  
No certo respirar sem magoas tristes.  
Além da Babylonia a serra extensa,  
A corpulenta Gávea aos céos erguida,  
Linda Tijuca donde a lympha pura  
Vem rolando em cachões d'encontro á terra  
E o Corcovado dominando o mundo.

O bellissimo canto epico do nosso poeta Bernardo Guimarães *A bahia de Botafogo*, de que no capitulo III extractamos uma linda pintura do Pão de Assucar, começa por estas mimosas interrogações:

Golfo sereno que no teu regaço  
A fronte espelhas de escavados sérrros,  
E soluçando pelas curvas praias,  
Limpidas ondas preguiçoso estiras:  
Valles sombrios de perenne esmalte,  
Que em caprichosos gyros coleando,  
Vos escondeis nas dobras da montanha  
Entre muralhas de empinadas rochas;

Lindas encostas, comoros viçosos,  
Que o rico manto de verdura e flôres  
Alardeaes á luz de um céu formoso ;  
Negros penhascos, arrojados pincares,  
Que mergulhaes as enrugadas fronte  
De luz dourada em vislumbante pègo ;  
Dizai, não ereis vós mansão querida  
Do Genio, que Deus pôz guardando a entrada  
Das vastas solidões americanas ?  
Não era aqui seu templo ? Estes penedos  
Que se perdem no azul do firmamento,  
Quaes os braços da terra, que estendidos  
Como em solemne prece a Deus se exalção,  
Não erão os altares sacrosantos  
Sobre os quaes a opulenta natureza,  
Que o seio anima ao tópicos fecundo,  
Aos céos erguia as oblações da terra ?

No seculo passado, outro nosso patricio, o conego João Pereira da Silva, no poema *A Estolaida*, querendo indicar a origem do nome d'este encantador lugar, disse em uma estrophe do canto 2º :

Ou por jazer debaixo algum gigante  
Qu'inda chammas vomita exasperado,  
Ou dos relampos pelo assiduo jogo  
Chama-se a curva praia — *Botafogo* ;

mas isso é puro devaneio poetico, pois que é sabido que tal denominação provém de ter sido um dos seus primeiros moradores, em fins do seculo xvi, um João de Souza Botafogo, razão por que era a principio tambem conhecida por *praia do João de Souza*, e posteriormente do *Botafogo*, que, por estar hoje muito arraigada, é provavel que nunca mais o perca. Entretanto, é pena que perdesse o nome primitivo de *Francisco Velho*, que recordaria o valente colono que, em 1566, com cinco canôas tripoladas, pôz em debandada 180 canôas inimigas, sendo n'essa formidavel façanha auxiliado pelo proprio S. Sebastião, padroeiro da

nascente cidade, conforme nos affirmam vários escriptores; facto este que deu origem á *Festa das Canôas*, especie de regata, que se celebrava no dia 20 de Janeiro e que consta haver quem assistisse ainda a uma d'ellas, no anno de 1713. (Vide Nota 11 acima).

Percorrida a todo o momento pelas carruagens da nobreza, pelos cavallos de raça dos amadores, bem como pelas inumeras diligencias conhecidas por *bonds*, que transportam diariamente milhares de passageiros, a graciosa praia tem por vezes presenciado festas esplendidas, em que á formosura das aguas da bacia e ao interessante torneio das regatas se juntam os cambiantes fogos de artificio, produzindo effeitos verdadeiramente phantasticos; e d'entre as mais solemnes d'essas festividades apenas mencionaremos, como as mais brilhantes: a que teve lugar em 1870, a expensas dos habitantes d'esse bairro, em commemoração do triumpho completo do nosso exercito e armada contra o tyranno do Paraguay; a de 1º de Maio de 1877, em obsequio ao heroico general Osorio, que, chegando do Rio-Grande do Sul para tomar assento no senado, se hospedára no hotel Inglez, situado no meio da enseada; e a ultima d'ellas, que difficilmente poderá ser excedida em pompa, no dia 13 de Junho de 1880, encerrando com fecho de ouro a serie de festejos por occasião do terceiro centenario de Camões. E, para dar uma idéa d'ella, seja-nos permittido transcrever algumas linhas do artigo em que o grave *Jornal do Commercio*, de 14, deu noticia aos seus leitores:

« . . . . Era o que se póde imaginar de mais bello, o  
« aspecto da bahia. Se alguem houve n'esta cidade que  
« não foi á festa, reuna na imaginação o que acabamos  
« de descrever rapidamente, as casas e jardins enfeitados,  
« a praia coberta de povo, o mar coalhado de barcos, as

« archibancadas, coretos e pavilhões, moças, flôres, bandeiras, estandartes, galhardetes agitando-se constantemente, as bandas de musica tocando todas ao mesmo tempo, e, como cupola da enseada tranquilla, um céu de limpido azul franjado de ouro, e terá uma imagem imperfeita do esplendido panorama que apresentava hontem a praia de Botafogo.

« . . . . . Á noite o aspecto geral da praia e da bahia tornou-se deslumbrante: as casas estavam illuminadas com extraordinaria variedade, os pavilhões das sociedades resplandeciam semelhando os palacios encantados das fadas; as gondolas cobertas de flôres, de bandeiras, globos luminosos percorriam a bahia, deixando nas aguas largas esteiras de luz; ardiam nas embarcações ancoradas fogos cambiantes; subiam ao ar estrellas de fogos coloridos e rojões estrepitosos; a lua e as estrellas reflectiam-se no mar, e o mar, ardendo em fogo, reflectia-se no céu. Era um espectaculo admiravel e indescriptivel, tal como nunca presenceou esta capital e que a todos deixou maravilhados. »

Antes de nos despedirmos d'esta formosa praia, diremos que, entre os muitos predios nobres que a bordam, sobressahem: o antigo palacete da rainha D. Carlota, na esquina do caminho novo, que, tendo tocado por herança a D. Pedro I, foi, por morte d'este, vendido por 47 contos ao Marquez de Abrantes, que nelle habitou longos annos; o elegante palacete do visconde de Pirapetinga; o do barão de Alegrete; o que foi durante muito tempo collegio Hitchings e actualmente hotel de Inglaterra; o do visconde de Tocantins; e o da familia Duarte, na esquina da rua de Olinda.

Para dar ainda mais importancia á praia de Botafogo, de um ponto d'ella, junto á rua do General Polidoro é que deve começar a estrada de ferro destinada a percorrer a margem

sul da nossa costa, entre a côrte e Angra dos Reis, concedida ao engenheiro C. Morsing pelo Decreto de 24 de Janeiro de 1880.

Quasi no fim da praia desemboca o riacho do Berquó, o qual sendo outr'ora navegado pelos barcos de materiaes que desciam da olaria de S. Clemente, segundo nos diz o Dr. Mello Moraes, está presentemente reduzido a uma valla de esgoto ; e logo adiante d'elle acha-se o *Morro do Suzano*, conhecido tambem por *Morro do Mathias* (por ter pertencido em 1821 a Mathias Francisco Marques), e ainda por algumas pessoas *Morro do Pasmado*, na encosta do qual está a casa de machinas do 6º districto da companhia City Improvements.

A partir do morro do Suzano até ás abas da montanha da Urca, seguindo o rumo les-sueste, corre a enseada á cuja beira se assentou a primitiva cidade, pelo que era conhecida essa localidade por *Villa-Velha* (V. nota 9 acima), e a enseada *porto de Martim Affonso de Souza*, depois *Praia de Santa Cecilia*, *Praia do Suzano* e modernamente *Praia da Saudade*. Toda a área comprehendida entre o mar e as montanhas pertencia á *fazenda do Vigario Geral*, da qual sendo proprietario José Ribeiro Monteiro, foi por elle cedida uma parte á Santa Casa de Misericordia, e mais tarde, em 1846, fez doação do resto a S. M. o Imperador. A primeira porção, que fica mais proxima do morro do Suzano, foi destinada pelo provedor José Clemente Pereira para o hospicio de Pedro II, humanitaria instituição para tratamento dos infelizes loucos, com que foi commemorado o dia da sagração e coroação do actual Monarcha, em 18 de Julho de 1841 ; começada a construção do edificio, segundo o plano do engenheiro Domingos Monteiro, foi inaugurado em Dezembro de 1852,

apresentando um soberbo palacio, digno da capital do Imperio e da augusta memoria que tem de perpetuar.

Á pequena distancia d'elle e no terreno cedido pelo Imperador ergue-se actualmente outro grande edificio, destinado tambem a socorrer desditosos: é o Instituto dos Meninos Cegos, o qual, funcionando em predios improprios e alugados, foi pelo ministro João Alfredo, e a esforços do muito distincto director Dr. Benjamin Constant, dotado com um predio onde se possa dar maior desenvolvimento á educação intellectual e industrial d'esses meninos, minorando sua desventura e tornando-os uteis a si e á sociedade.

No espaço que fica em seguida, foi no dia 12 de Fevereiro d'este anno collocada a pedra fundamental de uma faculdade de medicina, que, dispondo de todos os melhoramentos exigidos pela sciencia, substitua a velha e acanhada dependencia da Misericórdia, na praia de Santa Luzia, em que ainda hoje se lecciona a nobre arte de Hippocrates. Essa faculdade de medicina vai ser o principio de uma Universidade, que, se fôr realizada conforme o projecto que se acha em discussão, deverá absorver os dois grandes edificios do hospicio de Pedro II e do instituto dos cegos, construindo-se em diversa paragem outros para abrigar os infelizes para quem foram aquelles destinados.

No fim da praia do Suzano, fechando a garganta formada pelas montanhas da Babylonia e da Urca, está a fortaleza da praia Vermelha, construida em 1700, reconstruida no tempo dos vice-reis conde da Cunha e Marquez do Lavradio, e que, depois de servir de deposito de recrutase quartel dos allemães engajados em 1850, foi para ella transferida a escola militar em 1857. Desde essa época têm-se augmentado constantemente os edificios, de

modo a poderem ali funcionar todas as aulas praticas e theoreticas que constituem os cursos scientificos do nosso exercito, o qual muito proveito tem tirado de tão util instituição, pois ninguem ignora que na guerra do Paraguay a escola militar adquiriu alto renome pelo brilhante procedimento que lá tiveram todos os seus alumnos, officiaes e praças do batalhão de engenheiros.

Da extremidade da praia do Suzano em diante, o costão da Urca toma a principio o rumo do norte e depois o de nordeste, apresentando em uma reentrancia a *prainha da Pedreira*; e, vencendo o resto do costão, chega-se ao pequeno *porto de S. João*, em cuja varzea adjacente que-rem alguns que tivesse Estacio de Sá lançado os fundamentos da cidade de S. Sebastião. Toda essa varzea limitada pelas montanhas era a chacara do Nazareth, comprada pelo ministro da guerra Bellegarde pela quantia de 25 contos de réis; e em 1 de Maio de 1855 effectuouse ahi a inauguração solemne da escola de applicação do exercito, que dois annos mais tarde foi transferida para a praia Vermelha, onde ainda se acha com a denominação de Escola Militar, e da qual acabamos de tratar. Em 1865 pelo ministro da guerra Ferraz foi creado e ahi estabelecido o deposito de aprendizes artilheiros, que continúa a occupar os edificios, tendo um d'elles servido de prisão aos coroneis orientaes Salvanães aprisionados na Uruguayana, e um outro posteriormente alojou, durante cerca de dois annos, o bispo de Pernambuco D. Vital de Oliveira, victima de sua intolerancia religiosá.

Encostado á montanha da Urca, em uma ponta que olha para fóra da barra, jaz o celebrado *Pão de Assucar*, ácerca do qual alguma cousa ficou dito no capitulo 3º; entretanto, para não passar agora por elle sem prestar-lhe attenção, contaremos que houve tempo em que se julgava ser elle



inaccessível, até que, em 1817, um inglez, subindo por seu dorso, foi plantar-lhe no cume uma bandeira de sua nação; mas esta poucos dias ali campeou, por ter sido arrancada por um soldado que, por este feito, ganhou a sua baixa, conforme lhe haviam promettido. Depois d'essas, algumas rarissimas ascensões foram realizadas por audazes viajantes; porém hoje, que cousas mais sérias estão desprestigiadas, pouco merito tem tal operação, desmoralizada pelos alumnos da escola militar, os quaes exercitando-se em escalar posições difficeis, foram-se acostumando a subir pelo Pão de Assucar, a ponto de ser isso agora uma empreza facil, se bem que um tanto arriscada a produzir um banho salgado ou algumas excoxiações na pelle.

Dizem que o nome de *Urca*, conferido á montanha proxima, se origina de terem os primeiros habitantes achado alguma semelhança entre as duas montanhas unidas e um animal gigantesco; não sabemos se isso merece credito, mas o que é verdade é que, observadas á noite da praia de Botafogo, que lhe fica fronteira, a figura projectada no horizonte apresenta o desenho quasi perfeito, não de uma *Urca*, mas de um coelho de grandeza colossal, em que o Pão de Assucar representa a cabeça com as orelhas erectas e unidas, e a outra montanha mais baixa e arredondada o corpo encolhido.

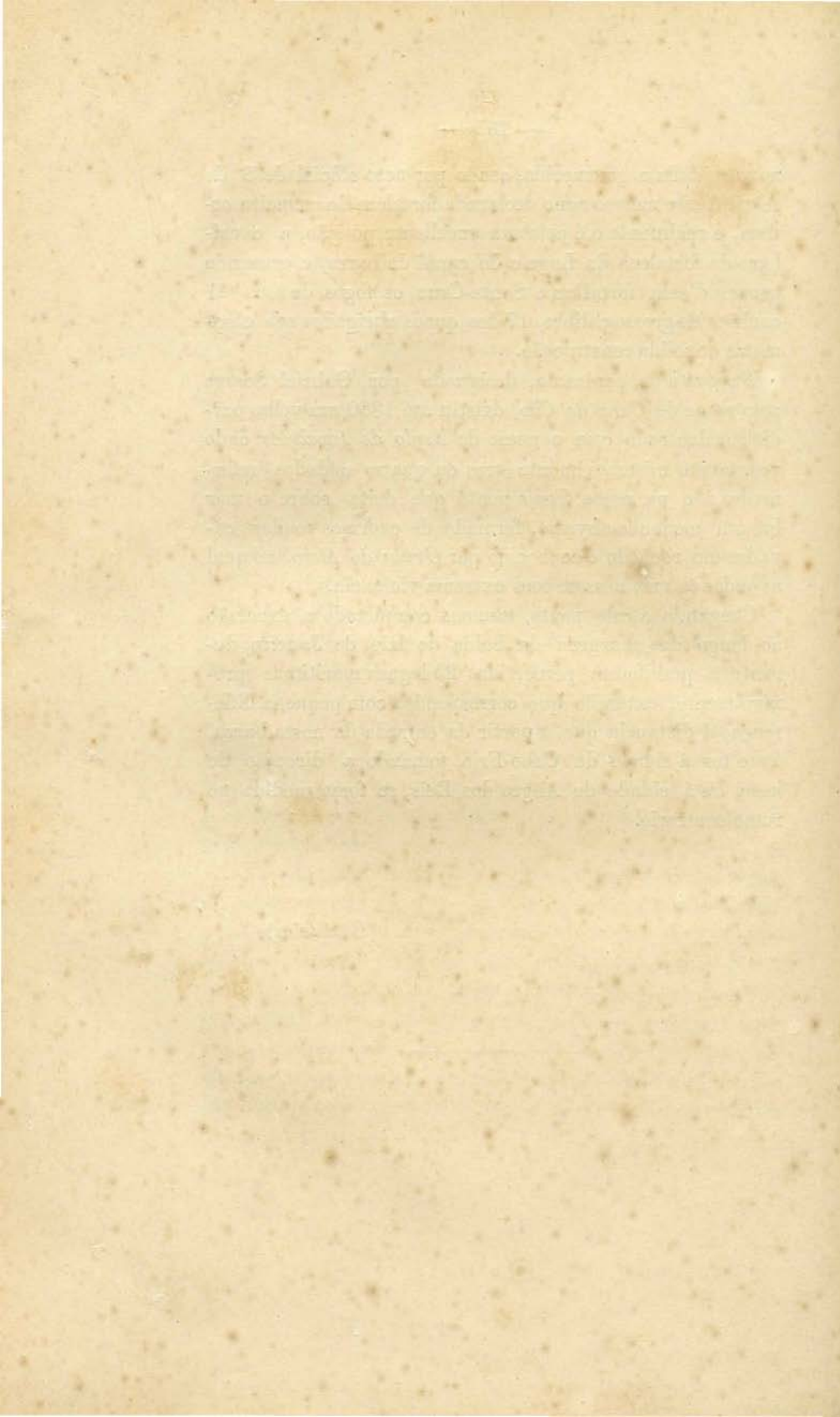
Além da praia de S. João está a península montanhosa do mesmo nome, em cuja face de sudoeste acham-se a capella e alojamentos dos aprendizes artilheiros; na de noroeste o pequeno *porto do Cipó*, junto á barranca; e nas de norte e nordeste, na parte superior, estão as baterias dos antigos fortes de S. José, S. Martinho e de S. Theodosio, reconstruidos pelos vice-reis, desarmados pela regencia e abandonados por todos os governos que se lhe seguiram, até que em 1863 com o conflicto Christie foi de

novo cuidada e guarnecida, sendo por acto official de 8 de Abril d'esse mesmo anno declarada fortaleza de primeira ordem, e realmente o é pela sua excellente posição, a cavalleiro da fortaleza da Lage e do canal da barra, e cruzando com os d'essa fortaleza e Santa-Cruz os fogos de seus 41 canhões de grosso calibre, 17 dos quaes abrigados sob casamatas de solida construcção.

Na ponta da península, designada por Gabriel Soares pelo nome de *Cara de Cão*, existiu até 1860 um velho par-dieiro, decorado com o nome de *Asylo de Invalidos*, onde vegetavam miseravelmente tres ou quatro soldados reformados; e na parte d'essa ponta que deita sobre o mar ha um medonho abysmo, formado de enormes fendas cavadas no rochedo e conhecido por *Gruta do Mero*, no qual as ondas se arremessam com extrema violencia.

Chegando a este ponto, teremos completado a excursão ao longo das margens da bahia do Rio de Janeiro, durante a qual foram percorridas 25 leguas maritimas proxivamente, extensão que corresponde, com pequena differença, á distancia que, a partir da entrada da nossa barra, fosse ter á cidade de Cabo-Frio, tomando a direcção de leste, ou á cidade de Angra dos Reis, se fosse medida no rumo contrario.

(Continúa.)



# A BAHIA

DO

## RIO DE JANEIRO

SUA HISTORIA E DESCRIÇÃO DE SUAS RIQUEZAS

POR

**AUGUSTO FAUSTO de SOUZA**

Bacharel em Sciencias Mathematicas e Physicas, Major do Corpo de Estado Maior de Artilharia e Membro do Instituto Historico e Geographico do Brazil.

---

(Continuação da pag. 155 do tomo XLIV, parte II)

VIII

### HOMENAGEM PRESTADA POR ESCRIPTORES ESTRANGEIROS

Na transcripção dos excerptos, n'este e no seguinte capitulos, não segui classificação de data, de inicial ou de qualquer outra natureza; vão dispostos na ordem em que os fui obtendo. No fim achar-se-ha um indice alphabetico de todos os escriptores citados na presente obra e que concorreram de qualquer modo para a parte mais interessante d'ella.

Do 1º governador geral Thomé de Souza. *Carta a El-Rei D. João III em 1555.*

Mando o debuxo d'elle (Rio de Janeiro) a Vossa Alteza; mas tudo é graça o que d'elle se póde dizer, senão que pinte quem quizer e como deseje um rio, isso tem este de Janeiro.

Do padre Fernam Cardim. *Carta escripta em 1590.*

Dentro da barra tem uma bahia, que bem parece que a pintou o Supremo Pintor e Architecto do mundo, Deus Nosso Senhor; e assim é formosissima e a mais aprazivel que ha em todo o Brasil, nem lhe chega a vista do Mondego e Tejo; é tão capaz que terá 20 leguas em roda, cheia pelo meio de muitas ilhas frescas, de grandes arvo-redos, e não impedem a vista umas ás outras.

Do padre Simão de Vasconcellos. *Noticias curiosas do Brasil em 1668.*

Entre o promontorio de Cabo-Frio e a Ilha-Grande corre um pedaço da America, dos mais notaveis que formou a natureza; porque, no meio d'estes dous extremos, parece tomou á sua conta a mesma natureza industriosa sahir com um tal sitio, que igualmente fosse inexpugnavel a inimigos, seguro a amigos e proveitoso a todos os viventes. Consta este de uma bahia e de um reconcavo, e tem por nome Rio de Janeiro.

De Gabriel Soares. *Tratado descriptivo do Brasil, 1587, cap. LI.*

É tamanha cousa o Rio de Janeiro da boca para dentro, que nos obriga a gastar o tempo em o declarar n'este logar, para que se veja como é capaz de se fazer mais conta d'elle do que se faz. (Segue uma longa descripção.)

Do navegante francez Bougainville. *Voyage autour du monde, 1767.*

A vista d'esta bahia causará sempre o mais vivo prazer aos viajantes. Nada é mais rico do que o aspecto das paizagens que se apresentam de todos os lados; e nós teriamos a maior satisfação se pudessemos gozar por algum tempo d'esses encantos.

Do celebre capitão inglez Cook. *Viagem de circumnavegação em 1768.*

O Rio de Janeiro é uma optima estação para escala dos navios ; a bahia é segura e commoda, o clima é bom, ainda que quente, e eu nunca vi, como ahi, tanta variedade de peixes, para cuja pesca o sitio é muito apropriado.

Do poeta Evaristo Parny (*o Tibullo Francez*). *Carta a seu irmão em 1775.*

A entrada da bahia do Rio de Janeiro offerece o mais sublime e o mais agradável espectaculo : fortes, trincheiras, baterias, montanhas, collinas cobertas de bananeiras e larangeiras, lindas casas de campo dispersas sobre essas collinas, etc.

Do historiador inglez Roberto Southey. *Historia do Brasil*, tom. VI, cap. XLIV.

A meio caminho entre a Europa e a India, e com a Africa defronte, é a posição do Rio de Janeiro a melhor que para o commercio geral se podia desejar ; com um dos mais amplos, commodos e bellos portos, sem nada faltar além d'essa liberdade de commercio e affluencia de capitaes que se seguiram á vinda da côrte. Revoluções locaes privaram Alexandria e Constantinopla d'essa importancia que as suas situações antigamente lhes asseguravam e que entrára nas vistas de seus grandes fundadores ; mas seria mister que todo o mundo civilisado tornasse a barbarisar-se, para que o Rio de Janeiro deixasse de ser uma das mais importantes posições do globo.

Do principe Maximiliano de Neuwied. *Viagem ao Brasil em 1817* cap. 1.

Ancorámos ao anoitecer na embocadura da bahia, cuja entrada é imponente e muito pittoresca. No fundo, onde a grande porção de navios nos fez suppôr que estava a cidade,

um espectáculo verdadeiramente magnifico nos surpreendeu no meio da noite: era o de um bello fogo de artificio. Esperámos com impaciencia o dia seguinte, e, logo que rompeu a madrugada, favorecidos por brando vento, e animados de geral alegria, seguimos para o porto, que, semeado de muitas e lindas ilhas, é o mais bello e o mais seguro do Novo-Mundo.

De Dumont d'Urville. *Voyage autour du monde.*

Emquanto esperavamos o piloto, gozámos do mais bello ponto de vista que é possível existir debaixo do céo. Figure-se um vasto lago salgado, que vai-se prolongando e alargando em uma extensão de 10 milhas; imagine-se, com o auxilio do maravilhoso, o valle o mais pittoresco, a bahia a mais segura, a mais forte estação militar, sob um céo sempre sereno, no meio de arvores sempre virentes, e far-se-ha uma idéa do magnifico conjuncto que eu tinha diante dos olhos.

De Ferdinand Denis. *Le Brésil.*

A magnifica bahia do Rio de Janeiro tem sido citada pelos viajantes como uma das maravilhas do mundo. É conhecido o proverbio que recorda as bellezas de Sevilha, e o que os italianos repetem á vista do golfo de Nápoles; mas quem vê a cidade do Rio de Janeiro desenvolvendo-se magestosamente pela beira do mar, seguindo os contornos da bahia, fica tentado de repetir os adagios hespanhol e italiano. A natureza, formando a bahia do Rio de Janeiro, parece ter reunido todas as fórmulas felizes que se podem alliar em uma paizagem.

Do almirante barão de Roussin. *Le Pilote du Brésil.*

A bahia do Rio de Janeiro é muito espaçosa e uma das

mais magnificas do universo. Estende-se em diversas direcções, entre montanhas de magestosa elevação, cobertas da mais rica vegetação, e cuja base é occupada por numerosas quintas. Plantações de toda a especie, casas de campo elegantes, e rodeadas de arvores, muitas ilhas igualmente arborisadas e habitadas ornam e variam a superficie e as costas d'este pequeno Mediterraneo; e não ha sobre o globo mais bella vivenda e de aspecto ao mesmo tempo mais imponente e aprazivel.

Do Capitão L. Freycinet. *Voyage de l'Uranie*, 1<sup>o</sup>.

A extensão e a belleza da bahia do Rio de Janeiro, a multiplicidade e excellencia de seus ancoradouros, admiram quasi tanto os navegantes, como a riqueza da vegetação e a abundancia dos refrescos que ali são encontrados.

Do historiador Alphonse de Beauchamp. *Historia do Brasil*, livros VIII e X.

Approximando-se d'esse estreito, unica entrada da magnifica enseada, Villegaignon vê apresentar-se a seus olhos a mais esplendida perspectiva; uma immensa superficie d'agua que se alarga gradualmente no interior de um risinho prado, limitado por montanhas sempre magestosas, ou porque seus cumes se escondem nas nuvens, ou porque tomam a côr azul e purpura pelo brilhante reflexo do sol dos tropicos.

Mem de Sá escolhe para séde da cidade uma bella planicie cercada de soberbos bosques e variadas montanhas; a feliz situação do seu porto, preservado dos ventos tempestuosos, e onde os navios fundeam com segurança, deviam, em pouco tempo, eleva-la a uma das principaes estações navaes do globo.



De Jacques Arago. *D'un à l'autre pôle*, Cap. 15°.

A esplendida bahia do Rio de Janeiro recorda tudo o que a imaginação dos poetas e dos pintores tem sonhado de mais bello, de mais encantador, de mais magico, de mais deslumbrante.

*Les deux Océans*, 1854.

Pela 3.<sup>a</sup> vez te saúdo, ó Rio de Janeiro! Em pé sobre o convez, com o pescoço estendido, como si Deus me houvera restituído a luz dos olhos, eu via sahir das aguas o *Gigante deitado*, tão pittoresco e tão felizmente talhado para guia dos navegantes. Sim! eu vejo a fronte bourbonnica, o largo peito, a curva das pernas e o pé que indica a entrada da bahia.

Não ha duvida: é sempre, o meu bello Brasil, robusto como ha 30 annos, ornado como ha dous seculos, joven como no dia da sua creação.

Nasce o dia; reconheço-o pelo entusiasmo d'aquelles que, entre nós, não tinham ainda visto a esplendida bahia. . . Saúdo todos estes esplendores com a mão e com o pensamento.

De Augusto de Saint-Hilaire. 1.<sup>o</sup> *Viagem ao Brasil*, I, 52, 2.<sup>o</sup> *Viag. ao Districto Dicmantino*, I, 294.

Quem poderá traçar as bellezas que apresenta a bahia do Rio de Janeiro, bahia que, na phrase de um de nossos mais instruidos almirantes, póde conter todos os portos da Europa? Quem poderá pintar as ilhas de que ella é semeada, tão differentes entre si, essa multidão de angras que ornam seus contornos, essas montanhas magestosas que a bordam, essa vegetação tão rica e variada que embelleza suas margens?

Depois de uma viagem de 15 mezes, tive finalmente a

ventura de tornar a vêr o Rio de Janeiro (17 Março 1818), esta cidade cuja posição será sempre para o estrangeiro o objecto da mais viva admiração, e cujo porto, conforme diz o judicioso Southey, é um dos mais vastos, dos mais commodos e dos mais bellos do universo.

Do geologo Alcide d'Orbigny. *Voyage à l'Amérique Meridionale.*  
Tomo I.

Ao sul se via a montanha da Gavea, e não longe d'ella o famoso Pão d'Assucar, cuja fórma contrasta com as cristas dos montes vizinhos, todas ellas dominadas pelo Corcovado, coberto de bosque azul escuro. Um ar embalsamado com o perfume de mil flôres chegava até nós. Eu gozava de uma ventura perfeita, e á medida que os objectos se desenhavam melhor á minha vista, eu rompia em exclamações sobre a belleza d'este paiz. Entrámos, emfim, na garganta, passámos entre duas fortalezas e nos achámos n'essa immensa enseada, uma das mais bellas do globo. Emoções indefiniveis se apoderavam de mim; meu coração transbordava, e eu sentia vivamente não poder communicar aos outros os diversos sentimentos que me agitavam. Eu ia finalmente pizar esta terra tão desejada, e de que desde a infancia havia sonhado com a sua exploração e estudo.

Do General Garibaldi. *Memorias publicadas por Alex. Dumas.*  
Cap. 7.

Si é poeta o que fica extatico e em contemplação diante da bahia do Rio de Janeiro, de Napoles ou de Constantinopla, affoutamente asseguro que sou poeta. Quando, depois de ter admirado as rochas graniticas que occultam o porto que os indios em sua expressiva linguagem chamam *Nictheroy* (agoa escondida), depois de vencer o caminho que conduz á sua bahia tranquilla como um lago, e sobre

a sua margem occidental ir elevar-se a cidade dominada pelo Pão d'Assucar, immenso cone granítico que serve de guia e de apoio aos navegantes; quando vi em torno de mim aquella esplendida natureza, de que a Africa e a Asia dão incompleta idéa, fiquei verdadeiramente maravilhado do espectáculo que se apresentava á minha vista.

De Camillo Leynadier. *Memorias de Garibaldi*. Tomo 1.

Chegando ao Rio de Janeiro, encantado por essa natureza luxuosa do solo americano, onde tudo é gigantesco, rios, lagos, montanhas, valles, florestas, tudo, excepto os homens, Garibaldi ficou alguns dias em contemplação, sob o encanto d'essas maravilhas da creação, de que não vira cousa igual na Europa, nem na Africa e na Asia.

De Fourcy de Bremoy. *Souvenirs d'un français dans les deux mondes*.

Nada iguala á magestade do ponto de vista que se offerece aos olhos do navegante que entra na bahia do Rio de Janeiro, sem duvida a mais bella do mundo; na qual as ondas do Atlantico, espraçando-se como em uma vasta bacia, formam um outro mar mais tranquillo, e no fundo altas montanhas azuladas, lançando suas agudas pontas para o céo o mais puro compoem a cortina d'esta paizagem magica e imponente. E, se o viajante se extasia vendo de longe este panorama gigantesco, não o ficará menos, contemplando o interior do quadro que ahi se encerra. No meio d'estas ondas, que reflectem sempre o ouro e o azul dos céos, os olhos descobrem uma multidão de ilhas, cujas margens encantadoras parecem realisar as ficções dos jardins de Armida.

Do Dr. Gardner, Director dos Reaes Jardins de Ceylão. *Travels in the interior of Brazil.*

É totalmente impossivel exprimir a sensação que se apodera do observador quando avista a encantadora paisagem que se descobre ao penetrar no porto do Rio de Janeiro; paisagem que não tem, talvez, rival em toda a face da terra, e na formação da qual, parece ter a natureza esgotado toda a sua energia. Depois de que ahi estive (em 1836) tenho visitado muitos sitios celebrados por sua formosura e grandeza, mas nenhum d'elles deixou impressão tão profunda em minha memoria.

Á grande distancia, para dentro da bahia, vê-se uma multidão de ilhas adornadas de verdes coqueiros, ao passo que os elevados cimos dos montes que a circundam, durados pelos raios do sol, formam apropriada moldura a este quadro.

Do Rev. Daniel Kidder. *Sketches and travels in Brazil.* 1845.

Tranquillamente encerrada em um circulo de montanhas, jaz a magnifica bahia de Nictheroy ou da *agoa escondida*.

A primeira vez que um individuo entra n'essa bahia, deve marcar uma era na sua existencia, porque é preciso ser completamente insensivel para não apreciar tão sublime espectaculo, no qual se manifesta a belleza e a variedade da natureza, bem como a elevada concepção do poder e grandeza do Creador.

De Etienne Ledoux. *L'Amérique Septentrionale et Meridionale.*

A chegada ao Rio de Janeiro por mar offerece bellezas de uma ordem imponente. De cada lado da bahia elevam-se rochedos gigantescos conhecidos por *Dous Irmãos, Papagaio*, etc., e mais ao longe o *Corcovado*, d'onde se goza um

soberbo panorama. Mais para dentro, os montes se abai-xam gradualmente, mostrando lindas habitações sombreadas por arvoredos; mais além ilhas encantadoras, entre outras a de Coligny, da qual se avista parte da bahia e a serra dos Orgãos, semelhante aos Alpes da Suíça; numerosos navios fundeados, outros entrando ou sahindo, de velas desfraldadas e saudando os fortes com sua artilharia. Nenhum outro porto da America está tão bem situado para o commercio, em relação aos outros pontos do globo.

Do Abbade Raynal. *Hist. philos. des établis. des deux Indes.* Tomo V.

O Rio é um dos mais bellos portos conhecidos. Navios de todas as lotações ahí entram facilmente, desde as dez horas ou meio dia até á noite, impellidos por uma brisa regular e moderada. Vasto, seguro e commodo, seu fundo excellente de vasa, tem por toda a parte cinco ou seis braças d'agua. É o grande emporio das riquezas que vão do Brasil a Portugal, e o porto onde ancoram as mais bellas frotas, destinadas ao abastecimento d'esta parte do Novo Mundo.

De João Baptista Debret. *Voyage pittoresque au Brésil.* Tom. II.

O Rio de Janeiro é o principal entreposto do commercio do Brasil. Admitte-se geralmente que, para o commercio, seu porto é, de todos os da America, o melhor situado; o passa com razão por uma das primeiras estações navaes, em virtude da segurança e outras vantagens que ahí encontram os navios e as esquadras.

De John Luccock. *Notes on Rio de Janeiro from 1808 to 1818.*

O estrangeiro, que, sem cuidado ou preocupação, entrar no porto do Rio de Janeiro, experimentará sempre o maior prazer.

A combinação de varias côres, que fulgem á luz do sol, espalhando diferentes matizes pela rica vegetação que cobre os montes e varzeas, alliando-se á alvura da capellinha que corôa esta ou aquella crista, formam um dos mais bellos panoramas que a imaginação pôde conceber.

É impossivel á penna e ao pincel descrever ou imitar scenas tão encantadoras ; e juizes competentes compararam a belleza de algumas de suas enseadas com a de Sydney, na Nova-Hollanda, e com a de outra formosissima paisagem existente perto de Creta, na Asia-Menor.

De D. José Marmol, insigne poeta platino. *Carteira de viagem em*  
1815.

A terra, que tem o cruzeiro por corôa, é o *rendez-vous* das graças da natureza com os affectos do coração humano ; e o Rio de Janeiro, paiz privilegiado pela mão de Deus, com a cópia dos panoramas do seu paraizo encantado, é a gruta phantastica do jardim tropical. Da altura em que me achava, offereciam-se a meus olhos, de um lado a cidade, do outro a bahia, a sem igual bahia do Janeiro, com suas ilhas pittorescas, e, sobre suas aguas adormecidas, centenaes de navios.

De Charles Ribeyrolles. *Brasil Pittoresco*. Tom. II, cap. II.

Geographos, historiadores, viajantes, artistas, todos quantos vagam e deliram, deixaram aqui seus hymnos sobre as bellezas interiores, sobre as praias indolentes e encantadas, sobre as magnificas profundezas d'esta bahia.

Os imperadores romanos despendiam outr'ora milhões aos centos para excavar um circo-bacia para as suas nau-machias. Brinquedos de criança, que eram todos esses trabalhos estereis e gigantescos. Todos esses circos de Roma, incluido o *maximus*, accominodar-se-hiam em um cantinho

d'esta bahia ; e as esquadras do mundo inteiro poderiam fazer n'ella suas evoluções sem se abalroarem os navios, nem baterem em alguma ilhota.

Do professor Malte-Brun. *Traité de Géographie*. Tom. vi.

A provincia do Rio de Janeiro tira o nome do magnifico porto de sua capital. Poucos sitios no mundo igualam á belleza d'esta vasta bacia, cujas aguas tranquillias reflectem de todos os lados uma mistura de rochedos elevados, florestas espessas, casas e templos.

De Hypolito Taunay. *Notice du panorama de Rio de Janeiro*.

O porto do Rio está tão favoravelmente situado, que os navios que vão da Europa ao mar do Sul ou ás Indias o encontram no caminho á meia viagem, e ahi podem renovar suas provisões esgotadas ou avariadas; por isso muitos viajantes que o têm visitado, como Cook, Bougainville e Lapeyrouse o distinguem entre os mais celebres. Todos são unanimes em elogiar com expressões pomposas esta vasta bahia, cercada de montanhas pittorescas por suas fórmas variadas e pela brilhante verdura que as reveste.

Do chefe de esquadra Eugenio Rodriguez. *Descrizione del viaggio della flota di Napoli*, 1843.

Ao penetrar na boca da bahia, um quadro, que em vão eu procuraria descrever, desenvolveu a sua tela magica. A bahia estendia placidamente seu largo seio, de que os nossos olhos não podiam descobrir os limites, pelo grande numero de ilhas que occultam aquelle espaço. Este eden apparente contrastava com a aspereza dos rochedos que se elevavam sobre as aguas, e que parecem ahi collocados pela natureza para tornar mais notavel o contraste... A natureza formou a bahia do Rio de Janeiro com as fórmas as mais artisticas, a ponto tal que não poderá ser imaginada por quem não a viu.

Do Rev. R. Walsh. *Notices of Brazil in 1828—1829.*

Nada pôde exceder á belleza do logar em que nos achámos na manhã seguinte, quando a claridade permittiu distinguir os objectos. Eu muito ouvira elogiar sua formosura, mas a realidade excedeu á idéa que eu havia formado. Não se pôde comparal-a á de Constantinopla, pois que são diversos os caracteres de ambas; é certo, porém, que aquella vence a esta na extensão, na magestade e no pittoresco. Provavelmente será algum dia o grande emporio de um paiz magnifico, destinado pela natureza a ser, cedo ou tarde, o mercado do universo.

De William Hadfield. *Brazil, the River Plate, cap. IX.*

Pela segunda vez entrei no Rio de Janeiro á noite, perdendo assim o ensejo de apreciar a proverbial formosura de suas circumvizinhanças. Poucos sitios do Novo-Mundo devem tanto á natureza; todas as combinações possiveis de vistas estão incluídas em tão magnifica perspectiva. A bahia é uma das mais bellas do mundo, e é tão segura que não se precisa de piloto para entrar e sahir, quer de dia quer de noite, pois não existe obstaculo que não possa ser evitado com facilidade.

Do illustre naturalista Carlos Darwin. *Viagem de um naturalista, 1831—1836.*

Que vista encantadora logo que se passa as collinas que encobrem a Praia-Grande! Que esplendidas côres! Que magnifica tinta azul! Como o céu e as aguas calmas da bahia parece disputarem qual eclipsará o esplendor um do outro!

Durante minha demora no Rio de Janeiro, eu habitei uma pequena casa de campo na enseada de Botafogo. É impossivel idear nada mais delicioso do que esta vivenda de algumas semanas em tão admiravel localidade.



De John Mawe. *Viagem ao interior do Brasil*, em 1809.

Nenhuma outra colonia dispõe de um porto tão bem situado como o do Rio de Janeiro, quer para o commercio com todas as partes do mundo, quer para a communicacão com a Europa, a America, a Africa, as Indias Orientaes e as ilhas do Grande-Oceano. Esse porto parece cavado pela natureza para formar o élo que deve unir o commercio de todas as grandes divisões do globo entre si.

De Maurice Rugendas. *Voyage pittoresque au Brésil*, I--16 e II-- 3.

Talvez não exista em todo o universo senão o Rio de Janeiro, que offereça em suas paizagens bellezas tão numerosas e variadas, tanto na fórma grandiosa das montanhas, como em relação aos contornos das margens. Pela multidão de suas enseadas e de seus promontorios, reproduz-se uma variedade infinita de pontos de vista para a cidade, para as montanhas, para a bahia e suas ilhas, e até para o alto mar.

O Rio de Janeiro é, sob muitas relações, um dos pontos mais interessantes do Novo-Mundo; é o mais bello porto da terra, situado em um paiz que produz tudo o que é reclamado pelas necessidades physicas do homem, tudo o que o Estado póde pedir á natureza como condição de sua prosperidade. Examinando a posição da bahia sobre a carta, custa a comprehender como os primeiros conquistadores do paiz não o preferiram para estabelecerem-se n'elle, sendo necessario que um povo estrangeiro lhes advertisse sobre a importancia de tal posição.

De John Purdy. *The Brazilian navigator*.

A bahia, ou antes golfo do Rio de Janeiro, é muito espacosa e uma das mais esplendidas do universo. Mede tres a

quatro leguas em diferentes direcções, entre montes de magestosa elevação e coroados de rica verdura, terminando em doces declives, nos quaes assentam numerosas habitações. Plantações de todas as especies, formosas quintas rodeadas de arvoredo, multidão de ilhas cobertas de bosques adornam e diversificam a superficie e as margens d'este pequeno Mediterraneo; e não ha no globo residencia mais aprazivel, nem de aspecto mais bello e imponente.

Do distincto hydrographo Mouchez. *Les Côtes du Brésil.*

Não ha livro algum que, tratando do Brasil, não pague um justo tributo de elogios á belleza da bahia do Rio de Janeiro. Em relação á segurança do ancoradouro, extensão, aspecto pittoresco e facilidade de communicações, é com effeito uma das mais bellas que se conhece, em todas as estações; com rarissimas excepções, os menores barcos podem transitar sem perigo em qualquer direcção; em caso nenhum a correnteza é bastante rapida, nem o mar muito grosso para os embarçar.

Entrando por S. E. ou por S. O. goza-se a vista da singular apparencia do *gigante deitado*, que tão vivamente impressionou os primeiros navegantes. A cabeça, especialmente, com seu perfil bourbonico, é perfeitamente desenhada pelas montanhas da Gavea, sendo os pés figurados pelo Pão d'Assucar.

Do Conselheiro José Feliciano de Castilho; poesia *A mão de Deus*, ao entrar no Rio de Janeiro em 1847.

Esta, dissereis, magestosa entrada  
Do emporio do mundo!... Aqui se ostenta:  
O que era tenue arbusto em longes terras,  
arvore bryarêo fendendo as nuvens.  
A pedra, que ao pastor fôra na Europa  
humilde assento donde o fato olhasse,

eil-a ahi, em pyramide trocada,  
mole, ingente, titanea! Em tenue oiteiro  
houvereis visto lá, suave arroyo  
na encosta mansamente espreguiçar-se;  
aqui tornado caudaloso rio,  
ou lago, ou cataracta, ou mar sem termo.  
Além, ambito estreito encerra um porto,  
um banco, uns grãos d'arèa, á flôr das aguas...  
aqui, nem pôsso o circulo que abraça  
trezentas ilhas, alcançar vaidosas!

Este, dissereis, o áddito pomposo  
do emporio do mundo. Á frente avançam  
sentinellas perdidas, temerosos  
gigantes de granito: os olhos, d'elles  
se inclinam para olhar abaixo, abaixo,  
aereas regiões, onde as procellas  
se geram, se desatam, se embravecem.

De Thomaz Ewbanek. *Life in Brazil*. Cap. 5.

A bahia do Rio é um dos mais seguros e bellos portos, apresentando a melhor disposição que é possível formar com o auxilio das aguas. Tem cem milhas de circumferencia; é cavada no granito e cercada de montanhas com os cimos adornados de perpetua verdura; e, se não fôsse a abertura pela qual entrámos, dir-se-hia um lago hermeticamente fechado. Está salpicada por setenta ilhas, entre grandes e pequenas, algumas das quaes merecem o nome de ilhas dos Bemaventurados, por serem dignas de figurar como moradas d'aquelles espiritos virtuosos, que habitavam as encantadas margens do Mundo Occidental.

De La Baumelle. *L'Empire du Brésil*, 1823.

A importancia do Rio de Janeiro faz d'elle o centro das relações de uma immensa região.

Do illustre naturalista Agassiz. *Voyage au Brésil*. 26 e 46.

Para o porto do Rio de Janeiro se tem dirigido de preferencia a maior parte das expedições scientificas, e por isso o naturalista encontra n'elle um interesse particular.

Hontem (23 de Abril—1865) tivemos, ao despertar, a agradavel noticia de estarem á vista as montanhas dos Orgãos. . . A paizagem foi-se tornando cada vez mais grandiosa, á medida que nos approximavamos da bahia, guardada de cada lado por altos rochedos de sentinella. Apenas transpuzemos o estreito portico formado por elles, desenvolveu-se a immensa bahia, estendendo-se para o norte a mais de vinte milhas, semelhando-se antes a um lago encerrado entre as montanhas, do que uma curva do oceano. . .

Se não estivesse atráz de nós a estreita porta atravez da qual avistavamos o alto mar, os navios fundeados e o constante movimento de embarcações que entram ou sahem, supporiamos navegar sobre uma superficie immensa e tranquilla de aguas interiores.

Dos dous sabios naturalistas João Baptista Spix e C. F. Phil. de Martius. *Travels in Brazil*, 1817-20, I, 122.

Com um dia sereno e vento favoravel, passámos o promontorio do Cabo Frio, e pouco depois avistavamos ao longe a nobre entrada da bahia do Rio de Janeiro. Rochedos alcantilados; figurando duas portadas, elevam-se perpendicularmente á direita e á esquerda da barra, sendo o do sul o Pão de Assucar, o bem conhecido guia dos navegantes desde longa distancia. Perto do meio dia, navegando entre os dous colossos de pedra, nos approximámos do encantador panorama que apresenta um enorme amphitheatro circumscrevendo um lago tranquillo como um espelho, dentro do qual estão disseminadas muitas ilhas floridas, com as praias orladas de bosques, e ao longe cadêas de montanhas,

formando o conjuncto um verdadeiro paraíso de pompa e de magnificência.

Emquanto a fortaleza de Santa Cruz annunciava para a cidade a nossa chegada, singravamos para o interior, e nossos olhos se extasiavam com a formosura, variedade e esplendor, que excedem em muito a tudo o que n'este genero havíamos visto até então.

Dos autores da *Encyclopædia Britannica*.

Todos os viajantes são concordes em exaltar a grandeza surprehendente e a formosura da magestosa bahia do Rio de Janeiro. A estreita embocadura fórma uma barreira de granito, tão atrevida que parece uma brecha feita na serra, e provavelmente os primeiros navegadores passaram junto a ella sem suporem que ali dentro houvesse um lago de tão immensas proporções. Completamente fechada pelo lado de terra e protegida dos furacões, apresenta perfeita segurança até para os botes, em todas as estações do anno; por cuja circumstancia, assim como por muitas outras vantagens que possui, é universalmente considerada como o primeiro ancoradouro do mundo.

De William Parish. *Buenos-Ayres y Rio de la Plata*. 1.

Depois de uma feliz viagem de 40 dias, cheguei ao Rio de Janeiro em Fevereiro de 1824. Eu havia lido e ouvira referir com enthusiasmo as bellezas de sua magnifica bahia; porém minhas conjecturas foram excedidas. Nada ha na Europa que possa ser comparado com a paizagem esplendida e variada, coberta como a vi, com todas as pompas d'aquella maravilhosa vegetação que só se encontra nos climas intertropicaes.

Do escriptor portuguez J. de Andrade Ferreira. *Illustração Luzo Brazileira*. Maio 1856.

Como não se ha de sentir o viajante tomado de admiração,

á vista de todas estas maravilhas, que encantam a cada passo! Que são as nossas paizagens da Europa, miniaturas da natureza animada, ao pé d'estas audazes combinações em que a criação vegetal se produz e desenvolve com todo o vigor, com toda a força da seiva e arrojo da vegetação dos tropicos? É aqui, e só aqui, onde ainda o poeta encontra esses quadros da natureza primitiva, que elevam a idéa a toda a altura do poder do seu Creador.

Do botanico inglez Forbes. *Voyage of Capt William Owen*. 1822.

Transpondo a barra, o entendimento se arrebatava diante de tanta magnificencia e belleza. A vasta extensão de aguas orlada de um verde resplandecente, numerosas enseadas e ilhas, a pujante vegetação que cobre os outeiros, a elevada cadêa de montanhas que se vai sumir ao longe, formam um quadro que mais parece fructo de imaginação poetica, do que uma realidade do globo terrestre.

De Sir Henry Ellis. *Journal of the late Embassy to China*. 1818.

Ao approximar-se da entrada da barra, a paizagem torna-se indescrictivel e sublime. As montanhas que formam um immenso amphitheatro, vistas de perto, constituem ilhas e promontorios ornados de vegetação; fortalezas, habitações isoladas, quintas e igrejas occupam differentes alturas; os olhos se elevam observando tantas e tão arrebatadoras combinações que apresenta este maravilhoso scenario, cujo effeito desafia qualquer pintura ou descripção.

De Max. Radiguet. *Souvenirs de l'Amérique*. Livro III.

O sol acabava de occultar-se atraz dos morros, uma luz tepida succedia ao grande esplendor do dia, deixando distinguir em uma perfeita pureza os melhores detalhes do espectáculo que se offercia a nossos olhos, espectáculo

imponente e magestoso em seu complexo, arrebatador e gracioso em suas minudencias. Era a immensa bahia circumscripção por uma cadeia de montanhas de todas as fórmulas e de todas as côres, estas elevando-se altivamente para o céo, aquellas perdendo-se ao longe em um cháos de nuvens sombrias, umas cortadas como dentes de serra, outras planas como taboleiros, estas cobertas de rica vegetação, aquellas mostrando a intervallos a terra vermelha e os rochedos cinzentos do seu arcabouço.

Do erudito Dr. Ferdinand Wolf. *Histoire de la Littérature Brésilienne.*

Acreditamos não poder concluir mais dignamente o nosso livro, do que transcrevendo a bella pintura da deliciosa bahia do Rio de Janeiro, feita por Mr. Varnhagen.

Do poeta portuguez João de Aboim. *Rio de Janeiro, A entrada, 1851.*

Vem nascendo a manhã, erguem-se á dextra  
Em longas filas encadeados seixos  
De corpo obélisco a surgir das aguas!...  
Como é lindo este solo Americano!  
Como as ondas ali deslisão mansas!  
E de encontro aos rochedos, preguiçosas,  
Vão-lhe as bases formar de branca espuma!

Como um lago indiano, arfando quieto,  
Ali o Guanabara estende os braços,  
Lambendo em praias as areias d'ouro  
Com seu surdo rumor, como os arrulhos  
Da meiga rôla na soidão dos bosques.

Vai seguindo o baixel. Á dextra eu vejo  
D'aspecto multícór varios arbustos  
Em morros desiguaes, em varias ilhas.  
Do lado opposto em monte de verdura,  
Em ramalhete de encantadas flôres,  
Formada de marfim, se eleva a ermida  
Á Gloria da Mãe, que sempre Virgem  
O Christo Redemptor mandára ao mundo.

Princeza Americana, eu te saúdo!  
Tu és bella cercada de teus montes,  
Tu és bella dormindo á fresca sombra  
Da mangueira gentil com pomos d'ouro;  
São bellas as madeiras de teus bosques;  
Tu és bella no cimo de teus morros  
Á brisa da manhã sorrindo alegre;  
Tu és bella na calma de teus rios,  
Em as tuas florestas, em teus comoros;  
Princeza Americana, és bella em tudo!

Do Dr. Yvan. Artigo da *Revista Popular* de 1 de Dezembro 1860.

De cima do navio, eu contemplava essa terra mysteriosa e fecunda, que os sonhos de minha infancia me haviam antecipado em poeticas miragens. Um capricho da natureza desenhou no cimo das montanhas, á esquerda da barra, a fórma de um gigante deitado de costas. Tal symbolo não é mentiroso. Tudo é prodigioso n'esta terra, onde as arvores se elevam a cem pés acima do solo, onde os rios se assemelham a braços de mar e cujos portos são immensas bahias.

Do Conde de Suzannet (ou de Chavannes). *Souvenirs de voyages.*

Depois de algumas excursões pelos contornos da bahia e pelos numerosos arrabaldes, comprehende-se e partilha-se a admiração que sempre inspira a bahia do Rio de Janeiro. O contraste de uma vegetação tropical rica e variada, com uma natureza selvagem e agreste, tudo vos seduz e encanta. O mar, cujas aguas tranquillias estão sementeas de lindas ilhas, numerosos navios á vela e a vapor que o sulcam em todos os sentidos. O Pão d'Assucar que se destaca das outras montanhas; cada passeio vos faz descobrir novas e encantadoras paizagens, e o enthusiasmo iguala o prazer que se experimenta.



Do pintor francez Biard. *Deux années au Brésil.*

Eu passei muitas horas no alto do Castello, vendo sempre com admiração a immensidade d'esta bahia, com suas ilhas tão numerosas que a vista não póde abarcar todas. Depois de haver observado de um ponto por muito tempo, eu ia sentar-me, alguns passos mais longe, e sempre esse espectáculo era novo para mim.

Da viajante Ida Pfeiffer. *Voyage d'une femme autour du monde.*

Si se observar as chacaras ornadas de bellos palacetes campestres, as habitações elegantes e risonhos jardins que se vão perder, terminando o magnifico panorama, junto do Pão de Assucar ; si se notarem ainda os numerosos navios ancorados no porto e nas diversas enseadas da bahia ; a riqueza de uma vegetação luxuriante, o character verdadeiramente original do todo, ter-se-ha um quadro, cujo encanto a minha penna não póde descrever.

Do escriptor inglez Morrell. *Viagem á America.*

A bahia do Rio de Janeiro é talvez a mais bella do mundo, assim como é a mais vasta e segura ; e se não fosse o calor da atmospherá, que ahi é incommodo, o paiz circumdante seria um verdadeiro paraíso. Quando o navegante deixa o turbulento dominio de Neptuno, para refugiar-se n'este asylo delicioso, quando elle ahi penetra, emfim, vê logo patentear-se diante de si um dos mais magnificos espectáculos que a natureza póde apresentar.

Do Conde de Castelnau. *Expédition dans l'Amérique du Sud.*  
Tom. 1.

Nós admirámos a posição phantastica d'esta grande capital, emmoldurada por montanhas das fórmas as mais bizarras, e que se adianta pela bahia, vasta bacia onde se

reunem florestas de mastros com os pavilhões de todas as nações do globo.

De Andrew Grant. *History of Brazil.*

A bahia do Rio de Janeiro é uma das mais formosas que se conhece, e, na verdade, será muito difficil encontrar outra que a exceda em capacidade, ou apresente tanta segurança para embarcações de toda especie.

De Charles Mansfield. *Letters from Brazil and Paraguay.*

Este Rio de Janeiro é um logar magestoso, e, sobretudo, grandioso. O scenario é o mais bello que póde conceber-se. A magnificencia a mais severa acha-se alliada na mais perfeita harmonia com o mais delicado mimo de fórma e de côres.

Do muito conhecido abbade Gaultier. *Lições de Geographia.*

A cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, capital do Imperio, está assentada á beira da bahia de Nitherohy, uma das mais lindas do mundo.

Do astrónomo Dr. Emmanuel Liais. *Climats et géologie du Brésil.*  
Cap. 1.

As variações apparentes de fórmas mais ou menos caprichosas dos massiços montanhosos do contorno da bahia do Rio de Janeiro, constituem uma das maravilhas mais dignas de attrahir a attenção do viajante, no meio de tantas outras maravilhas de toda a especie, reveladas a cada instante pela observação de uma natureza tão esplendida por sua vegetação.

Dos professores Chauchard e Muntz. *Cours méthodique de Géographie.*

Acha-se situada a capital do Imperio do Brasil na margem occidental de uma das mais bellas e vastas bahias do

universo, semeada de muitas ilhas encantadoras e rodeada de magnificas montanhas.

Do escriptor francez Mac-Vernoll. *Le Monde Illustré*. 27 Novembre 1858.

É impossivel imaginar, sem o haver experimentado, o sentimento de admiração que se apodera do nosso espirito, quando, depois de transpôr a estreita garganta fortificada, se descobre o cinto de montanhas que envolve esta bahia, especie de lago maritimo. Esta bahia, que, além do enorme commercio de que o Rio é o centro, serve de estação de refresco á maior parte dos navios que se dirigem ao Pacifico ou ao mar das Indias, não recebe menos de cinco mil embarcações annualmente.

De Walthere de Sely-Longchamp. *Notes d'une voyage au Brésil*. 1875.

Quando se navega, como o fizemos na excursão a Paquetá, no meio da multidão de ilhas e ilhotas, de que a bahia é bordada, tem-se sob os olhos a natureza dos tropicos em todo o seu esplendor e pureza, em uma paizagem escolhida entre as mais maravilhosas, tal, emfim, como se desejaria figurar em sonhos ; mas aqui a realidade em nada cede ás creações da imaginação a mais viva.

De S. Dutot. *France et Brésil*. Cap. I.

A topographia do Imperio Americano offerece mais de um phenomeno curioso ; assim como a superficie do Brasil equivale a doze vezes a da França, tambem o volume de aguas do Paraguay, Paraná e Madeira é decuplo do que é despejado pelo Sena e Rhodano ; quanto ao Amazonas está acima de qualquer comparação ; finalmente, quanto á bahia do Rio de Janeiro, a acreditar no calculo de um celebre maritimo, ella iguala em superficie todos os portos do universo reunidos.

De J. L. Moré. *Le Brésil en 1852 et sa colonisation future.*

A cidade do Rio de Janeiro está edificada sobre uma península no interior de uma bahia deliciosa e bastante espaçosa para conter muitas esquadras, por cujos motivos constitue um dos mais bellos portos que se conhece.

De N. X. (secretario da embaixada em 1835). *L'Empire du Brésil.*

Nunca esquecerei a impressão que me causou o aspecto da enseada do Rio de Janeiro, quando o nosso navio, impellido por fresca brisa, penetrou na immensa bahia, que com razão se affirma que póde conter os navios reunidos de todas as nações. Meus olhos se dirigiram primeiramente para as montanhas arborisadas de um effeito pittoresco, que rodeam a bahia ; depois eu não me fartava de contemplar a multidão de ilhas e ilhotas semeadas aqui e acolá. Finalmente, fundeámos no porto, e emquanto recebiamos a visita de saude, eu não me cansava de admirar este bello lago, sulcado por milhares de embarcações de todas as fórmas e grandezas, as grandes linhas d'esta paizagem, a vegetação abundante das collinas, a indizível serenidade do ar e a pureza das aguas que reflectem este formoso panorama.

De Paulo Gaffarel. *Histoire du Brésil Français.*

Villegaignon e seus companheiros não pensaram no primeiro momento senão em contemplar a paizagem que se desenrolava a seus olhos, paizagem das mais esplendidas que possa idear a imaginação de um pintor ou de um poeta. A bahia do Guanabara, ou, segundo o nome mais moderno, do Rio de Janeiro, apresenta na verdade um aspecto encantador. Com o Bosphoro, em Constantinopla, o golfo de Napoles e a embocadura do Tejo, em Lisbôa, ha poucos sitios que lhe sejam comparaveis em magestade e graça pittoresca. A nossa bahia de Toulon se lhe assemelha, mas sob muito

menores proporções. Lery comparava as montanhas com as alturas do Jura, na Suissa, e a bahia com o lago de Genebra. As analogias são, com effeito, notaveis, porém só no Rio de Janeiro se encontra este céo eternamente azul, esta vegetação luxuriante, e esta prodigiosa variedade de fórmas e de aspectos.

De Adolphe d'Assier. *Le Brésil et la société brésilienne.*

Por muitas vezes eu ouvira elogiar a belleza imponente da bahia do Rio de Janeiro ; mas, acostumado de longa data a encontrar perfeito contraste entre a realidade e as narrações pomposas dos viajantes, não contava com o maravilhoso espectáculo que se me promettia. Entrei, emfim, na bahia em uma d'essas resplandecentes manhãs dos tropicos, e pela primeira vez achei o quadro acima das descrições: tão impossivel é á exaggeração humana lutar contra as exaggerações da natureza! Figure-se uma immensa bacia rodeada por um cinto de montanhas cobertas da mais opulenta vegetação que seja dado ao homem imaginar, e ter-se-ha uma fraca idéa do que é a bahia do Rio de Janeiro.

*Le Brésil contemporain.*

Quando, depois de passar o Cabo-Frio, entra-se no mar interior que fórma a bahia do Rio de Janeiro, vê-se desenrolar um espectáculo tão seductor pela harmonia dos detalhes, quão imponente pelas proporções do quadro. No fundo a serra dos Orgãos desenha seus picos agudos, emquanto de suas ultimas ramificações surge um gigante de granito que parece guardar a bahia. Uma atmosphera fulgurante de luz e de indizível serenidade permite aos olhos seguir ao longe as ondulações dos morros, das florestas e de todos os accidentes da paisagem. Oasis de verdura se

elevam de todos os lados, offerecendo os mais graciosos contrastes, desde o rochedo, que brinca com as ondas, até á ilha do Governador com suas duas leguas de extensão.

De Henry Klumb. *Do Rio de Janeiro a Petropolis.*

Do alto da serra um panorama immenso, e de um aspecto verdadeiramente esplendido, encanta a vista; no extremo horizonte vê-se o Rio de Janeiro com sua bahia que o cinge e que é tão vasta que poucas são conhecidas que a igualem.

Do bibliographo Larousse. *Grand Dictionnaire.*

Não ha espectaculo mais grandioso e mais imponente do que a entrada da bahia do Rio de Janeiro. Esta bahia rodeada de altas montanhas coroadas de fortificações, está semeada de pequenas ilhas verdes e pittorescas, aformoseadas por uma natureza esplendida. A enseada do Rio é um dos mais bellos portos naturaes do mundo.

De F. Dabadie. *Atravers l'Amérique du Sud.*

Na opinião dos navegantès, a bahia do Rio de Janeiro é a mais bella que existe no universo. Quanto a mim, nunca esquecerei a emoção que senti no dia em que me foi permitido admiral-a. O sol dos tropicos espargia torrentes de luz sobre nossas cabeças, e matizava de mil côres as franjas de escuma que esmaltavam a praia. A brisa nos trazia o aroma embriagante das lorangeiras, misturado com os perfumes que se exhalam das florestas vizinhas. No horizonte, além das ilhas que desabrocham no meio das vagas, a serra dos Orgãos fende o azul dos céos com as suas elegantes flexas. Mas de que serve tentar a descripção de maravilhas que nenhuma penna, nenhum pincel poderiam conseguil-o? A bahia de *Guanabara* nada perdeu ainda das magnificencias que attrahiam os marinheiros de Calais, de

Dieppe e de Honfleur, depois que ella trocou seu nome indigena pelo de *Rio de Janeiro*.

De H. Brackenridge. *Voyage to South-America*. Frigate Congress, 1817.

A multidão de navios, que a todo o momento entram e sahem do porto do Rio de Janeiro, dão idéa elevada de sua importancia commercial.

Logo que entrámos n'esse porto, um scenario magnifico desvendou-se á nossa vista. A enorme bacia, que difficilmente será excedida por qualquer outra do globo, assemelha-se a um extenso lago que se dilata magestosamente, bordado de altas montanhas, cujos dorsos ora se interrompem bruscamente acima das aguas, ora descem em suaves declives, formando estreitos valles e mil formosas enseadas e golfos de praias arenosas. Nas chapadas e nas abas dos montes estão edificados conventos, igrejas, bellos jardins e elegantes casas de campo pertencentes a portuguezes nobres que acompanharam a côrte, ou a negociantes inglezes que têm enriquecido em honrado commercio.

De Emilio de Laveleye. *Voyage de La Novara en 1867*.

Deixando a ilha da Madeira a fragata *La Novara* atravessou a linha e foi ancorar na bahia do Rio de Janeiro, a mais vasta, segura e bella de todo o globo terrestre.

De Bescherelle. *Dictionnaire de Geographie Universelle*.

A bahia do Rio de Janeiro contém uma multidão de pequenas ilhas e uma maior, recebe grande numero de rios pouco consideraveis, e fórma um dos portos mais bellos e seguros do universo.

De Ramière d'Elvas. *Beautés du Brésil*.

Em relação a portos, nenhum paiz do mundo foi tão favorecido pela natureza, como o Brasil. O do Rio de Janeiro,

que póde conter todos os da Europa, é admiravelmente defendido por sua disposição propria. Esta bahia magnifica subdivide-se em uma quantidade prodigiosa de enseadas, e do seio das aguas surge uma multidão de pequenas ilhas.

Do Conde de La Hure. *L'Empire du Brésil*. Cap. IV.

A bahia do Rio de Janeiro é muito espaçosa e uma das mais bellas do mundo; altas montanhas cobertas de magestosa vegetação, e semeadas de casas de campo, a circumdam por todos os lados.

De Adrien Guibert. *Dictionnaire Géographique*.

E a bahia do Rio de Janeiro uma das mais formosas que existem; sua profundidade e extensão permittiriam, que ali se reunissem todas as esquadras do mundo.

De E. Delessert. *Voyages dans les deux Océans*.

Nenhum paiz tem o porto tão bem situado para o commercio como o Rio de Janeiro. As relações d'esta capital tendem a crescer diariamente, e, dentro em pouco tempo, o Rio tornar-se-ha o centro das relações commercias com a Europa, a China, as Indias Orientaes e as ilhas do Pacifico.

Do escriptor portuguez I. Vilhena Barbosa. *Archivo Pittoresco*.  
Lisbôa, 1864, n. 15.

Na viagem da serra para Petropolis, as bellezas da paizagem tornam curto o tempo, e suave e veloz a corrida da diligencia. Ora são os bosques frondosos que vestem as encostas da serra, que mais prende a attenção; ora as torrentes, que se despenham formando ruidosas cascatas; agora é a cidade do Rio de Janeiro que alveja ao longe; logo é a sua formosa bahia, semeada de ilhas e rodeada de montanhas em que verdejam graciosas florestas de coqueiros.



Do Conde Charles d'Urzel. *Séjour et voyage au Brésil*. Caps. I e XI.

No dia 8 de Dezembro de 1873, á meia noite, entrámos no Rio de Janeiro. Experimenta-se, ao penetrar na bahia, uma impressão singular; o ar é tepido, embalsamado, e esta doce temperatura contrasta vivamente com a brisa do mar, cuja frescura desaparece. No dia seguinte, bem cedo, depois de pagar um tributo de admiração a esta bahia immensa, cercada de montanhas de contornos bizzaros, de cristas quebradas, cobertas de brilhante vegetação, tomei um escaler e me fiz conduzir ao porto.

Em 22 de Julho de 1876 deixei a enseada do Rio de Janeiro. Confesso que não foi sem emoção, que eu vi apagar-se pouco a pouco, ao longe, este panorama que, para mim, resumia o Brasil e me recordava horas encantadoras.

De F. Michelena y Rojas. *Exploracion official desde el norte de la America del Sur*. 1855—59.

Depois de cinco dias de viagem, chegámos á bahia do Rio de Janeiro; sua vista, capaz de ser abrangida com facilidade e admiravelmente accidentada pelas ilhas, montanhas, rochas graníticas, pharóes, fortalezas, que formam a paizagem, é o mais agradavel possível; e a sensação que se experimenta ao approximar-se á entrada do porto, occupado por centenaes de navios de todos os portos e pavilhões, augmenta-se ao mais elevado ponto.

Do escriptór portuguez José de Torres. *Archivo Pittoresco*. Lisboa, 1857, n. 1.

O porto do Rio de Janeiro é magnifico, todo matizado de ilhas encantadoras, e é uma das paragens mais apraziveis da terra, um dos melhores, mais frequentados e espaçosos portos do mundo; a barra é limpa de cachopos, e póde até fechar-se com uma corrente, como a de Havana; dentro

dá fundeadouro abrigado á maior esquadra do mundo. Póde considerar-se o ponto de reunião dos navios que navegam no Atlantico, como Marselha o é dos que frequentam o Mediterraneo.

De Thomaz Antonio dos Santos e Silva. *Brasiliada*, final do canto XII, descrevendo a viagem do Principe Regente, da Bahia para o Rio de Janeiro, em 1808.

. . . . .  
Panno ella solta ! e mares dous rompendo  
D'agua e pranto, de vento e de suspiros,  
Sulcando vai ao Rio desejado,  
Terra da Promissão, que um Deus benigno  
L'havia decretado em seus diplomas.

. . . . .  
Já novos peixes, aves, gados, fructos,  
De vario gosto, de matiz diverso,  
Por toda a costa a vizinhança inculcam  
Do novo Canadá, em cujo sólo,  
Si o centro lhe profundam, são diamante  
As pedras, ouro a terra, prata a areia ;  
E si lhe olham a vasta superficie,  
São o cardo a farinha, a silva o assucar,  
Jardins os matos, balsamos os lenhos !

. . . . .  
Salva a patria e o Deus salvo, aborda e entra  
O Rio suspirado, a quem deu nome  
O mez grato em que fôra descoberto:  
Onde após de corrupto e de estragado  
O antigo pelo corso furibundo  
Eterna frente erige ao Novo-Mundo,  
Emquanto ali, servindo-lhe d'espelho  
O seu lustre recobra o Mundo velho!

De Emilio Achilles Monteverde. *Manual Encyclopedico*.

O Rio de Janeiro tem um dos mais bellos portos do mundo, defendido por varias fortalezas.

De D. José Urcullú. *Tratado de Geographia*. Tom. III.

O Rio de Janeiro, chamado tambem *S. Sebastião*, ou simplesmente *Rio*, capital do Imperio, está em uma grande

bahia, que fórma um dos mais bellos portos da America ; defendida por muitos fortes, dos quaes o de Santa Cruz, de Villegaignon e da ilha das Cobras, são os mais importantes. As suas vizinhanças são famosas pelos admiraveis quadros que offerece a natureza ; devendo observar que a belleza da situação, a bondade do clima, e as riquezas vegetaes, mais do que a obra dos homens, é o que ali chama a attenção do viajante.

Do Dr. Antonio Diniz da Cruz e Silva. *Elpino Nonacriense. Metamorphose 1.*

Entre os soberbos montes, que formando  
Em seu ameno dilatado seio,  
Do Rio a graciosissima bahia,  
Do mar, que em vagas muge, a furia quebram ;  
N'uma densa floresta que se eleva  
De alcantilada serra sobre o cume  
Ás altas nuvens, tinha seu alvergue  
Tijuca, do Brasil formosa nympha.

De Maria Graham. *Journal of a voyage to Brazil, 1821.*

Do que tenho visto até hoje, nada é comparavel em belleza a esta bahia. Napoles, o estuario de Forth, o porto de Bombaim e Trinquemale, que me pareciam um conjuncto de bellezas, todos juntos, têm de ceder a palma a está, que excede a cada uma de um modo especial. Altas montanhas, rochas de columnas symetricas, luxuriantes bosques, florescentes ilhas, verdejantes prados, tudo isto reunido a alvas edificações, igrejas ou fortes que coroam os morros, navios fundeados ou em movimento, uma immensidade de vapores sulcando em direcções diversas, é um clima delicioso, porfiam em dar ao Rio de Janeiro a mais encantadora vista, que se possa imaginar.

Do capitão Ricardo Burton. *The Highlands of the Brazil.*

A bahia do Rio de Janeiro, como sua bella irman, a de Napoles, deve ser vista á hora do crepusculo. Mais encantadora é ella sob um céo ligeiramente sombrio, e que então uma atmosphaera diaphana modifica a distancia com exquisita belleza ; o céo azul torna-se perfeitamente brilhante ; as nuvens mesclam-se de côres roseas e purpureas, sobresahindo as côres nacionaes : verde, vívida como a esmeralda, amarella brilhante como o ouro polido. Pela manhan, é sublime contemplar o nevoeiro que se levanta das montanhas e da superficie do mar ; mais tarde, é verdadeiramente bello e esplendido admirar o scintillar das vagas á luz meridiana, quando a brisa fica im pregnada com o perfume de mil flôres ; mas, ao cahir da tarde, ha então repouso e graça nas sombras purpurinas que se espalham pelo céo.

De Horacio Say. *Relations commerciales entre la France et le Brésil.*

Depois de vencer a estreita entrada, assignalada ao longe pelo pittoresco Pão de Assucar, em lugar de encontrar as apertadas margens de um rio, vê-se, ao contrario, desenvolver-se uma immensa bacia, cercada de altas montanhas e apresentando um dos mais bellos aspectos que existam no mundo. É o lago de Genebra invadido pelas aguas do oceano, no qual viriam sulcar os maiores navios, surgindo em seu interior ilhas risonhas, cuja verdura pende em grinaldas por cima das aguas. Esta vista pôde rivalisar com as de Napoles e de Constantinopla ; é a mesma opulencia, sob uma abobada celeste mais elevada, e talvez ainda mais pura. Encarada sob o ponto de vista commercial, a bahia do Rio de Janeiro offerece um porto natural perfeitamente abrigado, onde poderiam fundear ao mesmo tempo os navios de todas as nações do universo.

De Gilbert Farquhar Mathison. *Narrative of a visit to Brazil, 1821.*

Chegámos outra vez ao Rio de Janeiro no dia 4 de Agosto. Raras vezes se poderá achar perfeita similitude entre o clima dos tropicos e o das costas da Inglaterra; porém, sempre que a imaginação descobre traços iguaes, sempre que uma associação, ainda que longe, mas querida, são accidentalmente trazidas ao espirito, então o entusiasmo e as alegrias do momento são duplamente apreciadas pela saudosa lembrança de dias felizes já passados. Taes eram minhas reflexões ao approximar-me d'este celebre porto; e eu ainda não havia desembarcado, quando a novidade do scenario, as feições caracteristicas de um paiz tropical, me fizeram cedo esquecer toda a reminiscencia de nossos campos do norte. Poucos sitios do Novo-Mundo devem tanto á mão da natureza como a bahia do Rio de Janeiro, na qual se encontra, em magnifica perfeição, todas as possiveis combinações que constituem um panorama pittoresco.

De Desobry et Bachelet. *Dictionnaire des lettres et des beaux-arts.*

Porto natural militar e de commercio, é o Rio de Janeiro um dos mais vastos e dos mais bellos do mundo; sua entrada tem 1.350 metros de largura, e é defendido por varias fortalezas e baterias.

De Fr. Agostinho de Santa Maria. *Santuário Mariano.* Tom. x.

É uma bahia segura, onde podem alojar-se não só todas as armadas de Portugal, mas outras muitas das mais nações, si pudessem frequentar aquella porto, cujos reconcavos, ilhas, rios, saccos e enseadas, si quizeramos descrever, seriam necessarios muitos livros.

De Manoel Antonio Vianna Pedra. *Panorama* n. 159, de 16 de Maio de 1840.

O golfo do Rio de Janeiro é uma das paragens mais encantadoras da terra, e um dos mais frequentados, espaçosos e melhores portos do globo. As montanhas que em torno avultam, as pittorescas ilhas que marchetam a superficie das aguas, a espontanea vegetação que reveste as encostas, os copados coqueiros e verdes mangaes, que em muitos pontos se avistam, as chacaras que se descobrem, os campanarios e casarias que alvejam em fórma de amphitheatro, e as recordações historicas que se prendem ao local, tudo extasia o viajante que ali acaba de fundear pela primeira vez. Impossivel é pintar um quadro original da vista que offerece esta bahia, mais propria para se gozar, que para se fazer d'ella uma pintura.

De Edmond de Granges. *Dictionnaire du commerce et des marchandises*.

O porto do Rio de Janeiro é um dos mais bellos do mundo. Uma espaçosa bahia o penetra, e a sua entrada é bastante estreita para dar-lhe o caracter de verdadeira bacia; e esta é tão segura, que nenhum piloto se apresenta para guiar os navios, á sua chegada. A vista de Constantinopla ou de Napoles é menos bella do que a que se offerece aos olhos do viajante, quando vê desenvolverem-se os contornos recortados da vasta bahia, servindo-lhe de ornamento ilhas numerosas por todos os lados uma brilhante vegetação, deixando pender suas grinaldas até á borda d'agua, e o horizonte limitado por altas montanhas, cujos picos pyramidaes apresentam constante variedade de aspectos.

Dos redactores do *Dictionnaire universel du commerce et de la navigation*.

A cidade do Rio de Janeiro, capital do Imperio, está sobre a margem occidental da vasta e magnifica bahia do

mesmo nome. Tudo é arrebatador n'este paraíso tropical ; a pittoresca disposição das collinas, o curso de pequenos rios com suas cascatas, o mar que recorta as praias com uma multidão de sinuosidades, e o ar embalsamado por uma vegetação sempre florida e resplandecente das mais vivas côres.

De William S. Auchincloss. *Ninety days in the Tropics.*

Comparada com a bahia de Napoles, a do Rio de Janeiro é melhor circumscripta ; seus montes, comquanto não cheguem á altura do Vesúvio ou do Santo Angelo, formam um amphitheatro mais perfeito, de limites mais claramente definidos e adornados com a opulenta vegetação dos tropicos ; e suas bellezas são tantas, que não podem ser abrangidas em um só golpe de vista. O aspecto geral da bahia é ainda realçado pela presença de muitas ilhas pequenas e enseadas em miniatura, de praias de alvissima arêa, de arrogantes rochedos cobertos de verdura, que, produzindo no viajante uma série de surpresas deleitosas, o trazem em constante admiração.

De William Scully. *Brazil, its provinces and chief cities.*

O primeiro aspecto da bahia do Rio de Janeiro é, sem duvida, para o estrangeiro, o mais pittoresco possível, com o seu recinto de verdes montanhas e declives cobertos de opulenta vegetação. Plantações de todas as especies, bellas casas de campo e muitas ilhas cultivadas, adornam do modo o mais variado a superficie d'este pequeno Mediterraneo ; e não ha talvez, em parte alguma, outra paisagem tão imponente e graciosa. Observada á frouxa luz da manhan, a scena é arrebatadora de formosura ; e, quando a neblina se dissipa aos fulgentes raios do sol, os olhos vagueam extasiados pela interminavel variedade de felizes combinações

que compoem um quadro de maravilhosa belleza, que em vão se procuraria descrever por palavras ou pela pintura.

De Pero de Magalhães Gandavo. *Historia da Provincia de Santa Cruz*, 1576.

A cidade está situada sobre um braço de mar que avança sete leguas nas terras com cinco de largura, e tendo apenas uma milha na entrada. É um dos portos melhores e mais seguros, podendo os maiores navios, com qualquer tempo, entrar e sahir sem perigo algum.

Do engenheiro inglez Henry Law. *Relatorio sobre melhoramentos do nosso porto*, 1858.

Está bem conhecido, que a bahia do Rio de Janeiro possui, com preeminencia, todas as qualidades naturaes que possam desejar-se na formação de um porto seguro, podendo n'ella entrar a toda a hora, e com qualquer tempo, embarcações da maior classe, sem que se torne necessario o auxilio de praticos, e estar fundeadas na mais perfeita segurança.

De A. Dupetit Thouars. *Voyage sur la frégate La Venus*. 1836—39, Vol. I.

A bondade, extensão e segurança da bahia do Rio de Janeiro, a facilidade que ahí se encontra para as provisões, assim como recursos para as reparações de qualquer natureza, a tornam um ponto de escala importantissimo para as esquadras e para o commercio.

Não ha porto melhor situado, nem mais conveniente, para um emporio geral de todas as producções do universo.

Langando os olhos para o interior, de todos os lados descobrireis lindas casas sobre as praias, conventos e capellas sobre as montanhas e fortes sobre os rochedos; tudo isso disposto graciosamente, no meio de uma natureza encantada, desconhecida em nossas regiões, e cujo effeito não pôde ser descripto.



De Vaillant. *Voyage sur la corvette Bonite*. 1836—37. Vol. I, cap. VI.

Todos os viajantes se comprazem em celebrar a belleza da bahia do Rio de Janeiro. Lendo-se suas descripções, acredita-se, que n'elles haja um pouco de exaggeração, apañagio proverbial dos narradores que chegam de longe. Entretanto aquelle que goza d'esse magnifico espectáculo, o acha muito acima de tudo o que os livros têm publicado.

É o privilegio das grandes bellezas da natureza; porque no esplendor harmonioso que as caracteriza, e no qual se revela o poder infinito do Creador, ha alguma cousa de imponente que penetra a alma de um sentimento ineffavel de admiração e de respeito, que nenhuma descripção poderia fazer comprehender.

Longe, pois, de mim a pretensão de enumerar todas essas bellezas e ainda menos descrever o effeito que resulta do seu complexo. Perguntai aos jovens, que na *Bonite* viam essas plagas pela primeira vez, quaes as suas impressões quando descortinaram estas costas favorecidas pelo céo. Elles haviam admirado, antes de partir, a bahia de Toulon, bella por sua extensão, por seu formoso céo de Provença, por seus numerosos navios, pelo aspecto pittoresco de suas margens; mas quanta differença entre essas duas bellezas!

De Laplace. *Voyage de la Favorite autour du monde*, 1830—32. Tom. IV.

Ás 11 horas da manhan, vindo em nosso auxilio a brisa de S. E., fômos ter ao meio das ilhas que precedem a entrada da bahia, sobre uma das quaes se eleva o soberbo pharol que nos havia guiado durante as duas noites precedentes... Quem não conhece a historia d'esses Estados, formados dos fragmentos do poder hespanhol e portuguez na America? Como é possivel, que minha narração veridica, mas sem ornatos, consiga agradar depois dos trechos de prosa poetica

tão brilhante, em que muitos de nossos distinctos litteratos têm pintado a magnifica posição do Rio de Janeiro?

De Carlos Van Lede. *Geologia de Santa Catharina*. Rev. Tr. do Inst., 1845.

Não descreveremos a bahia de Santa Catharina, mas no fim do volume acharão um plano hydrographico d'essa magnifica bahia, que quasi rivalisa com a do Rio de Janeiro, a melhor que se conhece.

Do Magasin Pittoresque. *Journal de Juillet, 1856*. Tom. XXIV.

O porto magnifico do Rio de Janeiro, adornado de ilhas encantadoras, foi conhecido pelo nome de França Antarctica, que, em 1557, lhe foi conferido por Thevet e Villegaignon, quando este fundou ali uma colonia que não excedeu de 1567. Os Tamoios, habitantes primitivos da bahia, davam-lhe a denominação mais exacta e mais harmoniosa de *Nitherohy*; mas, apezar d'isso, Thevet, Hans Staden e Lery adoptaram a de *Guanabara*, dada pelos indigenas á porção d'ella onde se edificou depois a cidade, e estenderam essa denominação ao resto da bahia. D'este porto diz-se, com razão, que é o *rendez-vous* do Atlantico, assim como Marselha é o do Mediterraneo.

De D. José Thomás Guido. *Recuerdos del Janeiro*. Rev. Litt. de B. Aires. Julho, 1874.

Em 12 de Julho de 1841 cheguei ao Rio; meu pai ia representar a Confederação Argentina no acto da coroação. Torrentes de luz envolviam o mar e as montanhas que circumdam a bahia encrespada por ligeira brisa; a cidade nos parecia um amphitheatro caprichoso que comparavamos a esses *presepes* que havíamos visitado em nossa infancia. As ondas fulgiam com tintas em que se confundiam o verde, a prata e o ouro. As linhas, umas claras, outras

vaporosas, de uma vegetação tropical, suavizavam o esplendor de um quadro indefinível, mas que só se pôde sentir intimamente aos 20 annos.

De D. Diego Barros Arana. *Viagens de Fernando de Magalhães.*

Por algum tempo se acreditou, que fôra Magalhães quem primeiro descobriu a formosissima bahia ; mas ficou demonstrado depois, que, desde 1511, era conhecida dos Portuguezes, que lhe davam o nome de bahia de Cabo-Frio.

De J. P. de Oliveira Martins. *O Brasil e as colonias portuguezas.*  
Liv. I, § v.

O governador, a quem de Portugal tinham chegado reforços, partiu para o sul (1565), e as tropas combinadas do governo e das missões expulsaram de todo os Francezes. Fundou-se então (1567) o Rio de Janeiro. Metade do Brasil estava salva e lançadas as bases da futura prosperidade de todo elle, com a posse da grande bahia do continente austral, sendo Mem de Sá o Affonso Henriques d'essa nação nova.

Do Dr. Domingos Bernardino de Almeida. *Discurso. O Globo de*  
23 de Setembro de 1881.

A primeira impressão recebi-a ao chegar a este porto antes do sol posto do dia 23 de Agosto de 1855 ; a sombra das montanhas da costa projectava-se sobre a immensidade das aguas, ennegrecendo-as e emprestando-lhes um aspecto lugubre ; o meu coração contrahiou-se ; mas, á proporção que transpunhamos a barra, a deslumbrante perspectiva da bahia offuscou-me a vista e desanuviou-me o coração ; fiquei como que estatico e absorto no meio do panorama mais formoso e encantador que havia presenciado em toda a minha vida.

Do Dr. Charles Corbisier. *Voyage aux deux Amériques.*

Partindo de Buenos-Aires a 30 de Setembro de 1879, vimos, cinco dias depois, apparecerem no horizonte as primeiras terras brasileiras sob a fórma de altas penedias... De repente o navio contornêa um immenso rochedo conico, o *Pão d'Assucar*, e a bahia do Rio de Janeiro subitamente se desdobra a nossos olhos. Não creio, que o olhar humano possa contemplar espectáculo mais bello. Achámo-nos no seio de uma immensa bahia, onde todos os navios de guerra de todas as nações do mundo poderiam navegar á vontade, e sem piloto, n'esse vasto estuario... De todos os lados ilhotas; em toda parte navios, mástros, pavilhões; e, por sobre tudo isso, um sol esplendido, desconhecido nas nossas brumosas regiões, derrama na natureza ondas de luz incomparavel.

De Charles Wilker. *Narrative of the Exploring Expedition 1838-42.*

Na tarde de 23 de Novembro, com vento fresco do sudoeste, e com todo o panno fóra, penetrámos no magestoso porto do Rio de Janeiro.—Nossa attenção foi primeiramente attrahida pelas altas, fantasticas e abruptas montanhas da Gávea, Pão de Assucar e Corcovado que ficavam á nossa esquerda, emquanto á direita tínhamos a soberba fortaleza de Santa Cruz—ante nós a cidade de S. Salvador com as de S. Domingos e Praia-Grande defronte; no meio d'ellas estendiam-se as ilhas e os navios que serviam de ornamento a esta bellissima extensão d'agua. Taes objectos, tendo por fundo os pincaros da serra dos Orgãos, formam uma scena que difficil é indicar-se o meio de tornal-a mais linda. A vida e o movimento creados pelo avultado numero de navios, botes e vapores de varias fórmas, passando e repassando, dão grande animação ao quadro.

De Warner and Harry. *The Brasil Pilot.*

Esta bahia é uma das mais formosas da terra. É muito frequentada pelas esquadras e navios que demandam as Indias, que ahi se vão abastecer de agua e todo o necessario, para cujo fim não ha porto mais favoravel em toda a costa do Brazil.

## IX

### HOMENAGEM PRESTADA POR ESCRIPTORES NACIONAES

De Sebastião da Rocha Pitta. *Historia da America Portuguesa.*  
Tom. II, § 89.

A sua barra, em cuja entrada se levantam dous altos penhascos, é notavel, porque estreitando-se na boca ao breve espaço de meia legua, vai ao mar formando um golfo de 24 de circumferencia e 8 de diametro, em que estão muitas ilhas, umas cultivadas com engenhos e lavouras, outras incultas e todas formosas. Pela parte opposta á cidade vai acompanhando o golfo uma muralha natural de asperos rochedos, que vão formando, na differença de suas perspectivas, um Prothêo de figuras várias e uma bem ordenada confusão de objectos espantosos aos olhos e difficeis á conquista.

Do padre Ayres de Cazal. *Corographia Brasilica.* Tom. II.

A provincia do Rio de Janeiro recebeu o nome do magnifico porto de sua capital. Este é, entre todos os da America Meridional, aquelle a que mais propriamente quadra o nome de *bahia*. A sua pittoresca entrada aberta ao sul, é repartida em duas, pouco desiguaes, pelo ilhéu da Lage; tem grande numero de ilhas e fundo para recolher muitas e numerosas armadas.

De Balthazar da Silva Lisboa. *Annaes do Rio de Janeiro*. Tom. I, §§ 50 e 54.

Não a podiam vêr os francezes fóra de sua magestosa posição, formada pela natureza para o maior dos imperios. Do mar, em grande distancia, se avista o monte da Gávea, que representa um gigante, hyeroglyphico do seu poder e prosperidade... Era bem fundada a especção de Ville-gaignon, denominando o paiz *França Antartica*, reconhecendo, pela posição magestosa de sua foz, a grandeza e futura prosperidade de tão admiravel localidade.

De Fr. Francisco de S. Carlos. Poema *A Assumpção da Virgem*. Cant. vi.

A cidade que ali vêdes traçada,  
E que a mente vos traz tão occupada,  
Será nobre colonia, rica e forte,  
Fecunda em genios, que assi o quiz a sorte.  
Será pelo seu porto desmarcado,  
A feira do ouro, o emporio frequentado,  
Aptissimo ao commercio; pois profundo  
Póde as frotas conter de todo o mundo.

Do marechal Raymundo José da Cunha Mattos. *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará*.

A bahia do Rio de Janeiro é conhecida no universo como um dos mais extensos e seguros abrigos de embarcações innumeraveis e de todos os lotes. Está rodeada de montanhas e recebe muitos rios; parece um immenso reservatorio de agua que forçou a passagem por aquella abertura, deixando em secco as terras, até ás abas das montanhas que o rodeavam.

De Fr. José de Santa Rita Durão. *Descobrimto do Brasil*, estrophe 35.

Nitheroy dos Tamoios habitada,  
Por largas terras seu dominio estende,  
Famosa região pela enseada  
Que uma gran barra em si comprende.

Esta praia dos vossos frequentada,  
Que pomo de discordia entre nós pende,  
Custará, si presago não me engano,  
Muito sangue ao Francez e ao Luzitano.

Do Visconde de Porto Seguro, F. (A. Varnhagen.) *Hist. Geral do Brasil*. Tomo 1º. Secç. XIX.

É o porto que por um notavel engano chorographico se ficou chamando *Rio de Janeiro*, um verdadeiro seio do mar, que sem exaggeração podia conter em si todos os navios que hoje em dia cruzam os oceanos, ou fundeam em seus ancoradouros. É mais que uma enseada ou simples lagamar; é um grande golfo, ou antes um pequeno mar mediterraneo, que por um exiguu estreito se communica com o Atlantico; é um prodigio da natureza, tal, que aos mesmos que o estão admirando lhes está parecendo fabuloso. Não ha viajante, antigo ou moderno, que não se extasie ante uma tal maravilha do Creador. Os que têm corrido os emporios do Oriente, visto as scenas do Bosphoro, admirado os contrastes da deliciosa bahia de Napoles, todos são unanimes em reconhecer que, esses considerados portentos da hydrographia, ficam a perder de vista, quando se comparam aos que ora temos presente.

Do Marquez de Paranaguá, (Francisco Villela Barboza.) *Cantata A Primavera*.

Lá onde em tuas margens, patrio Rio,  
Que do primeiro mez tomaste o nome,  
Passe o sidereo Capro o verde esmalte,  
E de teus crystaes bebe a onda pura,  
(Meta antiga do sol, centro hoje de outro,  
Cujo lucido imperio abrange os polos)  
Com providente mão a natureza  
O asylo preparou da primavera.  
Ali não murcha a rosa, ali os troncos  
De flores sempre novas se atavião.

. . . . .  
. . . . .

Os arbustos, os platanos florescem  
Com seu halito doce perfumados;  
E os vergineos botões, abrindo os labios,  
Com pudibundo riso se franqueam  
Ao pranto creador da madre aurora.

De A. F. Dutra e Mello. Poesia *A Patria*.

. . . . .  
E tu, meu caro Rio de Janeiro,  
Que em teu golfo de anil fortificado,  
Que, de tuas montanhas guarnecido  
    Dominas soberano  
Na immensa região de Santa Cruz;  
Tu, principe das aguas, solo amado,  
Que me viste nascer, e que em teus braços  
    Morrer ver-me-has ainda;  
Jámais de mim, sequer um só momento  
Esquecido serás. . . . .

Do Conego Januario da Cunha Barboza. Poema *Nictheroy*,

. . . . .  
Aqui se afundam lagos, rebalçando  
Estôfas, negras aguas somnolentas,  
Que habitam bronzeos jacarés e monstros  
De horrendo e torvo aspecto; d'ali surgem  
Escarpados rochedos, em qu'as ondas  
Rebentando furiosas o ar atroam,  
Mugindo horriveis, revolvendo as costas.  
Altas serras do norte ao sul prolonga  
Sobre as nuvens erguendo-se azuladas;  
Recortados penedros lhes guarnecem  
Mil cabeços, que os céos roçando afrontam,  
De guerreiros, merlões vestindo os muros.

. . . . .  
Fechadas selvas cobrem amplos valles,  
Donde avultam mil ingremes castellos  
Subindo de uma e de outra parte ás nuvens.  
Urram tigres furiosos, que retouzam  
Nas horriveis cavernas, abalando  
Pedras, troncos, rochedos, valles, rios.



De Antonio Gonçalves Teixeira e Souza. *A Independencia do Brasil*. Canto VII. 68 e 75.

Rolando o mar por entre ampla abertura,  
Rompe a barra entre montes ao *Janeiro!*  
Com que graças a prodiga natura  
Tornou este lugar tão prasenteiro!  
É a entrada extensissima e segura,  
D'este tão vasto porto hospitaleiro.  
De ledices, encantos e belleza,  
Se empenhou em adornal-o a natureza.

D'ahi vai para o norte destendida  
Essa que ao estrangeiro deixa absorto.  
De Nictheroy bahia, conhecida  
Talvez pela do mundo melhor porto!  
Seu nome quer dizer—agua escondida—  
Porém outros suppõem seja—mar morto—;  
Assim pois, *Nictheroy* ou *Guanabara*  
Destes climas o incola chamára.

Do Visconde de Aragua. (Dr. Domingos J. G. de Magalhães).  
*A Confederação dos Tamoyos*. Canto VI.

Nictheroy! Nictheroy! como és formozal  
Eu me glorio de dever-te o berço!  
Montanhas, varzeas, lagos, mares, ilhas,  
Prolifica natura, céo ridente,  
Leguas e leguas de prodigios tantos,  
N'um todo tão harmonico e sublime,  
Onde os olhos verão longe deste Eden?

. . . . .  
. . . . .  
Contemplando esse mar que em flôr se quebra  
Nessas longinhas praias e enseadas,  
Que recortando vão da terra as orlas,  
Como uma argentea franja abrihantada;  
E esses continuos montes verdejantes,  
Que o vasto Nictheroy cingem e fecham  
Como em profundo lago, salpicado  
De graciosas ilhas. Ah! disseras  
Um pedaço de céo cheio de estrellas,  
Guardado entre muralhas d'esmeraldas!

Do Barão de Santo Angelo (Manoel de Araujo Porto Alegre.)  
*Brasilianas. Cantos I e II.*

Vi dez solios ; oitenta e seis cidades,  
No mundo visitei peregrinando  
Vi as do engenho humano maravilhas  
Pelas artes creadas em mil annos

. . . . .  
Mas meus olhos não viram quem te iguale  
Divina Guanabara, em teus encantos!

. . . . .  
. . . . .

Não ! eu não exagero ! aos céos o juro,  
Aqui junto dos céos : a Natureza,  
Ao receber o toque sublimado  
Do pomposo ademan com que a ornára  
A mão do Creator, disse, espelhando-se  
Nos céos, na terra e de si mesmo ufana :  
—«Serás, ó Guanabara, sempre e sempre  
«O brilho de meus olhos, e o sorriso  
«Da terraquea belleza no universo.»

Do Dr. Joaquim Manoel de Macedo. *Noções de Chorographia do Brasil.* 1ª parte.

A immensa e magnifica bahia de *Nicttheroy*, de *Guanabara*, ou do Rio de Janeiro, é a ufanosa rival de Constantinopla em belleza e a ella muito excedente em grandiosa magestade. A sua entrada tem um nome, *sublime!*—que exclusi o lhe pertence...

Pela sua afortunada situação geographica e pelas inexciveis condições favoraveis que reune, a bahia do Rio de Janeiro sobre todas as outras da America e do mundo se avantajaja ; e ainda no seu seio, coração de opulencia, vem abrir-se numerosos, embora pequenos, rios e ribeiros, veias de riqueza, que se prestam á navegação por barcos e canôas em milhas de distancia, e que alimentam extensissimo commercio.

De José Albano Cordeiro. *Ostensor Brasileiro*. 1845.

Da soberba e magestosa bahia de Nictheroy fallam com entusiasmo e saudade quantos, uma vez ao menos, tiveram a felicidade de sulcar suas mansas aguas, apreciar-lhe a extensão, e admirar tantas formosuras; entre os admiradores, um despreza tudo por mover-lhe a attenção o arrogante colosso que lhe jaz na foz; outro repara no afan commercial e nas riquezas da capital do Imperio; áquelle, mais poeta, perdem-se-lhe os olhos namorados na aldeã-fidalga Nictheroy; qual mede a altura das proximas e alongadas serras; qual deseja reunir todas as bellezas em uma só, para devoral-as!

De Joaquim Norberto de Souza e Silva. *Revista Popular*, 20 de Junho 1859.

Os Tamoios foram entre todos os povos primitivos do Brasil, os que mais se distinguiram no cultivo da poesia, e eram elles por ventura os que habitavam a mais poetica de todas as situações do paiz. Sob o pomposo e magnifico céo do Rio de Janeiro, ante as scenas portentosas de sua natureza, á vista de sua esplendida, pittoresca e risonha bahia, só não seria poeta um povo estúpido, destituido de toda a intelligencia.

*Modulações poeticas*

Que scena para os olhos! Como alegres  
Estes valles não são, estas montanhas,  
E os longas serros que nos céos se perdem  
E se dilatam por extensos plainos!  
Que vasto mar assetinado e quêdo  
Serenos reflectindo a flôr mimosa  
Do céo azul e rubido horizonte!

Oh! poesia, enlevo da existencia!  
Aqui te reproduzes, aqui fallas,  
Eloquente qual és, qual és donosa,  
Oh poesia, enlevo da existencia!  
Estes teus quadros são, estes me encantam.

Do padre Luiz Gonçalves dos Santos. *Memorias para a historia do Brasil*. Tom. 1.

Martim Affonso, julgando á primeira vista ser um grande rio o braço de mar, que entrando pela terra dentro fórma esta tão bella e magnifica bahia, deu-lhe o nome de Rio de Janeiro, que impropriamente conserva até hoje.

Do Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo. *A bahia do Rio de Janeiro*.

É esta bahia uma das mais amplas, bellas e seguras do mundo; sua profundidade dá á barra entrada franca a navios do maior calado, e sua extensão póde dar abrigo á marinha de todas as nações. Bafejada por ventos moderados, que movem brandamente as aguas, enfeitada de ilhas de diferentes tamanhos, e formosas todas, cercada de collinas e montes cobertos de vegetação esplendida, que se reflecte nas aguas d'este mar, que parece um lago, defendida por fortalezas, que sobre os muros esbranquiçados deixam vêr o campanario das capellas que santificam essas obras de arte, habitada por nuvens de gaivotas, coalhada de navios de todas as nações e de todos os tamanhos e feitios, banhando duas cidades, uma metropole do Imperio, outra capital da provincia, e tendo como sentinella eterna de sua entrada um rochedo escarpado, ali postado para servir de guia aos que buscam este golfo tão cheio de poesia e belleza, é a bahia do Rio de Janeiro de um aspecto deslumbrante e encantador.

Do Dr. José Maria Velho da Silva. *Romance Gabriella*.

Dotou a natureza com prodigalidade este Rio de Janeiro, rasgando-lhe uma entrada magestosa e collocando ali uma sentinella de granito, que reina como soberano, coroado de nuvens e tendo a seus pés, como tributaria, a formosissima bahia da placida e somnolenta Guanabara. Deu-lhe as terras

chãs, feracissimas e fructuosas, banhadas em torno pelas aguas da mesma Guanabara, que estende os seus dominios por ahi além, e as montanhas recortadas e phantasticas, com suas quebradas arrojando catadupas, e os montes todos cobertos de vegetação basta e verde-negra ; e tudo grande e convidativo, esperando a mão do homem para colher e lograr tão grande cópia de opulencias.

Do engenheiro Dr. A. V. de Borja Castro. *Descripção do porto do Rio de Janeiro.*

Enormes massas de granito se erguem de um e outro lado da boca da barra, seguindo-se duas magestosas cortinas de montes que circumdam as enseadas de Botafogo e do sacco da Jurujuba. Estes montes terminam em pontas agudas, escabrosas e ennegrecidas, as quaes muitas vezes sãõ envolvidas por nuvens, emquanto que as fraldas ostentam frõndosa vegetação, o que dá á bahia do Rio de Janeiro um aspecto de magestosa sumptuosidade.

De A. Diodoro de Pascual. *Ensaio critico.* Leitura IX.

Raro é o viajante, que, á vista da grandiosa bahia do Rio de Janeiro, não prorompa em entusiasticas homenagens á primeira maravilha da America, e quiçá do globo, a este respeito. A magnificencia severa de sua entrada apaga na mente dos estrangeiros as reminiscencias de Byzancio a antiga, de Stambul a moderna, de Napoles a voluptuosa, de New-York a commerciante, e de quantas enseadas abrigam baixeis, nos mares que banham os continentes e as ilhas da terra.

De Casimiro de Abreu. *As Primaveras.* A voz do Rio.

Nosso sol é de fogo, o campo é verde,  
O mar é manso, nosso céu azul !  
— Ai ! por que deixas este patrio ninho  
Pelas friezas dos vergeis do sul ?

A lua é doce, nosso mar tranquillo,  
Mais leve a brisa, nosso céu azul!  
— Tupá ! quem troca pelo patrio ninho  
As ventanias dos vergeis do sul ?  
Nossas campinas, como doces noivas,  
Vivem c'os montes sob o céu azul !  
— Ha vida e amores n'este patrio ninho  
Mais rico e bello que os vergeis do sul !

. . . . .  
Eu, Guanabara, no meu longo espelho  
Reflecto as nuvens d'este céu azul ;  
— Oh ! minha filha ! acalentei-te o somno,  
Por que me deixas p'ra viver no sul ?  
Mas, si forçoso te é deixar a patria  
Pelas friezas dos vergeis do sul,  
Oh ! minha filha ! não t'esqueças nunca  
D'estas montanhas, d'este céu azul.

Do conselheiro Dr. João Manoel Pereira da Silva. Romance.  
*Aspasia.*

Elle via a enseada deslumbrante da soberba Nitherohy, rodeada de rochedos artisticamente desenhados, dominada de um lado pela cidade do Rio de Janeiro, e do outro pela capital da provincia, aqui mostrando quintas e panoramas variados da natureza, ali golfos mimosos e fortalezas levantadas para a defesa, mais adiante a vida animada do commercio, representada pelos mastros sem numero de navios de todos os tamanhos, qualidades e paizes.

De Luiz Nicoláo Fagundes Varella. *Cantos Meridionaes.*

. . . . .  
Adeus ! Adeus ! Nas cerrações perdida  
Vejo-te apenas, Guanabara altiva,  
Molle, indolente, á beira-mar sentada  
Sorrindo ás ondas em mudez lasciva.  
Mimo das aguas, flôr do Novo-Mundo,  
Terra dos sonhos meus,  
Recebe asinha no passar dos ventos  
Meu derradeiro adeus !

Poemeto *Diario de Lazaro.*

Predilecta de Deus, Augusta imagem  
Da terra promettida, asylo e templo  
Da eterna liberdade ! Eis-me de novo  
Em teu seio sagrado, ó minha patria !  
Oh ! esplendida America ! Eis-me de volta ;  
Terra de Santa Cruz, quanto és formosa !  
Quanto és formosa, altiva Guanabara !  
Como a noiva do rei, o sol do estio  
Tisnou-te as bellas faces, e o sereno  
Molhou-te as tranças negras, e suspiras  
Mollemente inclinada á beira d'agua !  
As estrellas namoram-te do espaço,  
Lambem-te os pés as vagas gemedoras,  
E, arredados de ti, velam attentos  
Os filhos do diluvio, horrendos monstros,  
Em cujos dorsos, emulos do bronze,  
Do raio a chamma ha laborado embalde !

Do general J. I. de Abreu Lima. *Historia do Brasil.* Cap. III, § 1º.

O Rio de Janeiro apenas contava em seu seio (no anno de 1580) um estabelecimento começado ; mas era tal a sua fertilidade e tão admiravel a magnificencia da sua bahia, que podia presagiar-se a sua futura grandeza.

Do Dr. Cassio de A. Farinha, redactor da *Patria.* A *Patria*, de Montevideo, 1 de Outubro de 1880.

Á 1 hora da tarde, todos os passageiros invadiram a parte superior do navio, desejosos de apreciarem as mil bellezas que encerra a pittoresca bahia do Guanabara. As perguntas, as exclamações, os gritos de alegria trocavam-se de todos os lados, e ouviam-se da boca dos Argentinos e Orientaes as expansivas palavras pronunciadas em eloquente arrebatamento : *Qué bello pais del mundo ! Qué esplendida natureza !* Os Francezes tambem acompanhavam esse côro com seus enthusiasmos : *Ça enchante ! C'est bel !*

Da poetisa rio-grandense D. Delfina Benigna da Cunha. *Á chegada de S. M. Fidelissima a Sra. D. Maria da Gloria.*

Alça Neptuno a fronte coroada  
De verde musgo e de coral ramoso,  
E ao Nietheroy saudando respeitoso,  
Bem diz do Rio a sorte afortunada.

Do Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. Canção *Ao vice-rei Luiz de Vasconcellos*, em 1785.

Receba o vasto mar no curvo seio  
Os marmores talhados ;  
O amoroso delfim, o tritão feio  
Respeitem temerosos e admirados  
A muralha, onde Thetis quebra a furia,  
Do maritimo Jove eterna injuria.  
Ao ar se eleve torre magestosa,  
Thesouro amplo e profundo,  
Das riquezas que envia a populosa  
Europa e Asia grande ao Novo-Mundo,  
Por quem soberbo, oh Rio, ao mar te assomas,  
Tu que do mez primeiro o nome tomas.

De Antonio José Victorino de Barros. *O almirante Visconde de Inhaúma*, ultimo capitulo.

No dia 18 de Fevereiro o embandeiramento do morro do Castello indicava, ás 6 1/2 da manhã, que o debellador de Curupaity, Humaitá, Timbó, Tebiquary e Angostura, o esmagador dos grillhões do Paraguay, o franqueador de suas aguas, demandava na *Nietheroy* de madeira a magestosa *Nietheroy* dos Tamoios e Aimorés.

Do conselheiro José de Alencar. Alfarrabios *O Ermitão da Gloria.*

Embora expulsos das terras da Guanabara, e destruida a nascente colonia, não desistiram os francezes do intento de se assenhorearem de novo da magnifica bahia, onde outr'ora campeára o forte Coligny.

Cartas sobre a *Confederação dos Tamoios*, VII.

Quem quizer julgar o Sr. Magalhães na descripção do Brasil, que se acha em diversas partes do seu poema, basta



lançar um olhar pela magnifica bahia do Rio de Janeiro, ainda semeada de algumas ilhotas incultas, e reflectir sobre o aspecto d'essa natureza, quando virgem e selvagem.

De Salvador de Mendonça. *Carta-prefacio aos Quadros de Joaquim Serra.*

Em bôa hora veio o teu colloquio. Praticamos no meu retiro, e não sei si sabes, o rei das Hespanhas não o tem melhor. A um lado o mar, o mar azul da nossa bahia, as penhas formosas da Itapuca, a praia em semi-circulo correcto, como se o traçára o raio visual de alguma calma divindade grega. Aos outros lados as montanhas distantes, os outeiros proximos, o valle extenso, e sobre uma emi-nencia as poeticas ruinas da igreja colonial, monumento da crença que morre, padrão dos tempos de ardente fé popular.

Do Dr. Ladisláo Neto. *Investigações sobre o Museu Nacional.*

O Rio de Janeiro, estação de reparo e de abastecimento para as grandes viagens de circumnavegação, era então, como tem sido, e será por longos annos talvez, o ponto de estudo mais importante e mais bello da America Meridional aos olhos de todos quantos admiram, por sentimento e razão, as magnificencias e galas da natureza.

Do Dr. R. L. Vieira Souto. *O melhoramento da cidade do Rio de Janeiro.*

Situada quasi no meio da extensa costa do Brasil, á entrada da mais bella bahia do globo, bafejada diariamente por uma aragem branda e pura, proxima, e por assim dizer, centro de uma extensa zona de terrenos de inacreditavel uberdade, e, mais que tudo, séde do governo de um vasto e prospero paiz, o Rio de Janeiro está destinado a occupar, em futuro não muito remoto, um dos

primeiros, senão o primeiro lugar, entre as grandes cidades do mundo.

Do Dr. Aarão de Carvalho Reis. *Gazeta de Noticias*, de 28 de Janeiro de 1881.

Situada em meio da nossa extensa costa marítima, e quasi á igual distancia dos pontos extremos, tem a cidade do Recife, por sua posição geographica, uma importancia commercial, em que só póde ser avantajada, no Brasil, pela do Rio de Janeiro, graças á esplendida bahia em que se espelha esta.

De Domingos Manoel de Oliveira Quintana. *O Pai e o Filho*, romance.

Nirguem póde encontrar em uma madrugada espectáculo mais bello do que o aspecto encantador da bahia do Rio de Janeiro. Pequenas embarcações cortam as ondas em diversas direcções, o Pão de Assucar parece um solitario meditando ante as montanhas, os montes parecem enfumagados, as fortalezas mal se distinguem; o sol nasce; e, por cima de tudo isto, um céu azul, sereno e bello, um céu sem igual.

De Carlos Augusto de Sá. *O Guaraciaba* n. 23, de Fevereiro de 1851.

. . . . .  
Em frente á face minha o Pão de Assucar  
Ergue soberbo a cupola escavada

    Ás regiões do céu.

A um lado Nictheroy quêda repousa,  
De sombras rodeada, envolta em dobras

    De ennegrecido véo.

        Vejo á dextra a collina verdejante

        Da Senhora da Gloria, onde seu templo

            Se alevanta gentil;

        E tão bello nas aguas se revendo,

        Nas aguas da formosa Guanabara

            De purissimo anil.

Do bispo d'Elvas (D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho). *Ensaio economico sobre o Comm. de Portugal.*

O Rio de Janeiro está situado, como Lisbôa, á borda do mar, que, entrando por uma barra estreita, se póde fechar com uma cadêa, mas é muito funda e sem algum perigo, nem cachopos; fórma dentro uma enseada tres vezes maior do que a do Tejo, capaz de n'ella ancorarem grandes armadas de guerra, abrigadas de todos os ventos, e com muitas ilhas pelo meio, povoadas de fazendas e quintas, que fazem a vista aprazivel e agradável. Da serra dos Orgãos e suas vizinhanças descem para a mesma enseada muitos rios de fundo bastante para grandes barcos carregados de viveres e generos de commercio para as ribeiras e mercados da cidade.

De Francisco de Brito Freire. *Nova Lusitania*, 1675, liv. I.

Os nossos, pelo descobrirem no primeiro dia do anno, lheram com propriedade o nome de Janeiro, e impropriamente o de Rio, porque, talhando horriveis penedias, de si mesmo entra aqui o mar, restringindo-se a menos de tiro de peça onde rompe a terra. E continuando a barra a propria distancia, na mesma estreiteza, estende com improvisa largura em circumferencia, a um fermoso seio de 24 leguas com 8 de diametro.

Do Dr. Bernardo J. da Silva Guimarães. *Á memoria de Dutra e Mello*. Canto á bahia do Botafogo.

Eis um vasto horizonte, um céu sereno,  
Serras, cascatas, ondeantes selvas,  
Rios, collinas, campos de esmeralda,  
Aqui valles de amor, vergeis floridos,  
De frescas sombras perfumado asylo,  
Além erguendo a voz ameaçadora  
O mar, como um leão rugindo ao longe,

Ali dos montes as gigantes fórmas  
Com as nuvens do céo a confundir-se,  
Desenhando-se em longes vaporosos.  
Donoso quadro que me arrouba os olhos,  
N'alma acordando inspirações saudosas!  
Tudo é belleza, amor, tudo harmonia,  
Tudo a viver convida,  
Vive, ó poeta, e canta a natureza.  
N'estas fecundas venturosas plagas  
Não têm dominio vingativos nunes,  
Nem malfazejas fadas n'ellas reinam;  
Aqui sómente a próvida natura  
Das engenhosas artes ajudada,  
E sem auxilio de sonhados nunes,  
Prodigios gera, como a Grecia nunca  
Em seus mais bellos sonhos fabulára.

Do Dr. Saturnino Soares de Meirelles. *These de Medicina* em 1855.

A cidade do Rio de Janeiro está comprehendida entre a linha, que, partindo do Pão de Assucar, essa gigante sentinella, que admira o viajante ao approximar-se do porto, vai em direcção irregularmente curva e parallela á cordilheira, terminando em Irajá, servindo de união a esses dous pontos extremos as praias, que banha a vasta e brilhante bahia, que tanto exalta a imaginação poetica do observador, que, admirado, contempla a prodigalidade da natureza.

Do Dr. Alexandre José de Mello Moraes. *Ensaio corographico do Brasil*.

Entre os objectos, que distinguem a provincia do Rio de Janeiro, está a magnifica bahia, desde sua foz, com 6 leguas de comprimento, 4 de largura e 32 de circumferencia. Uma infinidade de ribeiros e rios a banham, e toda a costa é aberta em excellentes bahias, distinguindo-se entre todas as do Rio de Janeiro e de Angra por seus excellentes ancoradouros.

Do Dr. André Rebouças. *Estudos sobre a concessão de garantia de juros. Jornal do Commercio* de 9 de Janeiro de 1874.

. . . . .  
A 3.<sup>a</sup> parallelá é a do Paraguassú. É uma das mais bellas e importantes do Brasil. Terá por estação terminal no Atlantico o magnifico porto da Bahia, só inferior no Brasil ao do Rio de Janeiro, que tambem não tem igual no mundo. . . A 6.<sup>a</sup> parallelá é a do Rio de Janeiro, que dará no futuro o caminho mais curto da capital do Imperio ao Oceano Pacifico. Sua estação marítima no Atlantico é o magnifico porto do Rio de Janeiro, a obra prima do Creator n'esta especie. Essa linha, já executada nas 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> secções da estrada de ferro D. Pedro II e no ramal de São-Paulo, pelo valle do Parahiba, tomará depois o valle do Paranapanema, e em Mato-Grosso os de Dourados e do Apa, nossa linha divisoria com o Paraguai; atravessará a Bolivia e chegará ao Pacifico no porto de Cobija. Assim, esta grande linha ligará, por uma feliz coincidência, o principal porto do Brasil, no Atlantico, ao mais importante porto da Bolivia, no Oceano Pacifico.

Do conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. *A França Antarctica.*

Levantando os ferros e desferindo as velas, chegaram os Francezes com prospera navegação ao Rio de Janeiro, e o magestoso panorama da nossa bahia não causou-lhes a impressão que se devêra esperar. Compararam-na com o lago de Genebra, mesquinho paradigma para essa grandiosa enseada, digna de igualar-se ao bello golfo de Napoles ou ao sublime Bosphoro.

De monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo. *Memorias historicas.* Vol. VII.

Levantaram os governadores da cidade fortificações em sitios aptos da grande bahia, que da barra para dentro

formosamente se estende pela circumferencia de 24 leguas... Além das ilhas referidas, mais de quarenta, umas maiores, outras menores, marchetam vistossissimamente a enseada... Cercam o interior da bahia encadeadas e espantosas serranias, que, á maneira de muralhas construidas pela natureza, continuam desde os Aimorés até se encontrarem com as do Chile, Perú e Granada. Das entranhas d'essas serras sahem as volumosas aguas, que, cortando os morros e fertilizando as campinas, formam muitos rios.

De Estacio de Sá e Menezes. *Historia do Brasil*. Leitura x.

A magestosa bahia do Rio de Janeiro não mereceu a minima attenção da metropole, que descuidou-se inteiramente de fortificar-a e erguer ahi alguma povoação. Admira, que Martim Affonso não lhe dêsse preferencia para a colonia, que vinha incumbido de fundar.

Do Dr. Joaquim Caetano da Silva. *L'Oyapoc et l'Amasone*, I, § 27, e II, § 2245.

No meiado do seculo XVI, sob o commando de Ville-gaignon, os Francezes tinham occupado a magnifica bahia do Rio de Janeiro; e da pequena ilha, onde elles se haviam fortificado, pretendiam estender o seu dominio até á margem do Prata, impondo logo ao paiz intermediario o nome de *França Antarctica*.

A bahia do Rio de Janeiro, tão rica em maravilhas, apresenta um magnifico monumento, na encantadora enseada da Jurujuba, entre as praias de Carahy e das Frechas, um tunel natural, conhecido sob o nome indigena de *Itapuca* (pedra furada).

Do Tenente Francisco Pereira Dutra. Poesias, Canticos. *Ao voltar do Rio da Prata em 1854*.

Salve, terra feliz! ditozas plagas,  
Montes do patrio Rio, eu te saudo!

Vou agora matar longas saudades,  
D'auzencia terminar tantos tormentos!

Revêr-te emfim, ó Patria.

Eis da Gavea o gigante preguiçoso,  
Na força sem igual mui confiando;  
O protector soberbo de teu porto,  
O' meu caro Janeiro! ahi dormita.  
São vagas que se quebram? não, é elle,  
É elle que resona.

Mas que vejo? desperta, se levanta...  
O' medonho Cyclope! não, não ouzes  
A' minha debil nave algum rochedo,  
Pão de Assucar enorme, ou Corcovado,  
Impiedoso arrojard—verei a morte.  
Mas não... está tranquillo, eu me asseguro.

A dilatada sombra que projecta  
Feia noite arremeda sobre a terra;  
Já nas mãos equilibra arco terrível,  
Maior talvez que o iris vaporoso.  
Sua aljava é vorage que arrancára  
Das entranhas dos mares.  
Sobre a fronte depõe alta corôa  
Que Boreal-Aurora lhe emprestára.  
Seu penetrante olhar divisa prompto  
As personagens mesmo de além-mundo;  
Abrindo a cavã boca, a voz arranca,  
Julguei ser tempestade—elle fallava.  
Assustou-se o Atlantico e dos Orgãos  
Os fundamentos todos se abalaram:

«Deixaste o meu Brasil attribulado;

«Vem vêr, mortal mesquinho, como agora

«Em tão rapido tempo elle apparece

«No livro das nações de gloria cheio,

«E aligero, atrevido

«Sobre as vias se atira do progresso.

«Estupefacto attento, e extasiado

«Não deixes de exaltar o grande genio

«Que a seus vóos preside, que os dirige.

«Agora que ociosa a tua espada

«Não mais respira a séde dos combates,

«Retoma a abandonada eburnea lyra,

«Afina as cordas de ouro, canta, ó vate!»

Elle disse; e de novo recoberto  
De granítico manto, se arrojára  
Sobre o concavo leito, e inda lá dorme.

Só a ti, meu paiz! tão nobre guarda  
Reservára o Destino. Protegido  
Por seu braço potente, não hesites,  
Corre ligeira á gloria, ó Patria, á gloria!  
Viva, viva teu genio!

Dr. Aureliano Candido Tavares Bastos. *Cartas do Solitario*. x.

Vêde a bahia formosissima do Rio de Janeiro, que deveria estar cortada de elegantes *steam-boats* em todos os sentidos, como esses bellos vasos da companhia Ferry. O privilegio, como já disse, adormece, e dá-nos por muito favor essas barcas sem asseio todas, e ronceiras algumas, que sulcam as aguas da esplendida Guanabara.

Do Dr. Leonel de Alencar. *A Sonambula de Itapuca*.

Como é linda a praia do *Icarahy* em noite de luar!... Ali sentei-me sobre uma pedra, e esqueci-me um tempo perdido na contemplação do quadro admiravel que se abria diante de mim: o Pão de Assucar ao longe como uma sentinella nocturna no seu posto; a bahia dourada pelo luar; as luzes da fortaleza de vigia brilhando como os olhos de Argos.

De José da Silva Lisbôa, Barão de Cayrú. *Hist. dos princ. successos do Brasil*. Cap. 18. Tomo 1º.

Martim Affonso ancorou na paragem, que fica proxima ao escarpado penedo, que depois se chamou *Pão d' Assucar*, que a principio se intitidou *Porto de Martim Affonso*, e ora se diz *Praia-Vermelha*. Aquella espaçosa e magnifica abra tinha o nome de *Nictheroy*, que na lingua dos Tamoios significa *mar-morto*.



Do Chefe de divisão Arthur Silveira da Motta. *Revista Marítima*. N. 3. Outubro de 1881.

A bahia do Rio de Janeiro é o ponto estrategico mais importante do nosso littoral, e o mais apropriado a todos os respeitos para o estabelecimento de um unico grande arsenal para a construcção e armamento de nossos vasos de guerra.

Do Dr. José Carlos Rodrigues. *Echo Americano*, 2 de Dezembro de 1871.

Traçando extensissima curva, bem como as azas da aguia marinha librando-se nos altaneiros vôos, adormece a esplendida bahia de Botafogo aos fogos abrazadores do meio dia, e á noite a um desmaio da lua sobre as suas aguas limpidas, as ondinhas americanas descantam baixinho no murmurar da vaga, que se espoja, canções magoadas de poesia, endeixas molles de um sentimento ideal.

Do Dr. Alexandre José de Mello Moraes Filho. *Hymno á Guanabara*. *Echo Americano*, 1872.

Salve! cabocla gigante!  
Que além te avultas do mar!  
E em redes de mil florestas  
Dormes á luz do luar.  
De pé, por sobre collinas,  
O' Guanabara, dominas,  
Nesses teus thronos de azul...  
É das vagas nos regaços,  
O' India, estendes os braços  
Para o Cruzeiro do Sul.

. . . . .  
Salve! Indiana formosa!  
Que tens o mar a teus pés!  
E como um cão que te affaga  
Vês suplantado o Aimorés.

Tu és do bardo a magia,  
De uma harpa santa a harmonia  
Vibrada ao esplendor dos céus;  
Vêr-te no espaço perdida  
É crêr-se n'uma outra vida,  
É vêr-se a sombra de Deus.

Do Conselheiro Miguel Maria Lisbôa, (Barão de Japurá). Romances brasileiros. *O patriarca da Independência*.

Existe um lago formoso,  
Que abrigando cem caudaeis  
Para encanto dos mortaes  
Nitheró guarda orgulhoso.

Os dois pilares fronteiros,  
Que a entrada altivos lhe bordam,  
Do grande Alcides recordam  
Os trabalhos derradeiros.

Nitheró, alli descansando,  
Seu colossal corpo estende,  
E o ceu com seu rosto fende  
As tormentas regulando.

D'este lago á borda está  
De erguidas torres corôada  
A cidade aventurada  
Que o ser deve a Mem de Sá.

Ilhas mil, de Amor afago,  
Inspirando paz, descanso,  
Brotam do regaço manso  
D'este fresco e ameno lago.

A qualquer d'ellas pudera  
Dos luzos o vate amado  
Ter por modelo tomado  
Para a ilha de Cythera.

Mas todas vence em primores,  
Mais que todas se ergue airoza,  
A Paquetá primorosa,  
Morada de mil amores.

. . . . .  
Na Paquetá primorosa  
Onde tristes mas sem tacha  
Passam-se os fugazes dias  
Do illustre e immortal Andrada.

. . . . .  
Do Dr. Francisco Belisario Soares de Souza. *Notas de um viajante brasileiro, J. do Comm.* 15 de Março 1881.

A bahia do Rio de Janeiro é certamente esplendida de belleza, quer se considere no seu todo imponente e gracioso, quer nos seus pormenores, as suas enseadas e ilhas. A paizagem tem ali cunho particular, que nunca vi em outros lugares. Eu a tinha bem na lembrança e na imaginação quando, da ilha da Ischia, a antiga Caprea de Tiberio no golfo de Napoles, contemplava aquelle admiravel scenario do mar, da cidade, do campo e das montanhas.

De Theotonio Meirelles da Silva. *Apontamentos para a historia da marinha brasileira.*

A familia real e sua côrte não podiam encontrar azilo mais seguro, confortavel e aprazivel do que a cidade de S. Sebastião; a esquadra portugueza não podia tambem encontrar melhor, mais vasto e abrigado porto no mundo, do que a bahia do Rio de Janeiro.

Do Senador José Saturnino da Costa Pereira. *Roteiro das costas do Brasil.*

O porto do Rio de Janeiro recebe navios de todas as partes do mundo, não só por destino directo, como por escala de navegação para o Rio da Prata, portos e ilhas do Pacifico e continentes da Africa e Asia. Sua posição geographica, media entre o Equador e os cabos de Horn e da Boa-Esperança; a facilidade da entrada e sahida em todos

os dias do anno; seu vasto e abrigado ancoradouro, capaz de conter as maiores esquadras, dão-lhe uma superioridade de que não goza, em maior gráo, nenhum porto do mundo.

Do Dr. João Severiano da Fonseca. *Viagem ao redor do Brasil.*  
Tomo 2º.

Ás 5 horas da manhã enfrentámos com o pico de João de Leão, digno irmão do Pão d'Assucar, e ás 6 horas e 35 minutos entravamos na formosissima bahia do Guanabara, onde fundeámos ás 7 horas em ponto, tendo assim dado volta redonda á quasi todo o Brasil — *de toda a terra habitada a região mais formosa* — na phrase de Southey, o illustrado e circunspecto historiador.

Do Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay. *Carta ao autor.*

A bahia do Rio de Janeiro é, sem contestação, uma das maravilhas naturaes do globo. Sua vastidão, sua moldura de pittorescas montanhas, a segurança que offerece aos navegantes, a belleza das immensas praias e enseadas, a disposição de outeiros que a circumdam vestidos de opulentissima vegetação, a luz vivissima dos tropicos que a illumina, contrapondo deslumbrantes scintillações a sombras escurissimas, tudo concorre para que aos olhos do homem extasiado se desenrole um dos mais sorprendedores espectaculos que n'esta terra se lhe depare.

Tivesse a capital do Imperio em suas construcções character monumental e verdadeiramente architectonico, ligando assim mais intimamente a grande obra de Deus á dos homens, e esta cidade fôra, sem duvida alguma, o ponto de romaria de quantos sentem n'alma os preciosos instinctos do artista. . .

Do Dr. Rozendo Muniz Barreto:

SAUDAÇÃO Á BAHIA DO RIO DE JANEIRO

Na terra de Moema, idolatrada terra,  
quanto eu era feliz, mirando o céu e o mar!  
Mas, de repente, ao brado electrico da guerra,  
da Patria pelo amor deixei o patrio lar.

Os dominios transpuz do genio das procellas,  
ao sorrir da bonança em céu fulgente e azul;  
e assim nas ondas vi banharem-se as estrellas,  
antes de te avistar, brasilica Stambul.

Nos arcanos do mar, aberto o pensamento,  
saudades da Bahia em lagrimas guardei.  
Quando pensava em terra ás magoas dar alento,  
Guanabara gentil, contigo me encontrei.

Em leito immenso de espumas  
ao romper d'alva dormias  
e n'um turbante de brumas  
a tua frente escondias.  
E quando apressei-me, ancioso  
de vêr-te o talhe formoso,  
de tocar-te os lindos pés,  
pareceu-me ouvir, distante,  
a voz de petreo gigante  
a perguntar-me: Quem és?!

Que granito em fôrma humana  
no decubito dorsal!  
Que vista se não engana  
ante o vulto colossal!  
Temi que se levantasse  
e que horrivel se arrojasse,  
o gigante sobre mim...  
mas, quando a aurora mostrou-se,  
o monstro petrificou-se  
e eu delle sorrindo vim.

Que panorama estupendo  
desenrolou-se a meus olhos!  
O dia as nuvens rompendo  
e as nuvens orlando abrolhos!  
Dir-se-hia que n'essa hora  
entre os effluvios da aurora  
na cordilheira e no val,  
por mirifica harmonia  
o céo na terra se abria  
à luz do sol tropical.

Que pittorescas montanhas!  
que hospitaleira cidade  
do oceano contra as sanhas  
contra o horror da tempestade!  
Que painel bem moldurado!  
Que templo no Corcovado  
para erguer-se a mente aos Céos!  
Aqui naturaes fulgores,  
além humanos labores,  
e em tudo o poder de Deus!

Guanabara, a historia escuta  
de sobrehumanos prodigios.  
Fôste a cauza de uma luta  
de que vejo inda vestigios.  
É cada um d'estes montes,  
um bando de mastodontes  
que disputaram-te em vão,  
e hoje, pelo Infinito  
reduzidos a granito,  
bem servem de protecção.

Que benefica mudança  
d'aquelles montes em pedras!  
D'elles houveste a pujança  
e d'elles á sombra medras.  
E quando invasora armada,  
contando com franca entrada,  
tente de ti se apossar,  
hão de as quilhas altaneiras  
perder-se em torno ás barreiras  
com que Deus te quiz guardar.

Mostra ao mundo quanto vales,  
que a natureza te abriga  
da indigencia contra os males,  
contra a arrogancia inimiga.  
Maravilha americana,  
belleza de que se ufana  
a terra de Santa Cruz,  
brilha em tuas alegrias,  
que offuscar-te as louçanias  
só cabe á divina luz.

FIM.

## ESCRITORES NACIONAES CITADOS

- |   |   |
|---|---|
| <p>Abreo Lima (General).<br/>         Albano Cordeiro (José).<br/>         Alencar (Dr. José de).<br/>         Alencar (Dr. Leonel de).<br/>         Alvarenga Peixoto (Dr. Ignacio José).<br/>         Andréa (Marechal Barão de Cassapava).<br/>         Ayres de Casal (Padre).<br/>         Azeredo Coutinho (D. José Joaquim da Cunha, Bispo d'Elvas).<br/>         Balthazar da Silva Lisboa.<br/>         Boria Castro (Dr. Agostº Victor de).<br/>         Bino Freire (Francisco de).<br/>         Candido Baptista de Olivº (Senador).<br/>         Candido Mendes de Almeida (Sen.).<br/>         Capanema (Dr. Guilherme Schuch, Barão de).<br/>         Carlos Augusto de Sá.<br/>         Carvalho Reis (Dr. Aarão).<br/>         Cassio d'Avila Farinha (Dr.).<br/>         Cazimiro de Abreu.<br/>         Cunha Matos (Marechal Raymundo José da).<br/>         D. Delfina Benigna da Cunha.<br/>         De Lamare (Almirante Joaquim Raymundo).<br/>         De Pascual (A. Diodoro).<br/>         De Simoni (Dr. Luiz Vicente).<br/>         Dutra (Francisco Pereira).<br/>         Dutra e Mello (Antonio Francisco).<br/>         Elisiario dos Santos (Almirante).<br/>         Escragnolle Taunay (Dr. Alfredo).<br/>         Fagundes Varella (Luiz Nicoláo).<br/>         Fernandes Pinheiro (Conego J. Caetano).<br/>         Fr. Francisco de S. Carlos.<br/>         Fonseca (Dr. João Severiano).<br/>         Galvão (Dr. Manoel da Cunha).<br/>         Guimarães (Dr. Bernardo Joaquim da Silva).<br/>         Januario da Cunha Barboza (Conego).<br/>         Joaquim Caetano da Silva (Dr.).<br/>         Joaquim Norberto de Souza e Silva.<br/>         José Saturnino da Costa Pereira (Senador).</p> | <p>Ladisláo Neto (Dr.).<br/>         Lisboa (José da Silva, Visconde de Cayrú).<br/>         Lisboa (Miguel Maria, Barão de Japurá).<br/>         Luiz Gonçalves dos Santos (Conego).<br/>         Magalhães (Dr. Domingos J. Gonçalves, Visconde de Araguaya).<br/>         Macedo (Dr. Joaquim Manoel de).<br/>         Mello Moraes (Dr. Alexº José de).<br/>         Mello Moraes Junior (Dr. A. J. de).<br/>         Moreira de Azevedo (Dr. Manoel Duarte).<br/>         Muniz Barreto (Dr. Rozendo).<br/>         Pereira da Silva (Conego João).<br/>         Pereira da Silva (Conselh. Dr. João Manoel).<br/>         Pizarro (Monsenh.)).<br/>         Porto Alegre (Manoel de Araujo, Barão de S. Angelo).<br/>         Quintana (Domingos Manoel de Oliveira).<br/>         Rebouças (Dr. André).<br/>         Rebouças (Dr. Antonio Pereira).<br/>         Rocha Pita (Sebastião).<br/>         Rodrigues (Dr. José Carlos).<br/>         Sá e Menezes (Estacio).<br/>         Salvador de Mendonça.<br/>         Santa Rita Durão (Fr. José).<br/>         Saturnino Meirelles (Conselh. Dr.).<br/>         Silva Alvarenga (Dr. Manoel Ignacio).<br/>         Silvº da Mota (Almirante Arthur).<br/>         Soares de Souza (Dr. Francisco Belisario).<br/>         Tavares Bastos (Dr. Aureliano Candido).<br/>         Teixeira e Souza (Antonio Gonçalves).<br/>         Theotonio Meirelles da Silva.<br/>         Varnhagen (Francisco Adolpho, Visconde de Porto Seguro).<br/>         Velho da Silva (Dr. José Maria).<br/>         Victorino de Barros (Antonio José).<br/>         Vieira Souto (Dr. Luiz Raphael).<br/>         Villela Barboza (Francisco, Marquez de Paranaguá).</p> |
|---|---|





## ESCRITORES ESTRANGEIROS

- Agassiz.  
Alcide d'Orbigny.  
Andrade Ferreira (João).  
Andrew Grant.  
Antonio Diniz da Cruz Silva (Dr.).  
Arago (Jacques).  
Assier (Adolfo d').  
Auchincloss (William).  
Barral.  
Beauchamp (Affonso de).  
Bernard (Engenheiro Charles).  
Bernardino d'Almeida (Dr. Domingos).  
Bescherelle.  
Biaud (Francisco).  
Brakenridge.  
Bougainville.  
Burton (Ricardo).  
Cantillo (Dr. José Maria).  
Castelnau (Conde de).  
Castilho (Cons. José Feliciano).  
Chauchard et Muntz.  
Cook (Capitão).  
Corbisier (Dr. Charles).  
Dabadie.  
Darwin (Charles).  
Debret (João Baptista).  
De Granges (Edmond).  
De Lassalle.  
Delessert (Emile).  
Desobry et Bachelet.  
Dumont d'Urville.  
Dupetit Thouars.  
Dutot.  
Ellis (Sir Henry).  
Eugenio Rodriguez.  
Evaristo Parry.  
Ewbank (Thomaz).  
Ferdinand Denis.  
Fernam Cardim.  
Forbes.  
Fourcy Bremoy.  
Freycinet.  
Gabriel Soares.  
Gaffarel (Paulo).  
Gandavo (Pero de Magalhães).  
Gardner (Dr.).  
Garibaldi (General).  
Gaudichaud.  
Gaultier (Abade).  
Gilbert Mathison.  
Gonçalves Junior (Manoel Joaquim).  
Guibert (Adriano).  
Guido (D. José Thomas).  
Guimard.  
Hadfield (William).  
Hartt (Dr. Ch. Frederico).  
Horace Say.  
Ida Pfeiffer.  
João de Aboim.  
José de Torres.  
Kidder (Rev. Daniel).  
Klumb (Henry).  
La Beaumelle.  
La Hure (Conde de).  
Laplace.  
Larousse.  
Laveleye.  
Law (Henry).  
Ledoux.  
Lery (Jean).  
Leynadier (Camillo).  
Liáis (Dr. Emmanuel).  
Lubbock (João).  
Mac-Vernoll.  
Malte Brum.  
Mansfieldt (Charles).  
Marmol (D. José).  
Mawe (John).  
Maximiliano (Principe de Neuwied).  
Michelena y Roxas.  
Monteverde (Emilio Achilles).  
Moré (J. L.).  
Morrell.  
Mouchez.  
Neat (Carles).  
N. X. (Secretario d'Embaixada).  
Parish (William).  
Purdy (John).  
Radiguet (Max).  
Ramière (d'Elvas).  
Raynal (Abade).  
Roussin (Barão).  
Rugendas (Mauricio).

Rybeirolles (Charles).	Urzel (Conde d').
Saint-Hilaire (Auguste).	Vaillant.
Scully (William).	Van Lede (Charles).
Santa Maria (Fr. Agostinho de).	Vianna Pedra (Manoel Antonio).
Simão de Vasconcellos.	Vilhena Barboza (J. de).
Spix et Martius.	Walsh.
Southey (Roberto).	Walthere de Sely Longchamp.
Suzanne (Conde de).	Warner and Harris.
Taunay (Hyppolito).	Wilkes (Charles).
Thomaz Antonio dos Santos e Silva.	Wolf (Dr. Fernando).
Thomé de Souza.	Yvan (Dr.).
Urcullú (D. José).	

